



Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Linguística I

Volume 1

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Apoio:



FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

www.cederj.edu.br

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Marilvia Dansa de Alencar

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Maria de Freitas Reis Teixeira

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Fabio Peres

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Lúcia Beatriz da Silva Alves

Maria Matos

Milena Aguiar

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

Departamento de Produção

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Equipe CEDERJ

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Equipe CEDERJ

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alexandre d'Oliveira

ILUSTRAÇÃO

Bianca Giacomelli

CAPA

Bianca Giacomelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2012, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

S725s

Sousa, Silvia Maria.

Linguística v. 1. / Silvia Maria Sousa; Vanise Medeiros.

Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

220 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN 85-7648-809-5

I. Linguística. II. Signo linguístico. III. Linguagem.

CDD 410

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Wilson Witzel

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Leonardo Rodrigues

Universidades Consorciadas

**CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA**
Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

**FAETEC - FUNDAÇÃO DE APOIO
À ESCOLA TÉCNICA**
Presidente: Alexandre Sérgio Alves Vieira

**IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE**
Reitor: Jefferson Manhães de Azevedo

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**
Reitor: Luis César Passoni

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ruy Garcia Marques

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO**
Reitora: Denise Pires de Carvalho

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Ricardo Luiz Louro Berbara

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 1 – Linguística? O que é isso? _____	7
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 2 – Existe linguagem animal? _____	27
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 3 – Índice, símbolo e signo _____	43
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 4 – O signo linguístico _____	63
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 5 – Linguística: ciência no século XX _____	81
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 6 – Antigos interesses e uma nova descoberta: a língua _____	101
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 7 – A língua vista de perto _____	119
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 8 – Duas dicotomias saussurianas _____	135
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 9 – Língua: uma questão de valor _____	153
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 10 – Língua: uma questão de valor – parte II _____	173
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Aula 11 – Os dois eixos da linguagem: sintagma e paradigma _____	191
<i>Silvia Maria de Sousa</i> <i>Vanise Medeiros</i>	
Referências _____	211

Linguística? O que é isso?

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

1

Meta da aula

Apresentar a Linguística como uma ciência da linguagem.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar o ponto de vista descritivo do ponto de vista prescritivo;
2. identificar o caráter científico que embasa os estudos linguísticos.

INTRODUÇÃO

Desde muito pequenos, falamos. Todo ser humano, em todas as partes do mundo, se comunica, seja para expressar seus desejos, fazer um pedido, um elogio, uma pergunta. De onde surgiu essa capacidade? Como se dá a aquisição da linguagem? Por que somos capazes de entender e de criar novas palavras? E as diferentes línguas do mundo, de onde vêm? Será que têm algo em comum? Por que as línguas mudam? Ou ainda: em que a linguagem humana se diferencia da linguagem animal? Essas são algumas das muitas perguntas que intrigam o homem há muito tempo. Você deve se lembrar de histórias como a da Torre de Babel, entre outras, que buscam explicar a origem das diferentes línguas. Ou ainda, em algum momento, já deve ter se perguntado por que o português falado em Portugal é tão diferente do português brasileiro. Será mesmo que o português é a língua mais difícil do mundo? Será que existem línguas mais difíceis que outras?

A Torre de Babel explica a origem de sua língua?

De acordo com o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), a Torre de Babel foi erguida na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de tornar seus nomes eternos. A ideia era construí-la tão alta que alcançasse o céu. Tal soberba provocou a ira de Deus, que, a fim de castigá-los, misturou as línguas deles e os espalhou por toda a Terra.

Possivelmente, esse mito é inspirado na torre do templo de Marduk, nome cuja forma em hebraico é Babel ou Bavel e significa "porta de Deus". Hoje, essa história é entendida como uma tentativa dos povos antigos de explicarem a variedade de idiomas. Porém, ainda restam ruínas de torres no sul da antiga Mesopotâmia que se ajustam perfeitamente à Torre de Babel descrita pela Bíblia.

Fonte: www.historiadomundo.com.br/babilonia/torre-babel.htm



Pieter Bruegel the Elder

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Brueghel-tower-of-babel.jpg>



Um linguista, estudioso da língua, deve ser movido pela CURIOSIDADE sobre o que está por trás das trocas linguísticas, como elas se dão, como funciona a linguagem e quais as implicações desse fenômeno. Você já se perguntou por que será que, por exemplo, os falantes de uma mesma língua se entendem, mesmo quando falam de modos diferentes? E por que não se entendem também? Perguntar é a atitude que move todo e qualquer cientista, e o linguista dela não escapa.

A Linguística é uma ciência que se presta a estudar a linguagem humana. Entretanto, ela não se confunde com o estudo dos diferentes idiomas, nem com o estudo tradicional da gramática. A Linguística busca investigar, explicar e descrever os fatos linguísticos. Mas o que isso significa? É isso que vamos começar a entender nesta aula!

DESCRIÇÃO X PRESCRIÇÃO



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1174376>

Você já deve ter lido em jornais e revistas seções sobre “alimentação saudável”, que trazem as opiniões de vários especialistas sobre o que se deve ou não comer, os tipos de alimentos, as quantidades e as combinações certas, não é? Por exemplo, se alguém se encontra com nível do colesterol ruim alto, o médico pode lhe prescrever tanto remédios que abaxem o nível do colesterol quanto lhe prescrever uma alimentação adequada, isto é, sem elementos gordurosos.

Tais conselhos deixam claro que existe uma maneira correta de se alimentar que se opõe a hábitos alimentares errados. As atitudes consideradas corretas devem ser seguidas e são, portanto, prescritas por esses especialistas. Prescrever é, então, recomendar uma norma de comportamento.

No caso do uso da língua, é comum também haver algumas prescrições, ou seja, conselhos sobre o “bom” uso da língua. O ponto de vista prescritivo é adotado, por exemplo, pela gramática tradicional, quando apresenta um conjunto de regras que *devem* ser seguidas.



Atende ao Objetivo 1

1. Leia os fragmentos do poema “Receita de mulher”, de Vinicius de Moraes, e anote as palavras e expressões que considere como prescrições sobre o modo de ser da mulher.

Texto 1

Receita de mulher

(...)

Ah, deixai-me dizer-vos

Que é preciso que a mulher que ali está como
a corola ante o pássaro

Seja bela ou tenha pelo menos um rosto que
lembre um templo e

Seja leve como um resto de nuvem: mas que seja uma nuvem

Com olhos e nádegas. Nádegas é importantíssimo. Olhos, então

Nem se fala, que olhem com certa maldade inocente. Uma boca

Fresca (nunca úmida!) é também de extrema pertinência.

É preciso que as extremidades sejam magras; que uns ossos

Despontem, sobretudo a rótula no cruzar as pernas, e as pontas pélvicas
No enlaçar de uma cintura semovente.

Gravíssimo é porém o problema das saboneteiras: uma mulher sem sabo-
neteiras

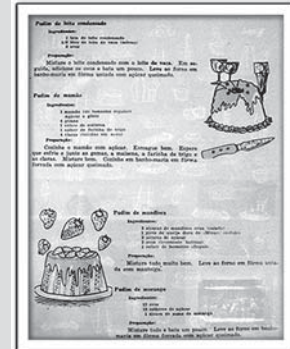
É como um rio sem pontes. Indispensável

Que haja uma hipótese de barriguinha, e em seguida

A mulher se alteia em cálice, e que seus seios

Sejam uma expressão greco-romana, mais que gótica ou barroca (...)

(MORAES, 1968, p. 374-376).



Fonte: http://farm4.static.flickr.com/3340/3248778368_10bf01aaca.jpg

Agora leia o fragmento do artigo “O mundo sem gerúndio”, de José Renato de Miranda, e anote as palavras e expressões que considere como prescrições para o uso da língua portuguesa.

Texto 2

O mundo sem gerúndio

Em algum lugar do passado, era estudante na faculdade de Jornalismo. O professor de Técnicas de Redação, Nilson Lage, ensinava as normas para

se chegar a um leve texto de reportagem. Orientava sobre a importância de parágrafos curtos, de se cortar prolongamentos na narrativa dos fatos, e aí citou:

É aconselhável evitar o gerúndio.

Fiz da sugestão uma obrigação. (...)

Da faculdade em diante, este hábito virou um curioso vício. É impossível mensurar o volume de textos que redigi como jornalista, professor universitário e, atualmente, como consultor empresarial. Todas as linhas, inclusive as particulares, sem gerúndio (MIRANDA, 2006, p. 7).

RESPOSTA COMENTADA

No texto 1, há o uso dos verbos no imperativo, como “deixai” e “seja”, bem como de expressões, como “é preciso que”, “é importantíssimo”, “é também de extrema pertinência”, “indispensável”. No texto 2, podemos destacar as expressões “ensinava as normas”, “orientava”, “importância” “é aconselhável”, “evitar”, que dão aos textos um tom prescritivo, isto é, funcionam como normas, conselhos e atitudes a serem seguidas, por serem consideradas corretas.

Ao contrário da prescrição, a descrição linguística, como a própria palavra já indica, consiste em descrever a língua sem, no entanto, receitar ou indicar o que seria bom ou ruim, o que seria correto ou incorreto. É sobre isso que vamos começar a tratar de forma mais detalhada a partir de agora.

Para que você entenda um pouco melhor a diferença entre descrição e prescrição, leia este texto do linguista Mario Perini:

O ensino do português muitas vezes difunde a crença de que existe uma maneira “certa” de usar a língua, e que essa é a única maneira aceitável; todas as outras são “erradas”, devem ser evitadas. Isso é reforçado por colunas em jornais, gramáticas escolares, livros de “não erre mais” e a pressão social de todo momento. Essa atitude, com suas perniciosas consequências, tem sido objeto de crítica por parte de linguistas e professores, mas continua presente na escola e na vida.

Não há menor base linguística para a distinção entre “certo” e “errado” – o linguista se interessa pela língua como ela é, e não como ela deveria ser. Imagine um historiador que descobre que determinado povo antigo praticava sacrifícios humanos. Ele, pessoalmente, pode desaprovar esse costume, mas nem por isso tem o direito de afirmar que os sacrifícios não ocorriam – um fato é um fato, e precisa ser respeitado.

No entanto, quantas vezes não nos dizem que a palavra *chipanzé* “não existe” (porque o “certo” seria *chimpanzé*)? Dizer isso é desrespeitar o fato de que milhões de pessoas dizem *chipanzé*.

Um linguista parte sempre de fatos e, a cada passo, verifica suas teorias em confronto com eles: se muitos falantes dizem *chipanzé*, então ele precisa registrar esse fato, levá-lo em conta em sua descrição e teorização. E se todo mundo diz *me dá ele aí*, essa é uma estrutura legítima da língua falada do Brasil, e precisa figurar na descrição (PERINI, 2006, p. 21).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

2. Depois da leitura do texto de Mario Perini, responda às questões seguintes:

a) De acordo com o texto, qual é a crença difundida pelo ensino de português? Ela apresenta um caráter descritivo ou prescritivo? Por quê?

b) De acordo com o texto, sobre o que recai o interesse do linguista?

RESPOSTA COMENTADA

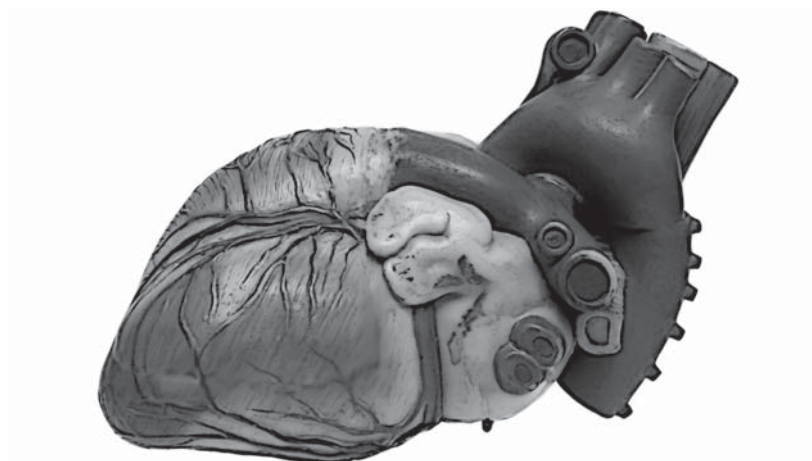
a) A crença de que existem maneiras certas e erradas de falar. Apresenta um caráter prescritivo, pois pretende determinar uma maneira considerada correta de se falar.

b) O interesse do linguista recai sobre os fatos linguísticos, ou seja, sobre aquilo que ocorre nas línguas, a fim de buscar explicar e descrever como esses fatos se dão.

Agora que você já fez as atividades sobre prescrição, pensemos um pouco mais sobre descrição. Leia o texto a seguir e tente adivinhar de qual órgão do corpo humano ele trata:

(...) é um órgão do sistema circulatório localizado na cavidade torácica, com posição central levemente deslocada para a porção esquerda do peito. É formado por músculo cardíaco estriado (miocárdio), apresentando massa compreendida entre 300 a 400 gramas em pessoas adultas.

Fonte: <http://www.mundoeducacao.com.br/biologia/.htm>



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1063960>

Adivinhou? É isso mesmo, o coração! É possível imaginar um estudioso dos sistemas do corpo humano prescrevendo regras de funcionamento para eles?

Certamente você respondeu que não.

É aí, então, que chegamos à questão da descrição. Descrever é mostrar as características de algo, é relatar ou detalhar um fenômeno, um objeto, um acontecimento.

Para isso, é preciso se deter na observação dos fatos, sem, entretanto, eleger um fato ou outro como mais relevante ou mais correto. No caso da Linguística, a observação recai sobre a linguagem, a fim de descrever as categorias que estão na base de seu funcionamento. Daí podermos dizer que a Linguística adota o ponto de vista *descritivo* e não o *prescritivo*. A adoção do ponto de vista descritivo é uma das diferenças entre o modo como a Linguística e a gramática normativa estudam a linguagem.

Assim, “perante construções do tipo ‘nós mora em São Paulo’, ‘o negócio que te falei’, o linguista se encontra com fatos linguísticos que deve descrever e explicar, mas que não deve ‘corrigir’: a Linguística não é prescritiva nem normativa, ela é uma ciência descritiva e explicativa” (LOPES, 1995).

LINGUÍSTICA: CIÊNCIA DESCRITIVA

A questão da descrição remete ao caráter científico da Linguística. Para começarmos a compreender o que isso quer dizer, releia o texto sobre o coração humano e escolha entre as assertivas *a* ou *b*:

As características sobre o coração humano dizem respeito:

- a) a um coração específico;
- b) ao coração de qualquer ser humano independente de raça ou nacionalidade.

Se você optou pela resposta *b*, provavelmente percebeu uma característica fundamental da ciência, que é a de ser generalizadora. Assim, a Linguística se interessa não por uma língua em particular, mas por todas as línguas, inclusive aquelas faladas por pequenos grupos de pessoas. Para a Linguística, não existe uma língua mais importante, mais complexa ou mais difícil que outra.

Em Rodrigues (1994), um linguista estudioso das línguas no Brasil, podemos acompanhar uma comparação entre verbos em duas línguas – português e tupinambá:

falávamos

pesepiáki

O verbo em Português *falávamos* é constituído de quatro elementos (morfemas): *fal-*, raiz; *-a*, vogal temática (marcador de classe ou conjugação a que pertence o verbo); *-va*, marcador da combinação de tempo, modo e aspecto (passado, indicativo, incompleto); *-mos*, marcador de sujeito (“nós”).

No Tupinambá, (na) *pesepiáki* “você não o viram”, também é formado por quatro elementos: *pe-*, marcador de sujeito (“você”); *s-* marcador de objeto (“o”); *-epiak*, raiz (“ver”); *-i*, marcador de negação verbal (que se usa redundantemente com a partícula *na*, que precede o verbo).

A diferença entre o verbo do Português e o do Tupinambá não está no número de constituintes, mas na natureza destes. Por um lado, o verbo em Português é formado só por sufixos, elementos que seguem a raiz, ao passo que o verbo do Tupinambá é formado também por prefixos, que antecedem a raiz. Por outro lado, os elementos constituintes do verbo em Português indicam sistematicamente além da classe ou conjugação (a qual não contribui para o significado da forma verbal), o tempo, modo e/ou aspecto no qual é apresentado o acontecimento referido na frase, e o sujeito desta frase. Já os constituintes do verbo do Tupinambá indicam sistematicamente o sujeito da frase e o caráter negativo (presença de *-i*) ou afirmativo (ausência de *-i*) desta e, ainda, se o verbo for transitivo, o objeto direto.

Rodrigues, depois de descrever o Tupinambá, conclui dizendo que os exemplos dados

Revelam também distintas maneiras de focalizar aspectos ou certas propriedades dos objetos ou das situações que envolvem os falantes de uma língua, seja ela indígena ou não. E permitem ver que cada língua tem determinadas finezas de expressão, que podem coincidir parcialmente com o que se dá em outras línguas, mas que, no conjunto, caracterizam uma língua dada como um sistema único de expressão humana, no qual cristalizaram os efeitos de uma experiência de vida de análise inteligente do mundo acumulada através das inúmeras gerações de um povo (RODRIGUES, 1994, p. 24-26).

A Linguística, como vimos, descreve em lugar de prescrever. Isto não significa que uma gramática normativa não descreva uma língua, como se pode observar em qualquer gramática. O que ocorre é que a gramática normativa elege uma norma como sendo a correta para ser descrita e seguida em produções escritas e orais. Já a Linguística, ao descrever, não emite julgamento de valor sobre a língua, isto é, não diz o que se deve fazer, escrever ou falar. Observe os exemplos a seguir:

- a) O verbo *chegar* rege a preposição *a*. Chega-se a algum lugar:
John Doe chega amanhã a São Paulo. O piloto Fulano de Tal chegou ao autódromo atrasado. A única exceção é a expressão chegar em casa, que pode ser usada. O substantivo *chegada* também rege *a*: *A chegada do presidente a Brasília foi tumultuada* (MANUAL..., 2001).
- b) *Imprimir* possui duplo particípio quando significa estampar, gravar. Na acepção de “produzir movimento”, “infundir”, usa-se apenas o particípio em *-ido*. Dir-se-á, por exemplo: *este livro foi impresso no Brasil*. Mas, por outro lado: *foi imprimida enorme velocidade ao carro* (CUNHA; CINTRA, 1985).

Em (a), o que observamos é a prescrição para usar a preposição *a* com o verbo *chegar*. Há ainda a indicação da única exceção possível: com a palavra *casa*. Em nenhum momento consideram-se ocorrências outras com tal verbo.

Em (b), além da explicação de que o verbo *imprimir* possui duplo particípio, a gramática nos informa quando devemos usar um ou outro particípio.

Observe agora o exemplo:

- c) (...) o acento em português é também distintivo, pois serve, pela sua posição, a distinguir palavras, como em *jaca* “uma fruta brasileira” e *jacá* “uma espécie de cesto”, *caqui* “a fruta de origem japonesa” e *cáqui* “cor de poeira”, e assim por diante (CAMARA JUNIOR, 1985, p. 65).

De imediato, não pense que o acento de que fala o autor é o acento gráfico. O acento a que Mattoso Câmara se refere diz respeito à tonicidade da palavra, isto é, à sílaba de força da palavra.

No fragmento do exemplo (c), descreve-se que, na língua portuguesa, a tonicidade serve para diferenciar palavras: se a força recai sobre a última sílaba, temos *caqui*, indicando fruta; se recai sobre a penúltima sílaba, caso de *cáqui*, o sentido é o de uma determinada cor. Na língua portuguesa, esta tonicidade também se marca pela presença da acentuação gráfica (*cáqui*, no caso). Mas, ao fazer tal descrição, não é dito que se deve ou não usar acento gráfico.

Podemos dizer, então, que os exemplos (a) e (b) possuem caráter prescritivo, já o exemplo (c) é descritivo e explicativo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

3. Nos fragmentos a seguir, identifique quando há *prescrição* e quando há *descrição*. Justifique sua resposta.

a) Solecismo

É a construção (que abrange a concordância, a regência, a colocação e a má estruturação dos termos da oração) que resulta da impropriedade de fatos gramaticais ou de inadequação de se levar para uma variedade de língua a norma de outra variedade; em geral, da norma coloquial ou popular para a norma exemplar:

Eu lhe abracei. (por o)

Eu lhe amo. (por o)

A gente vamos. (por vai)

Vendas à prazo. (por a)

Aluga-se casas. (por alugam-se)

Queremos fazermos tudo certo. (por queremos fazer)

Como acertadamente frisa Mattoso Câmara

(...) não constituem solecismos os desvios das normas sintáticas feitas com intenção estilística, em que a afetividade predomina sobre a análise intelectual, como na silepse, na atração, no anacoluto (BECHARA, 2006).

b) A colocação dos pronomes pessoais átonos está condicionada a fatores de três ordens: sintática, prosódica e sociocomunicativa. (...) A adoção da ênclise do pronome em certas situações de fala ou em certos textos (*Refiro-me*, *Envio-te*, *Retire-se*) é um traço do formalismo exigido pelos princípios do contrato de comunicação – fator sociocomunicativo, portanto –, e não um imperativo gramatical. Por sua vez, são anômalos, se não irreais, inícios de

frase como *O convidei* e *As espero*, porque as formas átonas *o, a, os, as* não pertencem ao registro da língua – o uso corrente mais espontâneo – em que se pratica a próclise do pronome no começo da frase (AZEREDO, 2000).

c) O gato comeu o rato.

O rato, o gato comeu.

Como se vê, as frases se diferenciam porque uma delas tem um dos termos colocado no início da oração, frequentemente separado por vírgula. Esse elemento se diz *topicalizado*.

O português permite a topicalização de muitos termos da oração:

O gato comeu o rato rapidamente.

Rapidamente, o gato comeu o rato.

Os alunos trouxeram a maçã para a professora.

Para a professora, os alunos trouxeram a maçã.

A maçã, os alunos trouxeram para a professora (PERINI, 1995, p. 47, grifo do autor).

RESPOSTA COMENTADA

Em (a), é apresentado como solecismo um determinado funcionamento da língua que diz respeito a uma estruturação sintática apontada como imprópria, como inadequada, como ferindo a norma exemplar. É interessante observar que, no caso, a “má estruturação” consiste em um desvio da norma exemplar. Já o fenômeno da mesma ordem sintática pode deixar de funcionar como desvio e receber outro nome, se autorizado por uma prática literária. Estamos diante não de uma descrição tão-somente, mas de um juízo de valor sobre um fato de linguagem. Não se trata, pois, de descrever ou de compreender o fenômeno, mas de prescrições ao uso inadequado da língua.

Em (b), o que se nota, de imediato, é uma descrição e explicação sobre um tema caro na história da nossa língua, qual seja, a colocação de pronomes. Estes podem comparecer antes do verbo (em que se tem a próclise) e depois dos verbos (ênclise). Vir antes ou depois do verbo, de acordo com o autor, decorre de três diferentes fatores: sintático, prosódico e sociocomunicativo. Observe-se aí que não há um julgamento de valor; não há prescrição a um ou outro uso. Por exemplo, o autor, ao dizer que formas átonas *o, a, os, as* não ocorrem em início de frase, não está prescrevendo um uso, mas observando que estas formas não comparecem em “uso corrente mais espontâneo”.

Em (c), também não há prescrição, mas a descrição de um fenómeno linguístico na língua portuguesa, qual seja, aquele que diz respeito ao deslocamento de termos para início de frase. Com longa tradição na escrita da língua, a ordem sujeito (o gato) seguido de verbo (comeu) e de complemento verbal (o rato) pode ser alterada em nossa língua com deslocamento de termos, no exemplo, com o objeto (o rato) sendo anteposto ao sujeito (o gato). A este deslocamento dá-se o nome de topicalização. E denomina-se topicalizado o elemento deslocado. Nas demais frases do exemplo (c), são o adjunto adverbial (rapidamente) e o complemento verbal (para a professora) que comparecem deslocados para início de frase.

O CARÁTER CIENTÍFICO DA LINGUÍSTICA

Para realizar, então, um estudo que se pretende científico, a Linguística precisa adotar um método científico capaz de realizar uma sistematização dos dados que observa. Pensemos nas seguintes sentenças do português:

- a) Ela guardou a mala no aeroporto.
- b) Ela carregou a mala no aeroporto.
- c) Márcia guardou a mala no armário.

Tais sentenças poderiam ter sido construídas facilmente por um falante da língua portuguesa. Esse realizaria determinadas combinações com as ferramentas que o sistema da língua põe a sua disposição. Assim, podemos observar que os elementos se repetem, e é por isso que o falante não precisa inventar uma nova palavra cada vez que deseja expressar suas ideias, o que também inviabilizaria o processo de comunicação. Imagine como nossa memória poderia armazenar um número infinito de palavras, por exemplo? O sistema de combinação de partes, que as línguas naturais desenvolveram, é bem mais eficaz!

Combinar é bom... mas nem sempre!

Voltemos às sentenças anteriores. Podemos perceber que em (c) o elemento “ela” foi substituído por Márcia, e essa troca seria perfeitamente possível. Agora, experimente substituí-lo em (a) pelo elemento “carregou”: (d) Carregou guardou a mala no aeroporto, ou ainda, trocar “aeroporto” em (b) por “ela”: (e) Ela carregou a mala no ela.

O que aconteceu nesses dois últimos casos é que as sentenças formadas são inaceitáveis. Pode-se perceber, a partir disso, um modo de funcionamento formado por categorias abstratas que rege os elementos linguísticos de modo a permitir algumas combinações e a impedir outras.

As sentenças (d) e (e) são precedidas de asterisco, pois são consideradas mal formadas, isto é, inaceitáveis na língua.

Ao uso que o falante faz da língua subjaz uma estrutura que permite o seu funcionamento. Essa estrutura denomina-se **LÍNGUA**, e o uso que cada indivíduo faz dela chama-se **FALA**. Contudo, a existência da língua como sistema só é possível em função da capacidade humana de se comunicar; é a existência da **LINGUAGEM** que determina a existência da língua. Esta, por sua vez, se concretiza através da fala ou da escrita.

LÍNGUA

É a estrutura que está na base do processo comunicativo. É ela que permite ou veta determinadas combinações entre elementos.

FALA

É a apropriação que cada indivíduo faz do sistema linguístico, combinando os elementos que esse sistema disponibiliza.

LINGUAGEM

É uma abstração, isto é, a capacidade que os seres humanos possuem para se comunicarem uns com os outros.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1193154>

Agora que você já sabe a grande diferença entre o trabalho descritivo científico de um linguista e o que prescreve a gramática normativa, curta um pouco as observações que um linguista fez a certas conclusões acerca da língua em colunas de jornal.

Sírio Possenti, em seu livro *A cor da língua*, recupera uma coluna semanal sobre a língua do jornal *Folha de S. Paulo*. O tema em foco na coluna é a concordância verbal, e o autor da coluna, Josué Machado, indaga se alguém escreveria “a oposição atrasaram as unidades” e “o atraso na entrega atrapalharam”. Diante das perguntas de Machado, comenta Possenti:

O leitor imagina que está diante de exemplos completamente absurdos, porque, de fato, em nada se assemelham aos fatos típicos de variação do tipo “nós vai pescá”, “eles pesco dois peixe”, “eles pesco dois pexe” dos quais podemos não gostar, mas claramente, existem.

Indo um pouco adiante na leitura da coluna, o segredo se esclarece: os fatos citados não ocorreram exatamente como citados. Ocorreram no próprio jornal, mas as frases completas eram: “A oposição dos moradores da Lapa e da Vila Leopoldina (zona oeste), bairros próximos aos cadeiões, atrasaram as unidades da cidade de S. Paulo” e “O atraso na entrega de produtos especiais, como as pias dos banheiros e os telhados especiais também atrapalharam, disse o delegado”. Josué Machado comenta: “Isso ocorre quando o redator passa mal, mistura na cuca os anexos plurais do sujeito singular e o transforma num monstro capaz de remeter o verbo também para o imerecido plural.”

É uma explicação baseada em uma banalíssima psicologia *ad hoc* – redatores passando mal e misturando coisas na cuca. Uma abordagem mais científica tentaria mostrar que há uma certa regularidade nas diferenças (ou erros, como diria Josué) ocorridas com a chamada regra de concordância, regularidade que esses dois fatos exemplificam de forma muito interessante. Certamente, ninguém diria “a oposição atrasaram” (ou, pelo menos, isso seria muito raro, um exemplo absolutamente excepcional de hipercorreção). Mas, já que, entre “o atraso” e a “a oposição” e os verbos que deveriam concordar com esse sujeito há uma enorme massa de material linguístico, e já que essa enorme massa termina com formas plurais (“bairros próximos aos cadeiões” e “banheiros e telhados especiais”), que ficam próximas dos verbos, estes dois fatores – a massa e as formas plurais próximas – explicam as concordâncias fora da norma. Isto é: quanto mais o verbo estiver

longe do sujeito, menos provavelmente concordará com ele. E se, entre o sujeito e o verbo, houver alguma expressão que pareça um sujeito e estiver mais perto do verbo do que o sujeito, o verbo tenderá a concordar com essa expressão, não com o sujeito.

Há outros fatores, relativamente conhecidos, que explicam concordâncias não-canônicas: a posição do sujeito (se é posposto), o tipo de sujeito (se é um coletivo), elementos não pertencentes ao núcleo do sujeito (um bando de pássaros) etc. (...) (POSSENTI, 2001, p. 33).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

4. Com base nos conteúdos trabalhados nesta aula e no texto de Sírío Possenti, explique por que é possível considerar a Linguística como o estudo científico da linguagem.

RESPOSTA COMENTADA

De acordo com o que estudamos na aula e com a leitura sintetizadora de partes do texto de Possenti, podemos concluir que a Linguística, diferentemente da gramática, não emite julgamento de valor acerca da estrutura ou do funcionamento da língua. Não é este seu objetivo. Sua preocupação é compreender o fenômeno linguístico. Para isto, adota um método científico de análise, com o objetivo de sistematizar a observação e a descrição dos fatos que observa.



Para saber um pouco mais sobre Linguística, visite a coluna do linguista e professor Sírío Possenti no site Terramagazine. O link a seguir vai direcioná-lo para a coluna "Ser linguista", publicada em 8 de novembro de 2007.
<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2056064-EI8425,00-Ser+linguista.html>

CONCLUSÃO

A Linguística se torna, no século XX, uma ciência que estuda as línguas. Diferentemente de uma tradição gramatical que prescreve como escrever e/ou falar um “bem dizer”, a Linguística tem como objetivo compreender, descrever e explicar línguas. Para isso, a Linguística adota um método científico de análise, que visa sistematizar a observação e a descrição dos fatos que observa. Tal sistematização supõe a definição da terminologia a ser adotada e a delimitação do objeto de análise. A diferenciação entre termos como *linguagem*, *língua* e *fala*, por exemplo, é um dos procedimentos deste fazer ciência.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Depois de ter lido e realizado todas as atividades propostas, relacione as duas afirmações seguintes:

- a) “A Linguística é uma ciência que se presta a estudar a linguagem humana.”
- b) “A Linguística adota o ponto de vista descritivo e não o prescritivo.”

RESPOSTA COMENTADA

A Linguística é comumente definida como o estudo científico da linguagem. Para tanto, faz-se necessário definir primeiramente o que se compreende por linguagem e, além disso, qual o sentido de científico. O termo linguagem, embora de difícil delimitação, é tomado pela Linguística como a capacidade humana de se comunicar por meio de um sistema organizado. A distinção entre língua (sistema) e a linguagem (a capacidade) serve para exemplificar o caráter científico dos estudos linguísticos, já que a cientificidade demanda uma delimitação da terminologia a ser utilizada. Além disso, a distinção entre prescrição e descrição também é fundamental para compreender o sentido do termo “científico”, pois diz respeito justamente ao ponto de vista assumido pela Linguística, de modo a garantir que a descrição e a explicação dos fatos observados sejam feitas sem a emissão de julgamentos ou o estabelecimento de normas de conduta.

RESUMO

Nesta aula, você teve o primeiro contato com a Linguística, que pode ser definida como a ciência da linguagem. Vimos também que a Linguística, por ser científica, adota um ponto de vista descritivo e explicativo, isto é, busca explicar e descrever os fatos da língua sem emitir julgamentos ou fazer recomendações sobre o melhor uso da língua. Além disso, a Linguística assume um método de análise que pressupõe a sistematização dos fatos observados e, assim, garante o seu caráter científico.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, precisamos refletir sobre outras questões importantes como: até que ponto a linguagem animal é diferente da linguagem humana? O que esta diferença nos diz da língua? Até lá!

Existe linguagem animal?

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

2

Meta da aula

Tratar das diferenças entre linguagem humana e linguagem animal.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir linguagem humana de linguagem animal;
2. compreender, de forma parcial, o conceito de linguagem.

Pré-requisito

Antes de começar esta aula, seria bastante proveitoso ler o texto "Comunicação animal e linguagem humana", em Benveniste, 1995, p. 60-67. Este texto será mencionado durante toda esta aula.

INTRODUÇÃO

Você com certeza já ouviu isto: “Uma imagem vale mais que mil palavras.” Você concorda com ele? Será que as imagens são mesmo mais fortes do que as palavras? Ao mesmo tempo, sabemos que atualmente é quase impossível viver sem as imagens. Seja na TV, na internet, nos jornais e outdoors, elas povoam o mundo e nos cercam. Por outro lado, também vivemos num mundo habitado por palavras e podemos nos perguntar: sem as palavras, será possível viver?

Visual e verbal formam mensagens que trocamos uns com os outros. É comum empregarmos o termo *linguagem* para nos referirmos a tudo que envolve a transmissão de uma mensagem. Assim, fala-se em linguagem do cinema, linguagem da dança, linguagem gestual, linguagem falada, linguagem escrita. E os animais? Existe uma linguagem animal?

Preste bastante atenção nesta aula, pois vamos discutir de que modo a Linguística diferencia a linguagem humana da linguagem animal. Nesta aula, vamos também começar a refletir sobre o que faz da linguagem humana algo singular.



A “LINGUAGEM” DOS ANIMAIS

Você, quando era criança, deve ter observado as formigas alinhadas, carregando folhinhas ou alimentos num ir e vir incessante. Se criou animais em casa, deve ter tentado se comunicar com eles e pode ter se

perguntado como eles se comunicam entre si. No entanto, se você leu o texto de Benveniste, se deparou com a seguinte observação:

Falharam todas as observações sérias praticadas sobre as comunidades animais, todas as tentativas postas em prática mediante técnicas variadas para provocar ou controlar uma forma qualquer de linguagem que se assemelhasse à dos homens. (...) As condições fundamentais de uma comunicação propriamente linguística parecem faltar no mundo dos animais, mesmo superiores (BENVENISTE, 1995, p. 60).

Uma afirmativa muito forte, não? Vamos tentar entendê-la e, assim, refletiremos sobre características presentes naquilo que a Linguística considera como linguagem humana.

Émile Benveniste (1902-1976) foi um linguista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure, grande filósofo e linguista francês, sobre quem você ainda vai ouvir falar muito nesta disciplina.

Benveniste, neste artigo, recupera uma experiência feita com as abelhas para explicitar como se dá a comunicação entre elas. Leia a seguir:

Uma abelha operária colhedora, encontrando, por exemplo, durante o voo uma solução açucarada por meio da qual cai numa armadilha, imediatamente se alimenta. Enquanto se alimenta, o experimentador cuida em marcá-la. A abelha volta depois à sua colmeia. Alguns instantes mais tarde, vê-se chegar ao mesmo lugar um grupo de abelhas entre as quais não se encontra a abelha marcada e que vêm todas da mesma colméia. Esta deve haver prevenido as companheiras. É realmente necessário que estas haviam sido informadas com precisão, pois chegam sem guia ao local, que se encontra, freqüentemente, a grande distância da colméia e sempre fora da sua vista. Não há erro nem hesitação na localização: se a primeira escolheu uma flor entre outras que poderiam igualmente atraí-la, as abelhas que vêm depois após a sua se atirarão a essa e abandonarão as outras. Aparentemente, a abelha explorada indicou às companheiras o lugar de onde veio. Mas de que modo?

Esse problema fascinante desafiou por muito tempo os observadores. Deve-se a Karl von Frisch (professor de Zoologia na Universidade de Munique), pelas experiências que realiza há uns trinta anos, o haver estabelecido os princípios de uma solução. As suas pesquisas fizeram conhecer o processo da comunicação entre as abelhas. Observou, numa colméia transparente, o comportamento da abelha que volta depois de uma descoberta de alimento. É imediatamente rodeada pelas companheiras no meio de grande efervescência, e essas estendem na sua direção antenas para recolher o pólen de que vem carregada, ou absorvem o néctar que vomita. Depois, seguida das companheiras, executa danças. É este o momento essencial do processo e o próprio ato da comunicação. A abelha entrega-se, de acordo com o caso, a uma das duas danças diferentes. Uma consiste em traçar círculos horizontais da direita à esquerda, depois da esquerda à direita sucessivamente. A outra, acompanhada por uma vibração contínua do abdômen (*waggin-dance*, “dança do ventre”), imita mais ou menos a figura de um 8: a abelha voa reto, depois descreve uma volta completa para a esquerda, novamente voa reto, recomeça uma volta completa para a direita, e assim por diante. Após as danças, uma ou mais abelhas deixam a colméia e partem diretamente para a fonte que a primeira havia visitado, e depois de saciar-se, voltam à colméia onde, por sua vez, se entregam às mesmas danças, o que provoca novas partidas, de modo que, depois de algumas idas e vindas, centenas de abelhas já acorreram ao local onde a primeira descobriu o alimento. A dança em círculos e a dança em oito evidenciam-se como verdadeiras mensagens pelas quais a descoberta é assinalada à colméia. (...)

A dança em círculo anuncia que o local do alimento deve ser procurado a pequena distância, num raio de cem metros aproximadamente ao redor da colméia. A outra dança, que a operária executa vibrando e descrevendo oitos (*waggin-dance*), indica que o ponto está situado a uma distância superior, além de cem metros e até seis quilômetros. Essa mensagem comporta duas indicações distintas – uma sobre a distância, outra sobre a direção. (...) As abelhas, percebendo o odor da colhedora ou absorvendo o néctar que engoliram, descobrem além do mais a natureza do achado. (...) (BENVENISTE, 1995, p. 61-64).

Depois de recuperar em Frisch como se dá a comunicação entre as abelhas, Benveniste afirma:

As abelhas mostraram-se capazes de produzir e de compreender uma verdadeira mensagem, que encerra inúmeros dados. Podem, pois, registrar relações de posição e distância; podem conservá-las na “memória”; podem comunicá-las simbolizando-as por diversos comportamentos **SOMÁTICOS** (BENVENISTE, 1995, p. 61-64).

Pois bem, com este artigo de Benveniste, ficamos sabendo que estudos mostraram que as abelhas, *por meio da dança*, são capazes de comunicar às outras:

- a existência do mel;
- a direção para achá-lo;
- o tipo encontrado (de néctar, no caso);
- a distância em que se encontra.

Trata-se, portanto, de informações precisas, não é mesmo? Um fato, sem dúvida, notável: as abelhas são capazes de “produzir e de compreender uma verdadeira mensagem”. Com isto, Benveniste observa que as abelhas são capazes de simbolizar, já que são capazes de *representar* com uma dança (comum, coletiva a todas e convencional) informações acerca do mel. Vejamos o que diz Benveniste:

O fato notável consiste inicialmente em que manifestem aptidão para simbolizar: há mesmo uma correspondência “**CONVENCIONAL**” entre seu comportamento e o dado que traduz. Essa correspondência é percebida pelas outras abelhas nos termos em que lhes é transmitida e se torna em motor de ação (BENVENISTE, 1995, p. 64).



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a4/Charles_Sanders_Peirce_theb3558.jpg/230px-Charles_Sanders_Peirce_theb3558.jpg

Símbolo

Para Pierce – cientista, matemático, físico e astrônomo que se dedicou também aos estudos, entre outros campos, da Linguística e que contribuiu imensamente para os estudos da semiótica –, “um símbolo é a notação de uma relação – constante numa cultura dada – entre dois elementos”. Esta relação se dá através do estabelecimento de uma convenção, como é o caso, por exemplo, da balança, que é o símbolo da justiça (DUBOIS, 1993, p. 549).

SOMÁTICO

Referente ao corpo (FERREIRA, 1986).

CONVENCIONAL

Aquilo que é admitido por uma convenção, ou seja, por um acordo, uma combinação. “Dizemos que uma língua é convencional se a considerarmos como uma instituição social resultante do costume e da tradição, portanto de um contrato tácito entre os homens” (DUBOIS, 1993, p. 153).

Podemos, então, observar que a mensagem sobre o alimento é transmitida por meio da dança. Como sabemos, nem toda dança na natureza humana ou animal serve para indicar informações sobre alimentos. Não há nada inerente à dança que remeta à alimentação; logo, a dança das abelhas possui um caráter simbólico. Além disso, a relação entre a dança e o conteúdo da mensagem é fruto de uma convenção.

Continuando a ler Benveniste, verificamos que ele irá dizer que no caso das abelhas não se pode “falar de uma verdadeira linguagem”. Existem, pois, diferenças fundamentais entre o que se pode chamar de linguagem e o sistema de comunicação utilizado pelas abelhas. São elas:

(1) A primeira, essencial, está em que a mensagem das abelhas consiste inteiramente na dança, sem intervenção de um aparelho “vocal”, enquanto não há linguagem sem voz. Daí surge outra diferença, que é de ordem física. A comunicação nas abelhas, não sendo vocal mas gestual, efetua-se necessariamente em condições que permitem percepção visual, sob a luz do dia; não pode ocorrer na obscuridade. A linguagem humana não conhece essa limitação (BENVENISTE, 1995, p. 65).

(2) Uma diferença capital aparece também na situação em que se dá a comunicação. A mensagem das abelhas não provoca nenhuma resposta do ambiente mas apenas uma certa conduta, que não é uma resposta. Isto significa que as abelhas não conhecem o diálogo, que é a condição da linguagem humana (BENVENISTE, 1995, p. 65).

Esta diferença se desdobra em outra:

(3) Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana. Isso revela um novo contraste. Porque não há diálogo para as abelhas, a comunicação se refere apenas a um certo dado objetivo. Não pode haver comunicação relativa a um dado linguístico não só por não haver resposta, sendo a resposta uma reação linguística a outra manifestação linguística; mas também no sentido de que a mensagem de uma abelha não pode ser reproduzida por outra que não tenha visto ela mesma os fatos que a primeira anuncia. Não se comprovou que uma abelha vá, por exemplo, levar a outra colméia a mensagem que recebeu na sua, o que seria uma forma de transmissão ou retransmissão (BENVENISTE, 1995, p. 65).

(4) Um último caráter da comunicação das abelhas se opõe fortemente às línguas humanas. A mensagem das abelhas não se deixa analisar. Não lhes podemos ver senão um conteúdo global,

ligando-se a única diferença à posição espacial do objeto relatado. É impossível, porém, decompor esse conteúdo nos seus elementos formadores, nos seus “morfemas”, de maneira a fazer corresponder cada um desses morfemas a um elemento do enunciado (BENVENISTE, 1995, p. 66).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Acabamos de ler em Benveniste quatro diferenças entre a linguagem humana e a animal. Observe que essas quatro diferenças estão colocadas de forma desordenada no quadro a seguir. Ordene-as de acordo com as ideias do autor que são apresentadas nesta seção.

à situação de comunicação	() diferença
à possibilidade de reprodução e à restrição do que é comunicado	() diferença
ao aparelho de comunicação	() diferença
à capacidade de decomposição	() diferença

RESPOSTA COMENTADA

à situação de comunicação	(2) diferença
à possibilidade de reprodução e à restrição do que é comunicado	(3) diferença
ao aparelho de comunicação	(1) diferença
à capacidade de decomposição	(4) diferença

A primeira diferença apontada em Benveniste diz respeito ao aparelho de comunicação das abelhas: gestual e não vocal e limitado à luz solar.

Já a segunda diferença refere-se ao fato de que a mensagem das abelhas só provoca conduta, e não resposta. O que isto quer dizer? Que as abelhas compreendem onde está o mel e vão buscá-lo. Elas não duvidam da mensagem, não se rebelam, não dizem que estão cansadas, não reclamam...

A terceira diferença mostra que as abelhas, diferentemente dos seres humanos, não reproduzem a mensagem para outras. Isto nos permite constatar uma outra série de fatos que ocorrem na linguagem humana e que não acontecem com as abelhas: elas não conversam entre si sobre a mensagem, não contam umas para as

outras o que ficaram sabendo, não constroem outras mensagens a partir daquela informação que tiveram, não constroem narrativas com a mensagem. Não fazem a famosa atividade humana chamada fofoca, intriga. Nada acrescentam – para o bem ou para o mal – às histórias... ou seja, entre as abelhas, não vale o provérbio “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Ainda sobre a terceira diferença, devemos acrescentar que a mensagem das abelhas se dá sobre um único referente: o mel. A linguagem humana não se restringe a um único referente. Ademais, a linguagem humana não se constrói somente sobre referentes no mundo natural, basta pensarmos em seres mitológicos ou em personagens literários.

Por fim, Benveniste aponta uma diferença fundamental, a quarta: “a mensagem das abelhas não se deixa analisar”. O que isto significa? Significa, em termos linguísticos, que a mensagem das abelhas não se decompõe em elementos menores (como os morfemas) capazes de serem recombinaados em outras e novas palavras, como, por exemplo, com a palavra mel, substantivo, podemos formar o verbo melar com o acréscimo de -ar.

Após essa atividade, você já deve ter compreendido por que o modo de comunicação entre as abelhas não configura linguagem tal como a linguagem humana. No capítulo “Linguagem, língua e linguística”, Margarida Petter expõe de maneira bem clara essa questão. Leia a seguir:

Em síntese, a comunicação das abelhas não é uma linguagem, é um código de sinais, como se pode observar pelas suas características: conteúdo fixo, mensagem invariável, relação a uma só situação, transmissão unilateral e enunciado indecomponível. Benveniste chama a atenção, ainda, para o fato de que essa forma de comunicação tenha sido observada entre insetos que vivem em sociedade e é a sociedade a condição para a linguagem (FIORIN, 2002, p. 17).

Além da experiência com as abelhas, vários estudos foram feitos com outros animais. No capítulo “As ‘linguagens’ dos animais”, Fromkin e Rodman (1993) tratam da questão da linguagem dos animais, abordando, além do sistema de comunicação das abelhas, os sistemas de comunicação dos pássaros, dos golfinhos e dos chimpanzés. Veja, nos trechos a seguir, algumas interessantes experiências:

Uma vez que os primatas não humanos (chimpanzés, macacos, gorilas, etc.) estão mais próximos dos seres humanos em termos de evolução, os seus sistemas de comunicação têm sido atentamente estudados no sentido de procurar semelhanças e diferenças com a linguagem humana. (...) Poderia um chimpanzé que fosse criado num ambiente humano e recebesse instrução aprender a linguagem humana? Nos anos trinta fez-se uma primeira tentativa para responder a esta questão quando Winthrop e Luella Kellogg criaram o seu filho bebé [bebê] juntamente com um chimpanzé chamado Gua. Aos dezesseis meses Gua compreendia cerca de 100 palavras, mais do que o bebé com a mesma idade. Só que o chimpanzé não aprendeu mais. (...)



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chimpanz%C3%A9>

A Viki, um outro chimpanzé, foi criada por Keith e Cathy Hayes e também aprendeu palavras isoladas. Aprendeu mesmo a “articular” com bastante dificuldade as palavras: mama, papa, cup e up, mas foi tudo quanto conseguiu produzir em termos de linguagem. (...)

Os cantos dos pássaros são conjuntos de notas mais longas e mais complexas do que os chamamentos que são usados para “definir” território e para atrair o par. Em algumas espécies o mesmo canto é usado para ambos os fins, outras usam cantos diferentes. Apesar da complexidade dos cantos dos pássaros não há nenhuma prova

de que possuam qualquer estrutura interna. Os cantos não podem ser segmentados em unidades significativas independentes como frequentemente as palavras da linguagem humana podem ser segmentadas em morfemas. Muitas vezes os “requintes” de um canto de pássaro têm pouco a ver com a mensagem real (FROMKIN; RODMAN, 1993, p. 383-384).



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pintarroxo>

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

2. Comente o fragmento de reportagem a seguir, expondo a posição de Benveniste em relação à comunicação animal e humana. Apresente ao menos três dos argumentos de Benveniste.

Depois de passar mais de 15 anos estudando o comportamento de animais em busca das raízes da cognição humana, o psicólogo Marc Hauser, da Universidade Harvard (EUA), chegou a uma conclusão frustrante: nós somos muito mais inteligentes do que eles.

Parece óbvio, certo? Mas nem tanto. Até agora, a aposta dos cientistas era que as semelhanças evolutivas entre humanos e outras espécies, em especial os chimpanzés, eram tamanhas que traços como a habilidade para linguagem e matemática também estivessem presentes nos animais, e que tudo o que nos separava deles era uma questão de gradação.

Para entender isso, cientistas gastaram anos de trabalho e carreiras inteiras treinando animais como o papagaio Alex (morto em 2007) e o macaco bonobo Kanzi a aprender linguagem humana. Foi uma frustração: o limite de inteligência dos bichos parecia muito baixo (ANGELO, 2008).

RESPOSTA COMENTADA

Como vimos com Benveniste, as abelhas são capazes de produzir e compreender uma mensagem; são ainda capazes de simbolizar. Contudo, há limitações na sua comunicação, bem como na dos outros animais. No caso das abelhas, um dos argumentos que diferencia sua comunicação da linguagem humana diz respeito ao fato de a mensagem não ser variável; outro argumento refere-se à impossibilidade de reprodução da mensagem; um terceiro relaciona-se à impossibilidade de decomposição da mensagem em morfemas e fonemas. No que se refere à experiência anterior, o que se comprovou foi: a linguagem humana apresenta características específicas tais e, ainda que animais venham a reproduzir palavras (como é o caso do papagaio) ou venham a aprender palavras (como foi o caso do macaco bonobo), eles não são capazes de, lançando mão do quarto argumento de Benveniste, decompor estas palavras criando outras a partir delas.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM HUMANA

Após essa discussão acerca dos sistemas de comunicação dos animais, podemos, agora, começar a compreender melhor o que a Linguística entende pelo termo *linguagem*. Na Aula 1, quando discutimos o caráter científico da Linguística, dissemos que a linguagem é uma abstração, isto é, a capacidade que os seres humanos possuem para se comunicarem uns com os outros. Explicar de que modo essa capacidade se estrutura

é uma das tarefas que a Linguística busca desempenhar. A partir das observações de Benveniste, você já deve ter começado a perceber algumas características fundamentais desta capacidade.

Em primeiro lugar, observamos que ela é uma capacidade exclusiva dos humanos, já que ainda não há nenhuma prova de que outros animais a possuam. Mesmo que um macaco seja capaz de memorizar um número razoável de palavras, ele não consegue estabelecer uma conversa por meio de palavras com outro macaco. Além disso, os sistemas de comunicação dos animais apresentam *mensagens indecomponíveis*. Este é um aspecto importante: a possibilidade de decompor as unidades linguísticas em elementos que podem ser reaproveitados em outras mensagens é uma das características fundamentais da linguagem humana. Para compreender melhor essa questão, observemos a sentença:

A professora chamou os alunos.

Numa primeira divisão entre os elementos, teríamos:

/A/ professora/ chamou/ os/ alunos.

Se continuarmos dividindo, poderemos obter unidades menores:

A/ professor/ - a / cham/ -ou/ /o/ -s/ aluno-s.

As unidades menores (morfemas) são combinadas para formar esse enunciado, mas podem se combinar para formar outros tantos. Além disso, vemos que o elemento / -s/, que é um morfema de número, aparece mais de uma vez no mesmo enunciado. A divisão dos elementos da sentença pode progredir para constituintes ainda menores, chamados fonemas:

/a/, /p/, /r/, /o/, /f/, /e/ /s/, /o/, /r/, /a/, /ʃ/, /ã/, /m/, /o/, /u/, /o/, /s/, /a/, /l/, /u/, /n/, /o/, /s/.

A possibilidade de decompor a mensagem em elementos é, para Benveniste, uma das características centrais da linguagem humana. Segundo ele:

Cada enunciado se reduz a elementos que se deixam combinar livremente segundo regras definidas, de modo que um número bastante reduzido de morfemas permite um número considerável de combinações – de onde nasce a variedade da linguagem humana, que é a capacidade de dizer tudo. Uma análise mais aprofundada da linguagem mostra que esses morfemas, elementos da significação, se resolvem, por sua vez em fonemas,

elementos articulatórios destituídos de sentido, ainda menos numerosos, cuja reunião seletiva e distintiva fornece as unidades significantes. Esses fonemas “vazios”, organizados em sistemas, formam a base de todas as línguas (BENVENISTE, 1995, p. 66).

Para tornar um pouco mais clara essa questão, leia o exemplo dado por Margarida Petter:

Num enunciado linguístico como “Quero água” é possível identificar três elementos portadores de significado: *quer-* (radical verbal) + *-o* (desinência número-pessoal), *água*, denominados *morfemas*. Prosseguindo a decomposição, pode-se chegar a elementos menores ainda. No enunciado “*Quero água*”, a menor unidade, os segmentos sonoros denominados *fonemas*, permitem distinguir significado, como se pode observar na substituição de /a/ por /ε/ em *água* / *égua*. Essa é a propriedade da articulação, que é fundamental na linguagem humana, pois permite produzir uma infinidade de mensagens novas a partir de um número limitado de elementos sonoros distintos (FIORIN, 2002, p. 17).

A *propriedade de articulação* é uma das principais características da linguagem humana.

Muita informação nova sobre morfemas e fonemas, não? Mas não se preocupe, pois voltaremos a discutir esse assunto mais profundamente nas próximas aulas!

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Leia o “Poeminha do contra”, de Mario Quintana, disponível na página: http://www.releituras.com/mquintana_bio.asp, e explique o jogo de palavras dos dois versos finais, a partir da noção de combinação entre elementos na linguagem humana.

RESPOSTA COMENTADA

No “Poeminha do contra” de Mario Quintana, há um jogo de palavras entre passarão e passarinho, que é possível pelo fato de a linguagem humana ser passível de decomposição em morfemas. Vejamos que, inicialmente, no verso 3, aparece um verbo: passarão. Como sabemos, o verbo na língua portuguesa se decompõe em morfemas que indicam tempo, número e pessoa. No caso, em passarão temos um radical (passar-), acrescido de desinência modo-temporal (-a) e de desinência número-pessoal (-o) (HENRIQUES, 2007, p. 41). Na linha seguinte, acha-se um substantivo, passarinho, também decomponível em passar- acrescido do sufixo indicador de diminutivo. Pois bem, o fato de essas duas palavras possuírem um mesmo arranjo em seus radicais (passar-) e de poderem ser acrescidas de outras partes possibilita o jogo passarão/passarinho: o verbo pode ser lido como um substantivo (grande pássaro), e o substantivo pode ser lido como um ato de passar devagarinho, explorando-se aí uma forma de viver diferenciada daqueles “que passarão”.



Na foto, pesquisadores ensinam a língua de sinais para o chimpanzé Nim na década de 1970. Para saber mais sobre essa pesquisa, acesse a seção “Ciência e Tecnologia” da revista *Época*, através do link:

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI6129715224,00OS+SINAIS+DO+CHIMPANZE.html>



CONCLUSÃO

A Linguística, ao observar o conjunto de experiências feitas sobre a comunicação dos animais, dá à pergunta “Existe linguagem animal?” uma resposta negativa. O termo *linguagem* é definido pela Linguística como a capacidade estritamente humana de comunicação. Para chegar a essa definição, os linguistas se ancoram em caracteres específicos encontrados na linguagem humana que estão ausentes na comunicação estabelecida entre os animais. Daí, afirma-se que entre os animais há apenas um sistema de comunicação e não uma linguagem.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Justifique a afirmação feita por Edward Lopes ao se referir às descobertas de Karl von Frisch sobre a vida das abelhas, com base nos argumentos de Benveniste sobre a diferença entre a linguagem humana e a linguagem animal:

Por muito preciso e “engenhoso” que seja, esse sistema de comunicação das abelhas – ou outro tipo qualquer de sistema de comunicação utilizado pelos animais – não constitui, ainda, uma linguagem, pelo menos no sentido em que utilizamos o termo quando falamos em linguagem humana (LOPES, 1991, p. 36).

RESPOSTA COMENTADA

Muitos animais, embora sejam capazes de simbolizar, não são capazes de reproduzir mensagens, de responder a não ser com um único comportamento, de criar novas palavras, de produzir mensagem a partir de outras mensagens, de se equivocarem ao receber uma mensagem, entre outras impossibilidades, como já vimos. Os animais não têm, como vimos, uma das características centrais da linguagem humana: a capacidade fundamental da decomposição da linguagem em elementos menores para com eles formar outras palavras.

RESUMO

Nesta aula, buscamos tratar das diferenças entre linguagem humana e linguagem animal e, a partir dessa discussão, começar a compreender como a Linguística define o termo *linguagem*. Para isso, retomamos o artigo “Comunicação animal e linguagem humana”, de Benveniste, pois detalha a experiência sobre a vida das abelhas, bem como apresenta importantes reflexões sobre a linguagem humana. Para a Linguística, a comunicação das abelhas não pode ser considerada uma linguagem, visto que apresenta, em linhas gerais, as seguintes características: a) transmissão unilateral, b) fixidez do conteúdo, c) invariabilidade da mensagem, d) referência a uma única situação e e) natureza indecomponível do enunciado. Observando, então, tais características, é possível apreender algumas questões centrais para a definição da linguagem humana, quais sejam: a) sua natureza dialógica, b) seu conteúdo variado e amplo, c) os vários tipos de mensagens possíveis, d) as referências podem ser feitas a situações diversas e e) a possibilidade de decompor o enunciado em elementos menores, os quais podem ser recombina- dos para formar novos enunciados. Esta última é considerada uma das características centrais da linguagem humana.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Nesta aula, você viu que o sistema de comunicação das abelhas possui uma característica bastante interessante, que é a de simbolizar. E no caso da linguagem humana, ela também é simbólica? Pense sobre isso antes de partir para a próxima aula.

Índice, símbolo e signo

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

3

Meta da aula

Apresentar o conceito de signo linguístico.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar os conceitos de índice, símbolo e signo;
2. reconhecer a especificidade do conceito de signo linguístico.

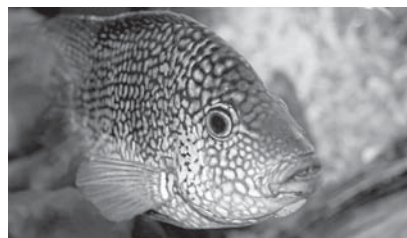
Pré-requisito

Para esta aula, sugerimos que leia o item 1.9. "O simbolismo linguístico". In: LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 41-46.

INTRODUÇÃO



ilker



Jean Carneiro

Fontes: http://www.sxc.hu/pic/m/u/ur/ursula1964/1294558_fancy_spotted_fish.jpg; http://www.sxc.hu/pic/m/j/jp/jpaulocv/1266155_monkey.jpg; http://www.sxc.hu/pic/m/i/il/ilco/1331604_cat_face.jpg; http://www.sxc.hu/pic/m/k/kr/kristja/1328137_horse.jpg

Os nomes dos bichos não são os bichos.

Os bichos são: macaco gato peixe cavalo

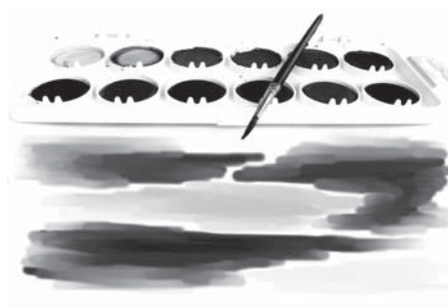
vaca elefante baleia galinha.

Os nomes das cores não são as cores.

As cores são: preto azul amarelo verde ver-

melho marrom.

Arnaldo Antunes



Zsuzsanna Kilian

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/n/nk/nkzs/1272841_water_colors_.jpg

No trecho do poema “Nome não”, de Arnaldo Antunes (ANTUNES, 1990), que você acabou de ler, o poeta faz uma brincadeira ao dizer que os nomes dos bichos e o nome das cores não são os bichos, nem as cores. Imediatamente depois, ele apresenta justamente uma sequência de nomes. O que esse jogo nos revela? Será que a realidade preexiste à língua? Será que os nomes ajudam a construir a realidade? Você já tinha parado para pensar no motivo pelo qual as coisas têm os nomes que têm? Todo falante sabe que sequências de sons de sua língua correspondem a conceitos. Todo falante – mesmo que não tenha parado para pensar – também sabe que seria impossível resolver mudar os nomes dos bichos e das cores, por exemplo. A escolha dos nomes depende de uma espécie de acordo firmado entre os membros de uma comunidade. De que modo esse acordo é estabelecido? Como se dá a relação entre os sons de uma língua e os conceitos por eles veiculados? Essas e outras questões são indagações que linguistas se fazem.

Nesta aula, vamos refletir sobre as diferenças entre índice, símbolo e signo de forma a podermos chegar ao signo linguístico. E, como você verá ao final, essas questões retornarão na compreensão do que a Linguística vai propor como tal.

ÍNDICE, SÍMBOLO E SIGNO

Na aula anterior, você observou uma característica bastante peculiar do sistema de comunicação das abelhas, que é a capacidade de *representar* através da dança as informações sobre o mel. Isso significa que as abelhas são capazes de *simbolizar*. Podemos dizer que a simbolização é uma das operações necessárias ao estabelecimento da comunicação. Benveniste define a operação de simbolização como “a faculdade de representar o real por um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’ como representante do real, de estabelecer, portanto, uma relação de ‘significação’ entre alguma coisa e alguma outra coisa” (BENVENISTE, 1966, p. 26, apud Lopes, 1995, p. 41). Voltando ao caso das abelhas, notamos que a dança não é uma sequência de movimentos aleatórios, mas representa a distância, a direção e o tipo de néctar encontrado. No caso da língua, as sequências de sons se relacionam a determinados significados, que devem ser partilhados pelos falantes. Para esclarecer um pouco mais essa questão, observe o exemplo de Edward Lopes:

Ao falar ou ouvir a palavra “casa” / 'kaza/, por exemplo, compreendemos que essa sequência de sons, diferente de qualquer outra sequência, refere-se a um significado “espaço construído pelo homem para lhe servir de habitação”, diferente de qualquer outro significado. Se isso ocorrer, o conjunto de sons / 'kaza/ transforma-se em *signo linguístico* (LOPES, 1995, p. 42).



Robert Linder

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/ml/li/linder6580/1331387_log_cabin.jpg

Assim, podemos perceber que há uma relação simbólica (representativa) que une um *conteúdo* (sentido) a uma *expressão*. No caso da língua, a expressão é verbal. Já se pensarmos, por exemplo, numa pintura, perceberemos que o conteúdo se relaciona a uma expressão visual, enquanto no cinema a expressão é audiovisual.

É preciso atentar ainda para o fato de que cada tipo de expressão apresenta um modo específico de organização: no verbal, há combinação entre fonemas para formar os morfemas, entre morfemas para constituir as palavras, que, por sua vez, compõem as orações. Já numa pintura, por exemplo, combinam-se cores, formas e posições.

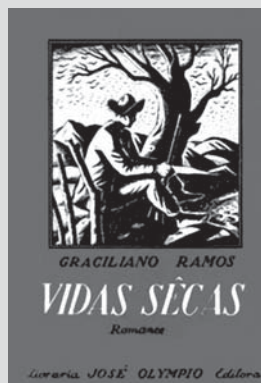
Pode-se afirmar que os signos se constituem na relação entre expressão e conteúdo. Trata-se de uma relação necessária, pois não existe conteúdo sem expressão. Esta pode ser de diferentes tipos: verbal no caso do signo linguístico, gestual, pictórica, visual, entre outras.

Para você pensar um pouco mais na relação expressão/conteúdo, leia o trecho do artigo “*Station Bourse: o que os olhos não viram*”, de Lucia Teixeira, que trata – entre outras questões – da adaptação de um mesmo conteúdo para diferentes expressões: o romance *Vidas secas* de Graciliano Ramos e o filme *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos.

(...) em *Vidas secas* [o filme] de Nelson Pereira dos Santos, que, aliás, retoma um romance de forte dimensão plástica; o texto de Graciliano Ramos, seco, enxuto, cortante, recupera a aridez do cenário da ação, assim como o filme de Nelson, em preto e branco, acaba por recuperar a precariedade da xilogravura, para dar conta da vida precária dos retirantes (TEIXEIRA, 2004, p. 242).

O trecho da análise de Lucia Teixeira mostra que o uso do preto e branco no cinema expressa, por exemplo, os conteúdos da aridez e da secura, construídos verbalmente por Graciliano Ramos. Assim, um diretor de cinema, quando adapta uma obra literária, precisa desenvolver meios de expressar os conteúdos construídos pelo verbal, através do meio expressivo audiovisual utilizado no cinema.

Além desse exemplo, lembre-se de que o conteúdo “negação” é expresso pelo verbal na língua portuguesa através da palavra “não”, mas pode também receber uma expressão gestual, que consiste no movimento da cabeça de um lado para o outro. Já na língua francesa, esse conteúdo é expresso por dois elementos mórficos, quais sejam “ne” e “pas”, como na frase: Je *ne* sais *pas* (Eu não sei).



Fonte: coisadelivro.blogspot.com



Fonte: coisadelivro.blogspot.com

Para compreender melhor a noção de signo linguístico, é preciso antes pensar sobre as diferenças entre índice, símbolo e signo. Diversos linguistas buscaram estabelecer essa diferenciação; isto não constituiu uma tarefa fácil, tampouco tais classificações se tornaram consensuais.

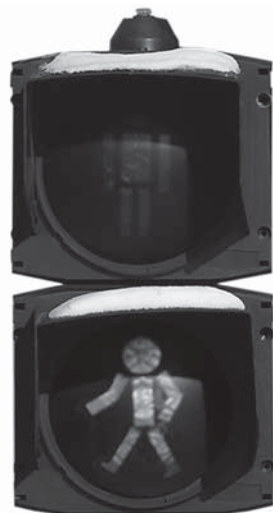
Leia com *bastante atenção* o trecho a seguir retirado do capítulo “Teoria dos signos”, de Fiorin (2002), em que este linguista brasileiro propõe uma distinção entre signos naturais e signos artificiais. Esta distinção nos leva aos conceitos de índice, símbolo e signo:

Levando em conta o critério da intenção comunicativa presente nos signos, eles podem classificar-se em *signos naturais* e *signos artificiais* (ou *signos propriamente ditos*). Os primeiros são os fenômenos da natureza que servem de veículo para nos fazer perceber um outro fenômeno natural. São expressões de um dado conteúdo. São denominados também *índices* ou *sintomas*. Assim, a fumaça (expressão) indica a existência de fogo (conteúdo); nuvens negras mostram que vai chover; o congelamento da água de um lago assinala o abaixamento da temperatura; a febre é um sintoma de problemas de saúde. Os signos artificiais propriamente ditos são *produzidos para fins de comunicação*. São signos artificiais as palavras, os sinais de trânsito, enfim, os signos presentes em todas as linguagens, como o cinema, a pintura, a escultura. Esses signos são resultado de um *acordo* deliberado, como no caso dos sinais de trânsito, em que uma convenção estabeleceu os signos que orientariam a circulação de veículos e pedestres; ou da prática histórica, como no caso das palavras, em que a experiência dos homens as cria e as põe em circulação (FIORIN, 2002, p. 71, 72, grifos do autor).



Thomas van den Berg

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/t/th/thomasje/1174438_easter_fire_2009_espelo_5.jpg



Michal Zacharzewski

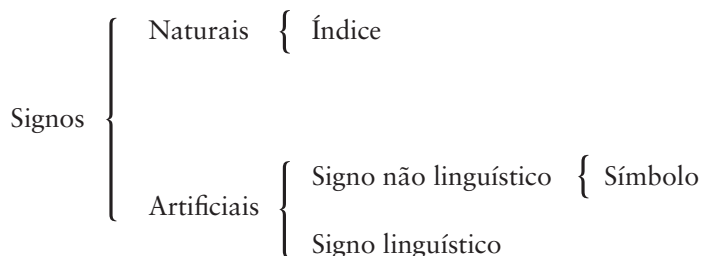
Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/t/th/thomasje/1174438_easter_fire_2009_espelo_5.jpg

Como nos esclarece a citação de Fiorin, os signos naturais (índices) se diferenciam dos signos artificiais (produzidos pelo ser humano) justamente por estabelecerem uma relação natural e não convencional entre expressão e conteúdo. Por serem naturais, os índices não resultam de uma convenção ou um acordo. Neles há apenas uma relação natural entre o signo (nuvem, por exemplo) e o **REFERENTE** para quem o signo aponta, no caso, a possibilidade de chuva. Já os signos artificiais, diferentemente dos naturais, resultam de acordo e são produzidos para fins de comunicação. Assim, em algumas culturas convencionou-se, por exemplo, que a cor branca representa a paz e a cor preta, a morte. Essas cores são utilizadas como símbolos, ou seja, signos não linguísticos. Além desses tipos de signos (índice e símbolo), há ainda o signo linguístico, que une por convenção uma sequência sonora (expressão verbal) a um conteúdo; por exemplo, a sequência /cadeira/ na língua portuguesa associa-se, entre outros, ao conteúdo “assento com encosto e pernas, geralmente para uma pessoa” (HOUAISS, 2004, p. 121).

REFERENTE

“Termo usado na SEMÂNTICA e na LINGÜÍSTICA filosófica para a entidade (objeto, estado de coisas, etc.) do mundo externo a que se refere a expressão linguística; por exemplo, o referente da palavra mesa é o objeto 'mesa'.” (CRYSTAL, 1985, p. 222, grifos do autor).

Para compreender melhor essas diferenças, observe o esquema a seguir:



Até aqui aprendemos a diferença entre os signos naturais (índices) e os signos artificiais (linguísticos e não-linguísticos). Os símbolos são exemplos de signos não linguísticos, como veremos mais detalhadamente após a atividade a seguir.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Releia o trecho retirado do capítulo “Teoria dos signos”, de Fiorin, e diferencie signo natural de signo artificial.

RESPOSTA COMENTADA

O signo natural, também chamado de índice, apresenta uma relação entre o signo (fumaça, nuvem, entre outros) e o referente (fogo, possibilidade de chuva). Por essa relação pode ser considerado como um signo, embora nele esteja ausente a relação entre pessoas (emissores e receptores). Os índices não são produzidos pela ação humana. Já os signos artificiais, considerados como os signos propriamente ditos, são produzidos para fins de comunicação e resultam de um acordo tácito entre os membros de uma comunidade.

Pensemos, agora, um pouco mais no conceito de símbolo. Como você deve ter lido em Edward Lopes: “Os símbolos são objetos materiais que representam noções abstratas: um pedaço de fazenda preta para significar o luto, uma cruz para significar o Cristianismo, são símbolos.” (LOPES, 1995, p. 44). Ainda com Lopes, vimos que “a representação do símbolo é sempre deficiente ou inadequada parcialmente em relação ao conjunto das noções simbolizadas” (LOPES, 1995, p. 44). Isso significa dizer que um conceito, como o Cristianismo, veiculado por um símbolo, no caso, a cruz, é muito mais abrangente do que o conteúdo representado por este símbolo. Releia as exemplificações de Lopes:



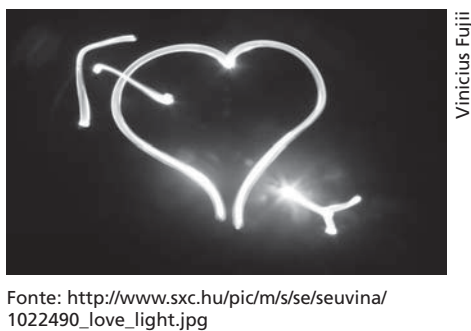
Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/srbichara/1040136_justice_srb_1.jpg

(...) o conceito de *justiça* é muito mais amplo do que conteúdo abrangido pela balança, que recorda apenas um dos atributos da justiça, a igualdade; e o conjunto de noções ligadas ao Cristianismo desborda, de muito, o primeiro significado da cruz, que recorda, apenas, o momento supremo dessa doutrina religiosa (idem, grifo do autor).



Além dessa característica, podemos dizer que há também uma certa motivação na relação entre o símbolo e o conteúdo simbolizado, isto é, o símbolo busca se assemelhar ao conteúdo que veicula, diferentemente do signo linguístico. Veja o exemplo dado por Lopes:

a figura de uma caveira com duas tíbias cruzadas para representar a morte, o desenho de um coração transpassado por uma flecha para simbolizar o amor, etc., mostram que há entre o símbolo e conteúdo simbolizado uma série de traços comuns (LOPES, 1995, p. 44).



De certa forma, o plano da expressão dos símbolos se assemelha ao seu plano do conteúdo, isto é, apresenta alguns “traços comuns”, diferentemente do signo linguístico, marcado pela ausência de vínculo entre expressão e conteúdo.

Ainda em relação aos símbolos, faz-se necessário retomar duas características que Lopes (1995) recupera de Reznikov (1972):

(a) a **POLISSEMIA**: a cor branca representa a luz, a paz, a inocência, enquanto a cor negra simboliza as trevas, a morte, a dor, a ignorância, etc. (REZNIKOV, 1972, p. 167);

(b) a **SINONÍMIA**: o sentido paz pode ser simbolizado por uma pomba branca, por um ramo de oliveira, pela figura da mulher, etc.; também a figura de Eros, um coração transpassado por uma flecha, uma rosa vermelha, simbolizam, todos, um único sentido, o amor (REZNIKOV, idem, ibidem) (LOPES, 1995, p. 44).

Pelo que aprendeu até agora, você já deve ter percebido que as noções de signo, índice e símbolo se relacionam intimamente, visto que o signo linguístico designa, assim como o índice e o símbolo, um elemento X que substitui um elemento Y. A propriedade da *substituição* é um traço comum a estes conceitos. Por outro lado, cada um desses conceitos apresenta suas especificidades, como poderemos ver se estabelecermos comparações entre eles.

O *índice* (signo natural) aponta para a existência de algum fenômeno da natureza. A fumaça, por exemplo, é associada ao fogo. Essa associação, entretanto, não se dá entre duas pessoas, como ocorre com o signo linguístico. Logo, não podemos dizer que o índice estabeleça comunicação, pelo menos no sentido mais próprio da palavra, que pressupõe a existência de dois sujeitos, o emissor e o receptor. No caso do índice, a relação se faz apenas entre o índice (nuvens negras e fumaça) e o referente (chuva e fogo). Assim, “como os índices são produzidos sem a intervenção humana na fonte produtora dos sinais, o homem não pode utilizar os índices para comunicar-se, através deles, com seus semelhantes” (LOPES, 1995, p. 43). Já nos signos artificiais (linguísticos e não linguísticos), pressupõe-se a presença de emissor e receptor.

POLISSEMIA

Segundo Mattoso Câmara Jr., a polissemia pode ser definida como a “propriedade da significação linguística de abarcar toda uma gama de significações, que se definem e precisam dentro de um contexto” (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 194).

SINONÍMIA

É a “propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar” (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 222). Embora as definições apresentadas por Mattoso Câmara digam respeito à significação linguística, elas podem ser alargadas para a questão dos símbolos. Assim, a cor branca é um símbolo polissêmico, pois pode assumir várias significações, como paz, morte, calma, entre outros. Por outro lado, vários são os símbolos usados para simbolizar o amor, como coração, cor vermelha, Cupido, etc. Assim, um é, então, sinônimo do outro.



Fonte: IMG 03_13.tif - <http://www.sxc.hu/photo/770226>

É possível, ainda, estabelecer uma distinção entre os signos artificiais: linguísticos e não linguísticos. Enquanto o símbolo (signo não linguístico) apresenta uma relação parcialmente motivada com o conteúdo que expressa, o signo linguístico apresenta uma relação não motivada entre conteúdo e expressão, ou seja, não há qualquer relação de semelhança entre uma sequência fônica como /gato/ e o conteúdo (animal felino). Essa não motivação é uma das principais características do signo linguístico, como veremos mais adiante, na próxima seção.

Agora que já definimos e diferenciamos índice, símbolo e signo, chegou a hora de exercitar um pouco essas questões.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

2.a. De acordo com tudo o que você viu até agora, apresente de forma detalhada, o conceito de símbolo, a partir dos exemplos a seguir.



Fonte: <http://www.sxc.hu/category/1120/2> / 2080*3788 3714 /12

2.b. De acordo com o que você leu até aqui, por que NÃO poderíamos dizer que a lua avermelhada é um signo artificial, já que se trata de um signo natural que representa o calor no dia seguinte?

RESPOSTA COMENTADA

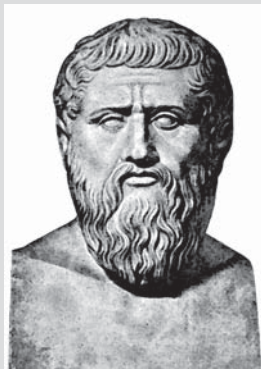
2.a. Os desenhos constituem símbolos, isto é, signos artificiais. Como todos os símbolos, são produzidos para fins de comunicação, no caso, servem para indicar quando se trata de banheiro feminino ou masculino. São ainda fruto de acordo, diferentemente do índice, e este acordo passa por questões culturais: há, por exemplo, sociedades que não diferenciam banheiros femininos de masculinos. Além disso, guardam também uma certa motivação: o homem está de calça – representa o vestuário do homem –, e a mulher, de saia – própria do vestuário da mulher. Laço e gravata – duas indumentárias que distinguem em nossa cultura respectivamente mulheres de homens. Por fim, uma luva feminina em oposição a um chapéu masculino.

2.b. De acordo com a classificação de Fiorin, uma lua avermelhada em si é um índice, ou seja, um signo natural. Como signo natural não produz comunicação, isto é, não há um emissor e um receptor. Podemos interpretar, como ocorre em várias culturas, uma lua avermelhada como indicadora de calor, mas isto não faz dela um símbolo – signo artificial –, tampouco um signo linguístico, porque não existe aí acordo ou motivação. No entanto, se, por hipótese, usássemos no jornal, na parte referente ao serviço de meteorologia, uma lua avermelhada para indicar calor no dia seguinte, teríamos, então, um símbolo.

AS PALAVRAS E AS COISAS

Começamos esta aula trazendo algumas das questões que interessam à Linguística e que desde a Antiguidade grega já intrigavam filósofos. Será que a realidade preexiste à língua? Será que os nomes ajudam a construir a realidade? Ou, indo adiante, será que as palavras são as coisas?

Já num célebre texto de Platão, “Crátilo”, o filósofo grego se perguntava acerca da relação entre as palavras e as coisas: até que ponto haveria motivação entre elas. Como nos ensina Danilo Marcondes, a questão fundamental para Platão nesse texto é “a linguagem (no caso, as palavras) pode contribuir para o conhecimento da realidade?”. O filósofo grego analisa duas respostas possíveis à questão: a primeira seria o naturalismo (defendido pelo personagem de Crátilo); a segunda, o convencionalismo (defendido por Hermógenes).



O filósofo grego Platão (428-348 a.C.) foi um dos grandes filósofos do período clássico. Discípulo de Sócrates, desenvolveu seu pensamento através de diálogos, nos quais seu mestre aparece como principal personagem. O diálogo intitulado “Crátilo” se dá entre Crátilo, Hermógenes e Sócrates.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plat%C3%A3o>

Seguindo os passos de Marcondes, o “naturalismo caracteriza-se por defender que há uma relação natural entre o signo e a coisa significada; o signo deveria possuir uma natureza comum com a coisa que significa” (MARCONDES, 2009, p. 14). Leia um trecho do diálogo em que aparece a posição de Crátilo, no comentário de Sócrates:

(...) o nosso Crátilo sustenta que cada coisa tem por natureza um nome apropriado e que não se trata da denominação que alguns homens convencionaram dar-lhes *com designá-las por determinadas vozes de suas línguas*, mas que, por natureza, têm certo sentido, sempre o mesmo (...) (CRÁTILO, p. 119).

Em outras, palavras, haveria alguma motivação entre as coisas e as palavras. E, assim, conhecer as palavras levaria ao conhecimento das coisas.

Já o convencionalismo diz respeito à tese de que a relação entre as palavras e as coisas “são apenas convenções estabelecidas em uma determinada sociedade” (idem), ou seja, não haveria entre elas motivação. Vejamos ainda no texto do Crátilo esta posição convencionalista: “Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira” (CRÁTILO, p. 120).

Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística moderna, no século XX, ao definir o signo linguístico disse: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, s/d, p. 90). O que essa assertiva de Saussure nos permite compreender em relação às duas posições que foram esboçadas ao recuperarmos Platão?

Ao afirmar que o signo não une a coisa à palavra, Saussure toma uma posição fundadora para a Linguística: o signo linguístico é convencional e não motivado. Trocando em miúdos, Saussure irá explicar que a relação entre as palavras e as coisas do mundo não se dá por uma motivação interna – não há nada que justifique uma cadeira denominar-se de cadeira – e que esta denominação é fruto de convenção, acordo. Com isso, a noção saussuriana de signo linguístico filia-se à posição convencionalista exposta em Crátilo.

O conceito saussureano de signo linguístico é uma das principais teses do *Curso de Linguística Geral*, e sua formulação é fundamental para dar à Linguística o status de ciência da linguagem. Tal questão obviamente não se esgota aqui; nela nos aprofundaremos na próxima aula. Mas você já pode dizer que está, agora, começando a adentrar o universo da Linguística.



Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra em 1857. Em 1877-1878, defendeu sua tese de doutorado sobre o sistema de vogais indo-européias. Em 1896, tornou-se professor titular em Genebra. Os cursos de Linguística Geral que lecionou de 1907 a 1911 foram compilados e publicados postumamente por alguns de seus discípulos. Ao isolar o fenômeno da língua como sistema autônomo, Saussure confere à linguística *status* científico. As ideias revolucionárias do mestre genebrino, publicadas na obra póstuma *Curso de Linguística Geral*, em 1916, o tornam conhecido como fundador da Linguística moderna.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_de_Saussure

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Por que se pode afirmar com Saussure que a relação entre o item lexical “carro” e o objeto carro é convencional?

RESPOSTA COMENTADA

Quando Saussure afirma que o signo linguístico não une uma coisa a uma palavra, ele está assumindo que a relação entre o item lexical carro e o objeto carro é fruto de acordo convencional, isto é, que as

palavras decorrem de acordos entre os homens. Podemos pensar ainda com Saussure que diferentes línguas nomeiam diferentemente algo que denominamos em língua portuguesa de carro.

CONCLUSÃO

A atividade linguística é simbólica, no sentido em que cumpre a função da representação de algo por meio de signos linguísticos. Assim, tanto o signo linguístico (signo verbal) quanto um símbolo (signo não verbal) apresentam uma função substitutiva do tipo A no lugar de B, isto é, a pintura da paisagem representa a paisagem, o vocábulo “mesa” representa o objeto mesa. No entanto, para a Linguística, símbolo e signo linguístico se diferenciam. O primeiro apresenta um caráter parcialmente motivado, contraposto ao caráter totalmente imotivado e convencional do segundo. A noção de signo linguístico, que não se esgota nestas características, nos permite adentrar o universo dos estudos da língua, como objeto da Linguística. O caráter convencional do signo relaciona-se com o conceito de língua, entendida como uma estrutura que sustenta o processo comunicativo e como produto social. O matiz social da língua nos leva a perceber que sua estrutura funciona na coletividade de seus falantes, sendo, pois, impossível a um único indivíduo alterá-la. Todas as mudanças ocorridas em uma língua são fruto de acordos coletivos, ainda que tais acordos sejam implícitos. A partir da noção de signo linguístico, mergulhamos nos fatos da língua.




Para conhecer um pouco mais das ideias de Saussure, assista ao vídeo *Breve vida e obra* no link: <http://www.youtube.com/watch?v=WiURWRFcQsc>


ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Classifique as sentenças abaixo em Verdadeira (V) ou Falsa (F), justificando sua escolha.

a) (☐)  é o símbolo do comunismo.

b) (☐) O símbolo é um signo não linguístico.

c) (☐)  é o índice de que não se deve estacionar.

d) (☐) O SOS é o índice de socorro.

e) (☐) Saussure discorda da posição de Crátilo.

RESPOSTA COMENTADA

a) Resposta correta. A foice e o martelo, produto de convenção social, tornaram-se, com a Revolução Russa, um símbolo do comunismo, posto que os objetos “foice” e “martelo” são ferramentas utilizadas por trabalhadores e o comunismo buscava promover o estabelecimento de uma sociedade igualitária, sem diferenças entre as classes sociais. O conceito de comunismo é, então, muito mais amplo do que o símbolo usado para representá-lo.

b) Resposta correta. Símbolo, como vimos na aula, é signo artificial, tal como signo linguístico. Mas, diferentemente deste, é formado por elementos visuais, apresentando um caráter não linguístico. Além disso, guarda uma certa motivação (traços comuns) com o que vem a representar.

c) Resposta falsa. A placa de trânsito é resultado de uma convenção e, além disso, é produzida por um emissor para fins de comunicação. Trata-se, portanto de um símbolo e não de um índice (signo natural). Este não pressupõe a presença de emissor.

d) *Resposta falsa. SOS não é signo natural, como é o caso do índice, mas de signo artificial e simboliza socorro. Trata-se, pois, de um símbolo.*

e) *Resposta correta. Para Crátilo, as palavras tinham, de alguma forma, relação motivada com as coisas. Não eram, para ele, convencionais. Para Saussure, esta relação ocorre no signo linguístico, que é decorrente de convenção humana.*

RESUMO

Nesta aula, você começou a compreender o conceito de signo linguístico. Para tanto, discutiu-se a diferença entre signos naturais (índices) e signos artificiais. Estes últimos podem ser divididos em signos verbais (signo linguístico) e signos não verbais (símbolos). A diferença principal entre signos naturais e artificiais reside no caráter convencional destes últimos. A convenção é, portanto, uma das características do signo linguístico e nos revela que a relação entre as palavras e o mundo a que elas se referem não é natural, mas sim fruto de um acordo social. O interesse pelas questões da linguagem é antigo. Platão, por exemplo, já refletia sobre a relação entre linguagem e realidade. Entretanto, somente no século XX, com as teses de Ferdinand de Saussure, publicadas em 1916 no *Curso de Linguística Geral*, as ideias sobre a linguagem ganham o estatuto de ciência tal como conhecemos hoje.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, aprofundaremos a nossa reflexão sobre o conceito de signo linguístico e buscaremos compreender a afirmação de Saussure: “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, s/d, p. 90). Até lá, busque refletir sobre essa afirmação!

O signo linguístico

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

4

Metas da aula

Definir e caracterizar o signo linguístico.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender o conceito de signo linguístico;
2. identificar as principais características do signo linguístico.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia o capítulo "Natureza do signo linguístico", de Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, [20--?], p. 79-84).



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:MagrittePipe.jpg>

INTRODUÇÃO

Observe o quadro do pintor belga René Magritte (1929) e pense um pouco na relação entre a figura e a frase em francês escrita no quadro – “Ceci n’est pas une pipe” (“Isto não é um cachimbo”). Quais reflexões você pode fazer a partir dessa observação? Você acha que a discussão incitada pelo pintor se aparenta com aquela feita por Arnaldo Antunes no poema usado como epígrafe da Aula 3? Magritte nos aponta para uma interessante discussão: a da passagem da experiência a signo. O espectador, ao se defrontar com um objeto pictoricamente representado com perfeição, surpreende-se e é levado a refletir sobre a diferença existente entre o objeto do mundo e sua representação. Tal associação, sempre feita de forma tão automática, quando rompida produz um efeito de estranhamento. O sujeito acostumado ao automatismo das relações simbólicas raramente é levado a pensar nos processos que as envolvem. Na língua também ocorre semelhante processo. Seria, então, o signo uma espécie de etiqueta que colamos nas coisas? Seriam as línguas nomenclaturas? Pensemos nisso ao longo desta aula.

O SIGNO

No capítulo “Natureza do signo linguístico”, de Saussure, que você certamente leu, o linguista inicia a discussão criticando o fato de que para algumas pessoas a língua seria uma nomenclatura, isto é, “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, [20--?], p. 8). O mestre genebrino nos apresenta três críticas a essa concepção:

- a) o fato de que tal postulação pressupõe que as ideias preexistem às palavras;
- b) a ausência da distinção entre caráter vocal e psíquico da palavra;

c) uma falsa simplicidade para explicar o vínculo que une os nomes às coisas (cf. SAUSSURE, [20--?], p. 79).

As observações saussurianas revelam a natureza do signo linguístico, e dela podemos retirar importantes proposições, tais como:

- a) as ideias não precedem a linguagem;
- b) o signo possui natureza vocal e psíquica;
- c) o vínculo entre as palavras e as coisas é um pouco mais complexo do que pode aparentar.

Começemos, então, discutindo a afirmação de Saussure apresentada na Aula 3 e sobre a qual você deve ter refletido de lá para cá: “O signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, [20--?], p. 80).

Antes de tudo, devemos partir da premissa de que a unidade linguística, o signo, possui uma natureza dupla, ou seja, constrói-se a partir da união de dois termos, que Saussure denomina de conceito e imagem acústica. Assim, quando pronunciamos ou apenas pensamos na palavra “árvore”, essa imagem acústica “árvore” relaciona-se a um conceito, isto é, a uma ideia que fazemos do que seja uma árvore. Leia a seguir a explicação de Saussure:

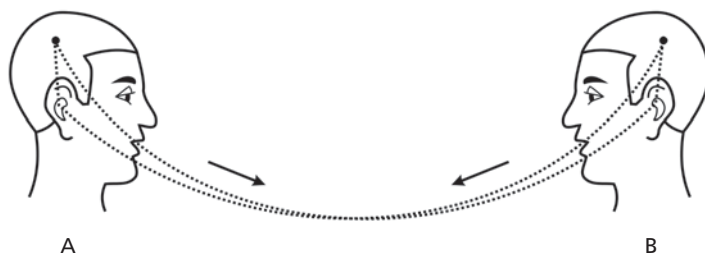
Esta [a imagem acústica] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, [20--?], p. 80).



Se considerarmos o circuito da fala, no qual dois falantes conversam, perceberemos que, ao pensar em dizer uma determinada palavra, mesmo antes de pronunciá-la, suscita-se no cérebro do falante uma determinada imagem acústica, que Saussure denomina de “fenômeno inteiramente psíquico” (SAUSSURE, 1983, p. 19), e este corresponde a um dado conceito. Com isso, vê-se que ambas as faces do signo (conceito e imagem acústica) são psíquicas. Obviamente que para o circuito da fala ser completo há de haver também o processo físico, no qual as ondas sonoras se propagam da boca de um falante ao ouvido do outro. Para compreender melhor esse circuito, leia a minuciosa explicação de Saussure, retirada do capítulo “Objeto da Linguística”:

Suponhamos, então, duas pessoas, A e B, que conversam.

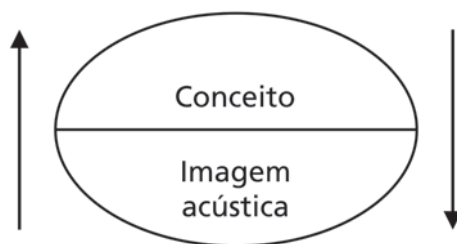
O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação o impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente *físico*. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Se B, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá – de seu cérebro ao de A – exatamente o mesmo curso do primeiro e passará pelas mesmas fases sucessivas (p. 19, *idem*, *itálicos do autor*).



Fonte: <http://www.revistalinguas.com/edicao21/cronicas.html>

Uma operação aparentemente simples, como falar, envolve fenômenos psíquicos, fisiológicos e físicos.

Recuperando ainda Saussure, vemos que “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces”, que pode ser representada pela figura:



Fonte: Saussure, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 80.

Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. Quer busquemos o sentido da palavra latina *arbor*, ou a palavra com que o latim designa o conceito “árvore”, está claro que somente as vinculações consagradas pela língua nos parecem conforme à realidade, e abandonamos toda e qualquer outra que se possa imaginar (SAUSSURE, [20--?], p. 80).

Seguindo com a leitura do texto de Saussure, veremos ainda que essa definição de signo apresenta uma questão terminológica a ser resolvida. Antes de as postulações saussurianas ganharem corpo, o conceito de signo costumava ser referido apenas à imagem acústica. Para resolver esse impasse, o linguista propõe que chamemos *signo* a união (total) entre o *significado* (conceito) e o *significante* (imagem acústica). Podemos, agora,

compreender por que o signo não une os nomes e as coisas concretas do mundo, já que se trata, na verdade, da união de um significante (psíquico) a um significado (também psíquico). Não estamos falando, então, dos sons físicos, tampouco das coisas concretas do mundo. Falamos, pois, da representação do mundo construído na e pela linguagem, através da união entre os conceitos e as imagens acústicas a eles relacionadas. Para que você possa compreender melhor essa bipartição do signo, leia o trecho a seguir, retirado do capítulo “Teoria dos signos”, de Fiorin:

No período medieval, dizia-se que o signo linguístico era *aliquid* pro *aliquo* (alguma coisa em lugar de outra). Essa definição mostra que o signo não é a realidade. Saussure vai precisar bem esse fato, quando diz que o signo linguístico não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica. O que o mestre genebrino quer mostrar-nos é que o signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas do mundo. O signo é a união de um conceito a uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos. O signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do anverso de uma folha de papel. Percebem-se as duas faces, mas elas são inseparáveis (FIORIN, 2002, p. 58).

Ainda sobre essa questão, nas palavras de Benveniste: “O papel do signo é o de representar, o de tomar a coisa evocando-a a título de substituto” (BENVENISTE, 1989, p. 51).

Agora que você já estudou o conceito de signo linguístico, é preciso exercitar. Faça a atividade a seguir e depois continue a aula. Nela, você verá ainda as principais características do signo.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Explique por que Saussure considera que o “signo linguístico não une uma coisa e uma palavra” (SAUSSURE, [20--?], p. 80).

RESPOSTA COMENTADA

A postulação saussuriana se contrapõe a um pensamento bastante difundido de que há um laço natural, isto é, uma motivação entre as palavras e as coisas do mundo natural. Para ele, o signo linguístico possui um papel representativo, entretanto suas duas faces são psíquicas. Assim, o significante (imagem acústica) não consiste no som físico e material, tampouco faz referência aos objetos em sua concretude, uma vez que evoca um conceito, denominado de significado. O signo é entendido como a totalidade, a união entre o significante e o significado. Essas duas partes são inseparáveis, já que não há significante sem significado e vice-versa, e ambas são psíquicas.

CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO

A arbitrariedade

Na Aula 3, você ficou sabendo com Saussure que o signo linguístico é imotivado e convencional. Na primeira parte desta quarta aula, você aprendeu que o signo resulta da união entre conceito (significado) e imagem acústica (significante). E assim você foi levado a perceber mais uma importante característica do signo saussuriano: a arbitrariedade. Vamos ler Saussure não apenas para compreender esta característica como também para relacioná-la às da Aula 3.

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. Assim, a ideia de “mar” não está

ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* (boi) tem por significado *b-ö-f*, de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*ochs*) do outro (SAUSSURE, [20--?], p. 81-82, grifos do autor).

O que quer dizer então a afirmação “o signo linguístico é arbitrário”? Que não há elo nenhum que seja natural entre significante (imagem acústica) e significado (conceito), como se verifica com o exemplo que Saussure nos fornece: não há nada inerente ao conceito de mar que justifique a palavra “mar”; ao contrário, o laço que os une é imotivado (e é preciso entender imotivado como não havendo nada na natureza que motive a relação entre significante e significado). O argumento de Saussure, como percebemos, reside nas diferenças entre as línguas. Em francês, o que se denomina *jambon*, em português é denominado por “presunto”.

Se, por um lado, Saussure nos diz que “o princípio da arbitrariedade não é contestado por ninguém” (idem, p. 82), por outro lado, trata-se de uma noção com desdobramentos. Continuemos a leitura de Saussure:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, [20--?], p. 83).

À guisa de uma melhor compreensão do que você leu, algumas são, então, as observações que podemos deduzir deste trecho. Registre-as:

- a) além de não ter nenhuma motivação entre significante e significado, não há também nenhuma motivação externa ao signo, isto é, os signos não são as coisas.
- b) a arbitrariedade não implica a possibilidade de livre escolha do falante. Para Saussure, o signo é social: fruto de convenção, fruto do trabalho da coletividade.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. No trecho da história infantil que trata da curiosidade de Marcelo sobre o nome das coisas, é possível perceber que o menino está incomodado com uma das características do signo linguístico. Diga qual é essa característica e explique-a:



Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?nitem=274696&sid=11920223813114680135174667&k5=978BFE7&uid=>

Uma vez Marcelo cismou com o nome das coisas: – Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo? – Ora, Marcelo, foi o nome que eu e seu pai escolhemos. – E por que é que não escolheram martelo? – Ah, meu filho, martelo não é nome de gente! É nome de ferramenta... – Por que é que não escolheram marmelo? – Porque marmelo é nome de fruta, menino! – E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo? (...) E Marcelo continuou pensando: Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo, devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim! (ROCHA, 1976).

RESPOSTA COMENTADA

O personagem Marcelo está incomodado com a arbitrariedade do signo linguístico. E em relação à arbitrariedade, são ao menos duas as observações que podemos fazer a partir de tal trecho. A primeira

diz respeito ao gesto de nomear: ele está lidando com a língua como se pudesse instituir nela o que ele quisesse, ou ainda, como se o significado de cada palavra dependesse da livre escolha que ele fizesse. Ao lermos tal passagem pensando no signo linguístico saussuriano, podemos dizer que o personagem está tomando a arbitrariedade como decorrente da vontade individual de cada falante, como ausência de consenso. No entanto, como vimos, o signo é arbitrário porque é convencional. A segunda refere-se à proposta de nomeação pelo personagem: ele está buscando alguma forma de motivação para as palavras. No caso de “bola” e “bolo”, ele busca alguma forma de motivação no significante que justifique o significado bem como alguma forma de motivação morfológica (“bola” como feminino de “bolo”); no caso de “sentador”, a denominação repousa na função: “sentador” em lugar de “cadeira”, já que serve à função de sentar. Em suma, ele recusa o fato de que o signo é arbitrário por ser imotivado.

OBJEÇÕES À ARBITRARIEDADE E OS CONTRA-ARGUMENTOS DE SAUSSURE

ONOMATOPEIA

“Vocábulo que procura reproduzir determinado ruído, constituindo-se com os fonemas da língua, que pelo efeito acústico dão melhor impressão desse ruído. Não se trata, portanto, de imitação fiel e direta do ruído, mas da sua interpretação aproximada com os meios que a língua fornece. São em regra monossílabos, frequentemente com reduplicação acompanhada, ou não, de alternância vocálica; ex.: pum!, tique-taque, toque-toque. (...)” (CAMARA JÚNIOR, 1984, p. 182).

Conforme você observou ao ler o capítulo “Natureza do signo linguístico”, são duas as objeções à arbitrariedade do signo que Saussure recupera: uma diz respeito às **ONOMATOPEIAS**, outra diz respeito às exclamações. Vejamos primeiramente os argumentos contra a noção de arbitrariedade do signo:

a) Argumento das onomatopeias: estas indicariam alguma motivação no significante (imagem acústica). Por exemplo, o fato de dizermos que o latido do cachorro é “auau” adviria do fato de ele emitir tal cadeia sonora.

b) Argumentos das exclamações: estas teriam sua origem ditada pela natureza. Por exemplo, tropeçar em uma pedra e emitir sons como “ai!”, “ui” etc.

Agora, registremos os contra-argumentos de Saussure:

a) Contra o argumento das onomatopeias: Saussure lembra que elas variam de língua para língua. Se em português consideramos que o som emitido pelos cães corresponde à onomatopeia “auau”, não é o que é considerado na língua inglesa ou na alemã.

Veja a seguir o exemplo da onomatopeia do latido do cão e do cacarejo da galinha em outras línguas:

- auuu (latido de cães) = wou-ou-ouuuu (francês)
- auuu (latido de cães) = vau-ou-ouuu (russo)
- auuu (latido de lobo) = uuuuu (italiano)
- cro cro (galinha) = kut-kudaj (russo)
- cro cro (galinha) = co co co/coccodè (italiano)

Se tiver curiosidade, veja outros casos no seguinte endereço: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_onomatop%C3%A9ias_em_diversas_l%C3%ADnguas



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/284330>

b) Contra o argumento das exclamações: Saussure mostra que, tal como as onomatopeias, elas também variam de cultura para cultura. Ademais, como exclamação (interjeições), lançamos mão ainda de palavras como *diabo* ou palavrões, que variam não somente de sociedade para sociedade, como de faixa etária, de grupo social, por exemplo.

Portanto, o fato de as onomatopeias e as exclamações não serem as mesmas independentemente de sociedade reforça o caráter arbitrário do signo.

Continuaremos, a seguir, discutindo a questão da arbitrariedade do signo linguístico. Será que a arbitrariedade é absoluta?

Arbitrário, mas nem tanto!

Agora que você já compreendeu que o signo é arbitrário e as implicações desta noção, pare para pensar em palavras como “trezentos” ou “feijoada”. O que tais palavras têm a ver com a noção de arbitrariedade? É sobre isto que vamos refletir agora.

Saussure irá explicar em outro capítulo, a saber, “Mecanismo da língua”, que: “O princípio fundamental da arbitrariedade do signo não

impede de distinguir, em cada língua, o que é radicalmente arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente” (SAUSSURE, [20--?], p. 152).

O que podemos entender com isso? Há algo em cada língua que é arbitrário e algo que é relativamente arbitrário? Exatamente. Por exemplo, o número 3 denomina-se “três” em língua portuguesa, mas não é assim em todas as línguas; estamos, pois, diante de uma “arbitrariedade absoluta”. No entanto, quando falamos “trezentos”, sabemos que há uma relação entre eles, relação esta motivada pelo número três. Em “trezentos” permanece algo do número três: “tre”. Sabemos mais: “entos”, no caso, nos permite entender que se trata de um numeral com dois zeros, ou seja, de um numeral na casa das centenas. Quando somos convidados para uma caranguejada, cuscuzada ou feijoada, sabemos que estaremos diante de pratos, no primeiro caso, à base de caranguejo, no segundo caso, à base de cuscuz, e no terceiro caso, à base de feijão. O que nos permite isto? O sufixo *-ada* (Boxe Explicativo), indicador, entre outras coisas, de alimentos.

O sufixo *-ada*, formador de substantivos a partir de outros substantivos, pode assumir diferentes sentidos, como nos mostra o quadro de Cunha:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção →	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto →	bocado, colherada
	c) marca feita com instrumento →	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe →	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida →	bananada, laranjada
	f) duração prolongada →	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico →	cartada, saraivada

Fonte: (CUNHA, 1985, p. 112).

Estes exemplos configuram o que Saussure denominará de “arbitrário relativo”: há uma motivação interna, particular de cada língua, que permite compreender palavras, no caso, a partir da formação de outras. Em inglês, por exemplo, boa parte das palavras relacionadas a doenças é composta com o substantivo “ache” (dor). Daí é possível formar-se: *headache* (dor de cabeça), *stomach ache* (dor de estômago), *earache* (dor de ouvido), *backache* (dor nas costas), entre outras.

A fim de compreender melhor a questão do arbitrário relativo, leiamos a explicação em Saussure:

Assim, *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe são associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, *setenta* etc., tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições de *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com *pereira*, que lembra a palavra *pera* e cujo sufixo *-eira* faz pensar em *cerejeira*, *macieira*, etc.; nada de semelhante ocorre com *freixo*, *eucalipto* etc. (SAUSSURE, [20--?], p. 152).

Para precisarmos ainda um pouco mais a distinção entre arbitrário absoluto e arbitrário relativo, leia o seguinte trecho de Lopes:

O primeiro [arbitrário absoluto] refere-se à instituição do *signo tomado isoladamente* e o segundo [arbitrário relativo] refere-se à instituição do signo enquanto elemento componente de uma estrutura linguística, sujeito, portanto, às constringências do sistema. Num exemplo claro, é graças à existência, na língua portuguesa, de uma forma produtiva como o sufixo verbal {-ou} para o pretérito que Carlos Drummond de Andrade pode produzir, por analogia com ‘amar/amou’, o neologismo ‘almou’ (in *Amar-Amaro*):

Por que amou, por que almou
se sabia
proibido passear sentimentos
etc.
(LOPES, 1995, p. 85).

As principais características do signo ainda não terminaram. Após a atividade que segue, você ainda vai estudar a “linearidade do significante”.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 2**

3. Informe e explique o tipo de arbitrariedade – absoluta ou relativa – em jogo nos exemplos a seguir:

a) 2000 inove (Bradesco);

b) mil;

c) twittar;

RESPOSTA COMENTADA

Em (a) e (c), está em jogo a arbitrariedade relativa. No primeiro caso, a propaganda promove um jogo de palavras com o significante. Tanto “2009” quanto “2000 inove” a brincadeira reside no fato de que ambos tem o mesmo significante. Experimente pronunciar: “dois mil e nove” e “2000 inove”. Percebeu? É por isto que podemos ler “2009” em “2000 inove”. O do neologismo “twittar” ocorre ao se agregar vocábulo de origem inglesa “twitter” o sufixo –ar formador de verbo da língua portuguesa, para indicar a ação de usar o twitter. Você já reparou que, quando palavras de outra origem entram na língua e se transformam em verbos, isto ocorre com sufixo dos verbos da primeira conjugação? Observe: surfar, digitar, deletar. Isto ocorre porque há uma produtividade na primeira conjugação. Em (b) estamos diante de um arbitrário absoluto de um signo, como você viu, tomado em sua totalidade.

A linearidade do significante

Além da arbitrariedade, outra característica do signo linguístico é a linearidade do significante:

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: *a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha* (SAUSSURE, [20--?], p. 84, grifo do autor).

Para compreender este princípio – tão importante quanto o da arbitrariedade –, cabe observar as suas implicações. Leiamos uma vez mais Saussure:

Este princípio é evidente, mas parece que sempre se negligenciou enunciá-lo, sem dúvida porque foi considerado demasiadamente simples; todavia, ele é fundamental e suas consequências são incalculáveis; sua importância é igual à da primeira lei. Todo mecanismo da língua depende dele. Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos (SAUSSURE, [20--?], p. 84).

Assim, no uso da língua falada não se pode pronunciar os fonemas de uma palavra ao mesmo tempo, muito menos todas as palavras de uma frase ao mesmo tempo. Também na língua escrita, essa linearidade se dá na medida em que se forma uma sequência, na qual cada elemento da frase ocupa uma posição, uma distribuição determinada. No signo MAR, por exemplo, cada fonema – nesse caso, cada letra – ocupa um espaço na cadeia de significantes. A ordem exata de cada fonema construirá um signo linguístico, e cada signo linguístico se colocará em uma determinada ordem constituindo uma frase, e assim irão se formando cadeias de significantes cada vez maiores.

Desta leitura, podemos reter as seguintes afirmações:

- a) A linearidade é a do significante e não do significado.
- b) Os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo.

Mais adiante, iremos voltar a estes princípios e observar seus desdobramentos no próprio *Curso de Linguística Geral* bem como nas contribuições feitas por outros linguistas a partir das noções saussurianas.

ATIVIDADE**Atende aos Objetivos 1 e 2**

4. Com o que você aprendeu, complete o quadro expondo o que é fundamental em Saussure para cada uma das noções a seguir.

Signo	
Significante	
Significado	
Arbitrariedade	
Linearidade do significante	

RESPOSTA COMENTADA

<i>Signo</i>	<i>É importante saber que “o signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”; que se trata de uma entidade psíquica de duas faces (significante e significado).</i>
<i>Significante</i>	<i>É importante saber que significante é imagem acústica; que imagem acústica não é o som material, físico, mas impressão psíquica de sons;</i>
<i>Significado</i>	<i>É importante saber que significado é conceito, fenômeno psíquico, abstrato.</i>
<i>Arbitrariedade</i>	<i>É importante saber que o signo é arbitrário, que as duas partes que o compõem – significante e significado – são psíquicas; que o laço que os une é imotivado e convencional, ou seja, não é natural.</i>
<i>Linearidade do significante</i>	<i>É importante saber que a linearidade é do significante; este se desenvolve no tempo unicamente, formando uma linha.</i>

CONCLUSÃO

Na Introdução de nossa aula, fizemos algumas perguntas acerca do signo a partir do poema de Arnaldo Antunes. Vamos recuperá-las: seria, então, o signo uma espécie de etiqueta que colamos nas coisas? Seriam as línguas nomenclaturas? Já podemos responder, não é mesmo? Alguns são os postulados na Linguística que se inicia com Saussure. Um dos centrais é a noção de arbitrariedade do signo linguístico. Dizer que o signo é arbitrário significa excluir o referente da relação inseparável entre significante e significado (lembra-se da Aula 3?) e com isso excluir qualquer relação motivada do signo com o mundo. Nesse sentido é que podemos então dizer que o signo não funciona como etiqueta para as coisas, que as línguas não nomeiam simplesmente. As línguas articulam categorias. E a arbitrariedade relativa, longe de se contrapor à arbitrariedade absoluta, diz respeito a esta capacidade da língua. Agora que você compreendeu o princípio da arbitrariedade, está a um passo de entender o corte epistemológico que Saussure promoveu com os estudos sobre língua que vinham se fazendo até o século XIX e o motivo pelo qual ele é considerado fundador da Linguística como ciência.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

O trecho, retirado do prefácio da primeira edição do livro *Elementos de Linguística Geral*, de André Martinet (1978), serve para exemplificar uma característica fundamental do signo linguístico. Identifique e explique essa característica e, ao mesmo tempo, apresente uma definição detalhada de signo linguístico:

Conhece-se a história daquele soldado português da primeira Grande Guerra mundial que, ao regressar de França, se exprimia assim junto de seus compatriotas: “Que se chame *pain* ao pão e *soupe* à sopa, enfim! Mas o que não lembra a ninguém de chamar *fromage* a uma coisa que toda a gente está mesmo a ver que é queijo!

RESPOSTA COMENTADA

A anedota constrói o humor, a partir da indignação do soldado português com o fato de a palavra francesa fromage significar “queijo”. Vemos, no comportamento do soldado, explicitada a característica da arbitrariedade do signo linguístico. Este é definido como uma unidade formada por duas faces, o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). O princípio da arbitrariedade diz respeito ao caráter imotivado do signo. Isto significa dizer que não há uma motivação entre o significante e o significado, logo, o laço que os une não é natural, mas sim fruto de uma convenção. Para o soldado, pain e soupe são aceitáveis, visto que se assemelham aos vocábulos portugueses “pão” e “sopa”. O soldado parece crer num vínculo natural e motivado entre os significantes e os conceitos que evocam.

RESUMO

Para definir o signo linguístico, esta aula retoma as formulações de Ferdinand de Saussure. Segundo ele, o *signo linguístico* resulta da união entre o *significante* (imagem acústica) e o *significado* (conceito). O signo é, então, dotado de duas faces inseparáveis, sendo ambas psíquicas. Assim, ao falar ou apenas pensar numa palavra como cadeira é acionado no cérebro do falante o conceito de cadeira, que não se refere a uma cadeira específica (com ou sem braço, acolchoada ou não, amarela ou marrom), mas a uma ideia de cadeira. O fato de o conceito de cadeira ser evocado, mesmo quando apenas pensamos na palavra, nos revela que o significante é também psíquico e não se trata do som em sua materialidade, mas de uma imagem acústica. Saussure apresenta ainda duas características fundamentais do signo linguístico: a *arbitrariedade* e a *linearidade do significante*. A primeira diz respeito ao caráter imotivado do signo, visto que a união entre significante e significado não se dá de maneira natural, contudo está na dependência de um acordo social. Não há nada no significante “cadeira” que aponte para o significado de cadeira. A segunda característica nos mostra que os significantes acústicos se desenrolam no tempo, logo, possuem um caráter linear, que se contrapõe à simultaneidade dos significantes visuais, por exemplo.

Linguística: ciência no século XX

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

5

Meta da aula

Localizar os estudos linguísticos em relação à gramática, à filologia e à gramática comparada.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar estudos gramaticais e filológicos de estudos linguísticos;
2. compreender a relevância dos estudos da linguagem no século XIX, a saber, da gramática comparada, para a emergência do objeto da Linguística.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia o capítulo "Visão geral da história da Linguística", de Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, [20--?], p. 7-12).



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/n/ni/ninci/876606_lab_work.jpg

INTRODUÇÃO

Imagine a seguinte cena: um professor de Linguística conta a amigos que foi agraciado com um prêmio de cientista. Com olhar estupefato, um dos amigos não resiste e pergunta: “Linguística é ciência?” Pois é, a palavra *ciência* evoca com razoável facilidade campos como o da física ou da biologia. Embora seja já comum em nossa sociedade contemporânea a separação entre “Ciências Biológicas”, “Ciências Humanas” e “Ciências Sociais”, a palavra *ciência* referindo-se a diferentes campos do saber, no senso comum, cola-se a um universo que não o da linguagem (entre outros), daí o estranhamento exposto na pergunta acima. Para não nos alongarmos demais nesta reflexão (aliás, um convite para que você reflita sobre ela), lembramos que, para instituir-se como ciência, foi necessário à Linguística a delimitação do objeto a ser investigado e a adoção de um rigor metodológico. É esta dupla que, ao menos no século XX, configurou o fazer ciência.

O homem sempre se interessou pela linguagem – filósofos, poetas, historiadores, oradores, gramáticos, filólogos –; no entanto, a constituição de uma ciência da linguagem é atribuída a Saussure, com seu livro póstumo *Curso de Linguística Geral* (lembra da Aula 3?). Como nada surge do nada, preci-

samos rever brevemente o legado que antecede o século XX para entender a constituição da Linguística como ciência. Para isso, precisamos diferenciar a Linguística de outros tipos de estudos da linguagem desenvolvidos pela gramática e pela filologia. É o que faremos nesta aula! Se a Linguística é considerada ciência no século XX, a palavra, contudo, surge no século anterior. Veja a observação de Kristeva:

Nascida no século passado – a palavra *linguística* é atestada pela primeira vez em 1833, mas o termo *linguista* já se encontra em 1816 em Raynouard, in *Choix des poésies des troubadours*, tomo I, p.1 –, a ciência da linguagem avança a um ritmo acelerado, e ilumina sob ângulos sempre novos essa prática que sabemos exercer sem a conhecermos (KRISTEVA, 1983, p. 14, grifo do autor).

FASES DO ESTUDO DA LINGUAGEM

O capítulo “Visão geral da história da Linguística”, do *Curso de Linguística Geral* de Saussure, se abre dizendo: “A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto” (SAUSSURE, [20--?], p. 7).

Os primeiros estudos sobre a linguagem constituíram o que se chamava de “Gramática”. Acompanhe as palavras de Saussure:

Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito (SAUSSURE, [20--?], p. 7).

Você se lembra da primeira aula, na qual tratamos do ponto de vista prescritivo, aquele que busca ditar regras? Esse é o ponto de vista adotado pelos estudos gramaticais.

Veja a seguir o que propõe a Filologia, a segunda fase pela qual passaram os estudos sobre a linguagem:

A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola “filológica”, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Linguística histórica (SAUSSURE, [20--?, p. 7-8).

Além da Filologia, Saussure relata ainda o período denominado de “Filologia comparada” ou “Gramática comparada”. Acompanhe no trecho a seguir:

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “Gramática comparada”. Em 1816, numa obra intitulada *Sistema de Conjugação do Sânscrito*, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, (...) Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito (SAUSSURE, [20--?, p. 8).



Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/05/Franz_Bopp.jpg

Franz Bopp foi um linguista alemão e professor de Filologia e sânscrito. Um dos principais criadores da gramática comparada, demonstrou a afinidade genética que existe entre as línguas grega, latina, persa e germânica, deduzindo os princípios gerais de sua formação. Sua *Gramática comparada das línguas indo-europeias* exerceu uma profunda influência nos estudos do século XIX.

O capítulo de Saussure e os trechos reescritos anteriores trazem várias informações. Mas, por ora, o mais importante é reter as tais três fases relativas aos estudos da linguagem, a saber:

- a) estudos gramaticais;
- b) estudos filológicos;
- c) gramática comparada.

Agora, vamos nos debruçar sobre cada uma dessas divisões visando a apreender suas especificidades, a crítica de Saussure aos estudos que o antecederam e o caminho que este mestre vai abrindo na constituição dos estudos linguísticos no século XX.

Gramática, normatividade e gramaticalidade

O termo *gramática* assume diferentes acepções. Pode indicar, por exemplo, o livro, o compêndio onde se encontram as regras da linguagem; pode indicar, por outro lado, as regras da língua, o funcionamento da língua.



Fonte: http://www.travessa.com.br/NOVA_GRAMATICA_DO_PORTUGUES_CONTEMPORANEO/artigo/6f281dbd-eca4-4a4a-b39a-c5b0aac2664b



Fonte: http://www.travessa.com.br/MODERNA_GRAMATICA_PORTUGUESA/artigo/09ae3f38-8c85-4381-9e56-89d694059388

No Brasil, são conhecidas como importantes gramáticas, entre outras, a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara e a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha.

O problema dos estudos gramaticais, a que alude Saussure, é que estas regras, ou este funcionamento, que comparecem nos compêndios gramaticais, e que resultam dos estudos gramaticais, têm uma longa tradição – que remonta aos gregos – do *bem escrever*, do *bem dizer*. E o que isto quer dizer? Que estão colados a uma normatividade, ao que conhecemos hodiernamente como *norma culta*. Em outras palavras,

A norma, conjunto de regras que se devem respeitar para bem falar a língua (“bem” aqui se refere a modelos ainda não definidos), tem como fundamentos, na maioria das vezes, ou a autoridade de certas pessoas (escritores) ou de certas instituições, ou o *bom uso*. Este coincide com a maneira pela qual certos usuários da língua a empregam em condições dadas (DUBOIS et. al., 1998, p. 90).

Para a Linguística, o que se considera norma culta de uma língua

É, do ponto de vista histórico-geográfico, apenas o falar próprio de uma região, e do ponto de vista social, é apenas o falar de um grupo (o dos escritores, políticos etc.), que, “tendo adquirido certo prestígio”, tornaram-se “o instrumento de administração, da educação e da literatura” (LOPES, 1995, p. 27-28, Lopes citando Lyons, 1971, p. 26).

Um determinado falar é, então, eleito como o bem falar, e é ele que passa a ser descrito e, por conseguinte, prescrito (lembra da primeira aula?) como o correto, como aquele a ser seguido. Tais estudos, em lugar de se deterem sobre a língua em si, têm como alvo a *norma*. Esta é a crítica de Saussure.

A título de curiosidade e para compreender melhor essa tradição gramatical que visa ao bem escrever e ao bem falar, leia o trecho a seguir, do prefácio da Gramática metódica da Língua Portuguesa de Napoleão Mendes de Almeida (1955):

Boa é a gramática que, numa mistura de simplicidade e erudição, expõe um raciocínio simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma, que o apresenta ao aluno como diamante despojado de cascalhos e impurezas, já lapidado, pronto já para usado, que se abstém, quanto possível, de informações históricas, hipóteses e configurações; a tais dados deve recorrer o suficiente para que o aluno perceba a razão de ser do estado atual de nosso idioma (ALMEIDA, 1955, p. 11).



Jaycy Castañeda

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/j/jc/jc_2086/1134742_gems.jpg

Uma outra acepção importante de gramática é cara aos estudos linguísticos. Leia o trecho a seguir, retirado de “Nossa sabedoria gramatical oculta” de Mário Perini, para tentar descobri-la:

“Saber gramática”, ou mesmo “saber português”, é geralmente considerado privilégio de poucos. Raras pessoas se atrevem a dizer que conhecem a língua. Tendemos a achar, em vez, que falamos “de qualquer jeito”, sem regras definidas. Dois fatores principais contribuem para essa convicção tão generalizada: primeiro, o fato de que falamos com uma facilidade muito grande, de certo modo sem pensar (pelo menos, sem pensar na *forma* do que vamos dizer), e estamos acostumados a associar conhecimento a uma reflexão consciente, laboriosa e por vezes dolorosa. Segundo, o ensino escolar nos inculcou, durante longos anos, a ideia de que não conhecemos a nossa língua (...).

Pretendo trazer aqui boas notícias. Vou sustentar que, apesar das crenças populares, *sabemos*, e muito bem, a nossa língua. E tentarei mostrar que nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e extremamente seguro. Isso se aplica não apenas àqueles que sempre brilharam nas provas de português, mas também praticamente a qualquer pessoa que tenha o português como língua materna.

Seria preciso, primeiro, distinguir dois tipos de conhecimento, aos quais se dão as designações de “implícito” e “explícito”. Vamos partir de um exemplo: eu sou capaz de andar com razoável eficiência (...). No entanto, não sou capaz de explicar os processos musculares e nervosos que ocorrem quando ponho em prática essa minha habilidade tão corriqueira. A fisiologia do andar é para mim um completo mistério.



Grant Scollay

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/g/gr/grantr/1054206_footprints_and_photographs.jpg

Pergunta-se, então: tenho ou não conhecimento adequado da habilidade de andar? A resposta é que tenho esse conhecimento em um sentido importante, ou seja, “sei andar” – tenho o conhecimento *implícito* adequado da habilidade de andar. Já meu conhecimento *explícito* dessa habilidade é deficiente, pois sou incapaz de explicar o que acontece com meu corpo quando estou andando. (...) Meu andar se submete a regras muito específicas, que poderão eventualmente ser estudadas por um especialista e, por exemplo, colocadas no papel na forma de uma descrição detalhada. Mas, independentemente de haver ou não essa descrição, meu conhecimento (implícito) da habilidade de andar é completo.

Vou mostrar que qualquer falante de português possui um conhecimento *implícito* altamente elaborado da língua, embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. (...)

Para passar logo a um exemplo, digamos que encontramos em algum texto a seguinte sequência de palavras:

(1) Os meus pretensos amigos de Belo Horizonte.

Essa é uma expressão bem-formada em português, e qualquer pessoa pode ver isto. Mas esse reconhecimento de que se trata de uma expressão bem-formada requer o conhecimento de uma ordenação estrita dos elementos que formam a expressão. Tanto é assim que sabemos que qualquer das expressões abaixo é malformada (o asterisco se usa tradicionalmente para marcar expressões malformadas ou agramaticais):

(2) *Os meus amigos de Belo Horizonte pretensos.

(3) *Meus os pretensos amigos de Belo Horizonte.

(4) *Os meus Belo Horizonte amigos pretensos.

(5) *Meus amigos pretensos de Belo Horizonte os.

(...) Creio que a imensa maioria dos falantes (escolarizados ou não) concordaria comigo que apenas (1), das cinco expressões vistas, é aceitável em português. Isso é algo que sabemos com exatidão, e não é tão simples assim. Como explicaríamos a um estrangeiro por que só (1) é bem-formada? A maioria das pessoas não conseguiria explicar isso com eficiência, e no entanto seu conhecimento implícito não deixaria de identificar as más-formações quando ocorressem. (...) (PERINI, 1997, p. 11-14, grifo do autor).

Descobriu essa outra acepção de “gramática”? Pois é, o texto de Perini traça um paralelo entre o que ele indica como *conhecimento explícito* e *conhecimento implícito*. Como você percebeu, ele disse que qualquer falante conhece a gramática (conhecimento implícito) de sua língua, embora não a saiba explicar (conhecimento explícito). Por exemplo, ordenamos as palavras de um determinado modo, sem, contudo, que saibamos o porquê de tal ou qual ordenação. Tal gramática (entendida então como regras implícitas da estruturação da língua) permite que saibamos quando uma sentença é da língua portuguesa ou não. É isto que o linguista irá chamar de gramaticalidade.

Leia agora uma definição de *gramaticalidade* que se encontra no *Dicionário de Linguística*, para melhor compreender a noção de gramática como regras internas e implícitas a qualquer falante de sua língua:

Cada falante que, por definição, possui a gramática de sua língua, pode fazer sobre os enunciados emitidos *julgamentos de gramaticalidade*. Ele pode dizer se uma frase feita de palavras de sua língua está bem formada, com relação a regras da gramática que ele tem em comum com todos os outros indivíduos que falam essa língua; essa aptidão pertence à competência dos falantes, não

depende nem da cultura, nem do grupo social do falante. Assim, em português *O menino gosta de chocolate* é uma frase gramatical; ao contrário, **Gostar chocolate menino* é uma frase agramatical (marcada por asterisco). Em outras palavras, o falante constata a agramaticalidade ou a gramaticalidade, ele não formula uma apreciação. Se há diferenças entre os falantes entre a gramaticalidade de uma frase, é que as suas competências (suas gramáticas) são variantes de um mesmo sistema. (...) (DUBOIS, 1998, p. 218).



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/332916>

Veja o que a este respeito complementa Lopes:

Parece-nos sensato observar que *não cabe ao linguista ser contra a normatividade, ou a favor dela*: o que lhe compete é insistir no fato de que a problemática da *gramaticalidade* (não confundir com *correção* ou com *purismo* da linguagem) é matéria legitimamente linguística, porque:

- a) as línguas são produto das convenções e dos valores sociais, de onde derivam as *regras* que tornam compreensíveis as intercomunicações dos indivíduos e asseguram a sobrevivência e coesão das sociedades;
- b) qualquer utilização da língua por um falante tem de ser por ele planejada para que sua mensagem atinja determinados objetivos com exclusão de outros (LOPES, 1995, p. 27).

Assim, o linguista não se interessa por variações que dizem respeito à normatividade e sim à gramaticalidade. Em “a gente fomo ao shopping”: tal frase é um problema quanto à normatividade, pois fere a norma padrão da língua, e é tratada com preconceito por muitos. Porém, para os linguistas, esta frase não é agramatical, já que é possível e acontece na língua. Porém, a sentença “fomos shopping nós ao” é inaceitável porque sua ordenação não é possível na língua portuguesa, ou seja, a sentença apresenta problemas quanto à gramaticalidade. A questão da gramaticalidade, portanto, não decorre de normas impostas para um bem falar ou bem escrever.

Agora que você já sabe o que é gramática, gramaticalidade, normatividade, exercite a seguir este seu conhecimento antes de adentrarmos o terreno da Filologia. Mas, antes disso, leia sobre o nascimento da gramática no box.

Nascimento da gramática

(...) a primeira análise gramatical não nasceu da necessidade de falar uma língua qualquer, mas de compreender um texto. Em nossos dias a gramática é antes de tudo uma técnica escolar destinada às crianças que dominam mal uma língua ou que aprendem uma língua estrangeira. Isto se deve tanto ao desenvolvimento do sistema escolar quando ao da gramática. Em tempos remotos, nunca se teve espontaneamente a ideia de fazer uma *gramática* – um corpo de regras explicando como construir palavras, mesmo que sob a forma implícita de paradigmas – para aprender a falar (AUROUX, 1992, p. 25).



Valeer Vandenbosch

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/v/va/valsilvae/751398_talking.jpg



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Leia a seguir um fragmento produzido por um estrangeiro aprendendo a língua portuguesa e faça o que se pede a seguir:

“Ela estava dormendo e sonhando também. O sonho foi mal com o monstro. O pai dela chegou no quarta ve-la que foi. O pai falou com ela e cantou uma musica. Depois ela dormiu bem. Na proximo dia ela não lembra nada sobre a noite.”

a) O que vem a ser gramaticalidade? Por que podemos dizer que o trecho “dormendo e sonhando” denuncia um desconhecimento das regras implícitas da língua portuguesa, isto é, por que é agramatical?

b) Explique a agramaticalidade no fragmento “O pai dela chegou no quarta ve-la que foi.”

c) Explique por que em “próximo” temos um problema de normatividade e não de agramaticalidade.

RESPOSTA COMENTADA

a) Gramaticalidade diz respeito a regras comuns da língua, ou seja, ao modo como a língua se estrutura. Essas regras são conhecidas implicitamente pelos falantes da língua. Trata-se, portanto, de um saber implícito, que faz com que o falante diferencie construções de sua língua de construções que não seguem a gramática (regras) da sua língua. No fragmento anterior, há vários casos de agramaticalidade; por exemplo, para formar o gerúndio na língua portuguesa, há três possibilidades: -ando, -endo, -indo, respectivamente para verbos com terminação em -ar, -er e -ir. No fragmento, encontramos a desinência -endo usada para verbos em -ir (dormir) e -ar (sonhar), o que denuncia a agramaticalidade, isto é, as palavras “sonhando” e “dormendo” não fazem parte do paradigma da conjugação de verbos da língua portuguesa.

b) No fragmento “O pai dela chegou no quarta ve-la que foi”, temos vários exemplos de agramaticalidade, como o emprego do gênero: em lugar de “o quarto”, o aprendiz estrangeiro da língua, por não ter um conhecimento implícito do gênero em língua portuguesa, usa

artigo feminino para a palavra quarto, também empregada de forma agramatical: quarta (numeral) em lugar de quarto (substantivo indicando parte de uma casa). Uma outra sequência com problemas de agramaticalidade é “O pai dela chegou no quarta ve-la que foi”. Falta a esta formulação uma preposição – para – indicando a oração subordinada – “para ver o que foi”. Além disso, o pronome oblíquo (“a” em “ve-la”) é usado equivocadamente para indicar de quem era o quarto (no caso, “o quarto dela”). Em outras palavras, um falante da língua portuguesa não precisa saber que “para” é uma preposição, mas ele a usa em tais casos da mesma maneira como não usa o pronome oblíquo em lugar do possessivo (dela).

c) O emprego da palavra “próximo” sem acento (proximo) não constitui agramaticalidade, mas um problema de normatividade: falta um sinal gráfico (acento agudo), e a acentuação (bem como a ortografia) decorre de decisões sobre a língua (o que se deve ou não acentuar, como acentuar, qual letra deve ser usada em uma palavra ou em outra). Portanto o emprego correto de uma outra forma ortográfica, de um ou outro acento, decorre da escolarização, de conhecimentos explicitados sobre a língua na escola.

Filologia

No texto de Saussure, como vimos na seção “Fases do estudo da linguagem” desta aula, as investigações filológicas são apontadas como uma segunda fase dos estudos dos fatos da língua. O que a Filologia teria de tão específico? Leiamos Lopes:

O primeiro interesse do filólogo não coincide com o primeiro interesse do linguista. Aquele busca encontrar num *texto antigo* (um documento escrito) o seu significado, à luz de conhecimentos daquela etapa cultural. Mas o linguista antepõe ao estudo da modalidade escrita de um idioma o estudo de sua *modalidade oral* (...). De modo análogo, o linguista não vê por que deva estudar, com exclusividade do gramático, a *norma culta* de uma única língua (LOPES, 1995, p. 26).

Então, o fato de se debruçar sobre o texto escrito, isto é, de ter o texto como seu objeto, a especificidade da Filologia. Ser o texto escrito o seu objeto e não a língua em si foi uma das diferenças que Saussure apontou entre os estudos filológicos e os estudos linguísticos.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/m/ma/mattox/1209716_writing.jpg

Para compreender melhor o campo da Filologia e o trabalho do filólogo, acompanhe o texto:

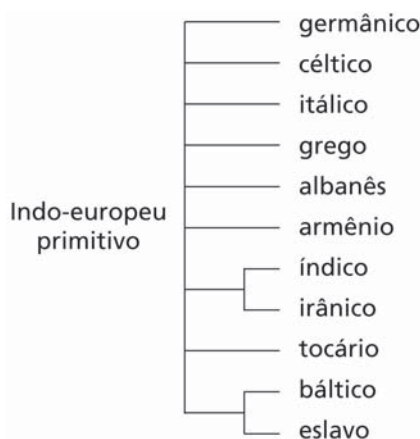
O campo de atuação da Filologia se restringe ao estudo do texto escrito. Esse estudo engloba a exploração exhaustiva dos mais variados aspectos do texto: linguístico, literário, crítico textual, sócio-histórico, entre outros. Cabe à Filologia interpretar e comentar os textos antigos a fim de fornecer as informações necessárias para a sua compreensão: sentidos que, porventura, as palavras possuíam num passado remoto ou recente, mas que se perderam; formas e usos linguísticos não utilizados, mas necessários para esclarecer-nos eventuais passagens obscuras de um texto (CUNHA; COSTA; MARTELOTA, 2008, p. 23-24).

Fruto de uma longa tradição de interpretação de textos religiosos e literários, a Filologia buscava compreender e decifrar textos. E, para isso, recorria à comparação com outras línguas. Suas pesquisas prepararam terreno para o que hoje se denomina Linguística Histórica.

Gramática comparada

A Gramática comparada, seguindo as pegadas de Saussure, consiste em um método de estudo no século XIX e tem sua grande contribuição com a descoberta do sânscrito, uma das línguas clássicas mais antigas da Índia. Tal descoberta foi importante, mas o grande passo para os estudos comparativos deve-se a Bopp, isto é, a observação – deveras importante – de que é possível explicar as formas de uma língua pela outra.

No século XIX, com a descoberta do sânscrito, surge, então, a hipótese de uma língua comum, chamada de “**INDO-EUROPEU**”, que seria uma proto-língua, isto é, uma língua-mãe. Observou-se que um conjunto de línguas distantes entre si no tempo e no espaço, como o grego, o latim e o alemão, por exemplo, possuíam, contudo, características em comum. Daí a concepção de que haveria parentesco entre elas e um ancestral comum. Tratou-se, agora, de compará-las em busca das semelhanças e de organizá-las em famílias linguísticas. O século XIX foi, pois, marcado pela comparação das línguas.



Esses estudos comparativos favoreceram de certa forma a emergência do objeto da Linguística. Mas como isso foi possível? Para começar a compreender, veja, primeiramente, o quadro a seguir:

INDO-EUROPEU

Segundo Mattoso Câmara, o indo-europeu foi “uma língua pré-histórica, falada há uns três mil anos antes de Cristo (3000 a.C.), numa região incerta da Europa Oriental. Daí se espalhou, mercê principalmente de movimentos migratórios por parte da Ásia e uma grande parte da Europa, constituindo amplos grupos dialetais (...)” (CÂMARA JUNIOR, 1984, p. 145-146).

Latim:	genus	generis	genere	genera	generum
Grego:	génos	géneos	génei	génea	géneôn
Sânscrito:	ganas	ganasas	ganasi	ganassu	ganasâm

Fonte: Culler, 1979, p. 51.

De acordo com Culler, se

... só o Latim e o Grego forem comparados entre si, a afinidade não parecerá ser muito direta, mas quando o Sânscrito é acrescentado, ele ajuda a sugerir a natureza da relação entre eles: onde o Sânscrito tem um s entre duas vogais, o Latim tem um r e o Grego não tem nenhuma consoante (CULLER, 1979, p. 51).

O que se pretende então ressaltar são as correspondências regulares entre formas relacionadas.

Você naturalmente deve estar fazendo a mesma pergunta que os comparativistas – adeptos do método comparativo – se fizeram: como explicar a sistematicidade dessas correspondências? Para eles, as mudanças numa língua seriam regulares. Contudo, o princípio da regularidade só veio a ser desenvolvido em meados de 1870, quando os neogramáticos – estudiosos da segunda metade do século XIX, posteriores aos comparativistas – formularam as famosas leis fonéticas. O trabalho desenvolvido pelos neogramáticos e a contribuição deste trabalho para a constituição da Linguística fará parte da próxima aula.

Por ora, basta retermos que as descobertas do século XIX e a constituição do método comparativo formaram um campo fecundo para a emergência dos estudos linguísticos. A língua, conforme Culler,

... era agora concebida como um objeto de conhecimento, algo que poderia ser dissecado ou anatomizado como uma planta ou um animal. Não mais estava sendo estudada como a própria forma do pensamento, como uma representação da relação de mente com o mundo (CULLER, 1975, p. 52).

Em outras palavras, a questão deixa de ser a normatividade, como era a prática da tradição gramatical, e deixa de se centrar também no texto escrito como forma de apreender seu sentido, como era a prática da tradição filológica. Nas palavras de Foucault:

A partir do século XIX, a linguagem começou a dobrar-se sobre si mesma, a adquirir sua própria densidade particular, a desenvolver uma história, uma objetividade e leis próprias. Tornou-se o objeto

do conhecimento, no mesmo nível dos seres vivos. Conhecer a língua, chegar tão perto quanto possível do conhecimento em si, é simplesmente aplicar os métodos de compreensão em geral a um domínio particular da objetividade (FOUCAULT, 1975, p. 52).

Trocando em miúdos, no século XIX, a comparação entre as línguas começa a direcionar o olhar do estudioso da linguagem para as formas da língua. E esse olhar resulta na apreensão de leis. A vantagem das gramáticas comparadas, conforme Orlandi, é “mostrar que as mudanças são regulares e não caóticas como se pensava” (ORLANDI, 1990, p. 14). Observe um exemplo corriqueiro da língua portuguesa: o /l/ da palavra *soldado* se transforma em /r/ na pronúncia *sordado*, como podemos notar em algumas regiões brasileiras. Entretanto, jamais esse mesmo /l/ se transmutará na língua portuguesa em /p/ ou /b/ (*sopdado, *sobdado) (cf. ORLANDI, 1990, p. 14-15).

São essas leis, que veremos mais vagarosamente na próxima aula, a mola propulsora para os estudos linguísticos saussurianos.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Com base neste quadro, responda às questões que se seguem:

Latim	Inglês	Português
pater	father	pai
piscis	fish	peixe
ped-	foot	pé
decem	ten	dez
dent-	tooth	dente

Fonte: Adaptado de Faraco, 2005, p. 127.

a) O que a comparação entre o latim, o inglês e o português pode nos dizer no que se refere às formas linguísticas?

b) Que tipo de estudo da linguagem foi feito no século XIX? Deixe claro em sua resposta a relevância deste tipo de estudo.

RESPOSTA COMENTADA

a) O que se observa é uma correspondência regular no início das palavras: o “p” latino se mantém como tal em português, mas se transforma em “f” na língua inglesa; o “d” latino se mantém como tal em português, mas se transforma em “t” na língua inglesa.

b) No século XIX, por conseguinte, fez-se um tipo de estudo denominado comparativismo: comparavam-se as línguas, dando relevo aos parentescos entre elas, em busca de uma língua-mãe. Tal método foi relevante para a compreensão de que seria possível entender uma língua por meio de outra.

Para finalizar, leiamos em Faraco a seguinte observação de Câmara Jr:

O que há de importante e até decisivo, do ponto de vista científico, é que as formas se alteram dentro de certas diretrizes e, seguindo-as, é fácil reconstituir a unidade esvaída. Não há, por exemplo, nenhum traço fonético comum entre o português *eu* e o francês *jê*, mas é inconcusso que ambas as partículas vêm do latim *ego*. Por isso Meillet adverte que as verdades do comparativismo linguístico podem muitas vezes ser incríveis para um leigo (CÂMARA JUNIOR, 1977, p-146-147, apud FARACO, 2005, p. 127).

CONCLUSÃO

Começamos esta aula lembrando o estatuto de ciência da Linguística. Se o homem se debruça sobre a linguagem desde muito, Saussure nos mostra que esse esforço, ao menos no que tange aos estudos da linguagem especificamente, pode ser organizado em três tipos de grupos: aquele dos gramáticos, o dos filólogos e dos gramáticos comparativistas. Trazer os estudos da linguagem para o terreno da ciência constituiu um esforço de delimitação do seu objeto, que passou a contemplar algo até então não privilegiado, a saber, a língua oral.

Diferentemente da gramática e da Filologia, a Linguística irá focalizar a língua falada. Se, para Saussure, o estudo da Linguística começa com os neogramáticos (SAUSSURE, p. 11), não podemos, contudo, deixar de notar a contribuição do método comparativista com a eleição da língua oral pela Linguística. Conforme Lyons, o método comparativo mostrou

que não apenas todas as grandes línguas literárias da Europa tinham se originado sob a forma de dialetos falados, mas que também sua origem e seu desenvolvimento só poderiam ser explicados em termos de princípios que determinam a aquisição e o uso da língua falada correspondente (LYONS, p. 171).

Isto posto, o próximo passo, como veremos na aula a seguir, advém, conforme Saussure, com os neogramáticos, que deixam de tomar a língua como “um organismo que se desenvolve por si, e sim como produto da coletividade” (SAUSSURE, [20--?], p. 11).

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Comente as seguintes afirmações:

a) Parece-nos sensato observar que não cabe ao linguista ser contra a normatividade, ou a favor dela: o que lhe compete é insistir no fato de que a problemática da gramaticalidade (...) é matéria legitimamente linguística (LOPES, 1995, p. 27).

b) A filologia se interessa pelo estudo do texto escrito, enquanto a linguística, embora não despreze a escrita, se volta para a linguagem oral (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2008, p. 24).

RESPOSTA COMENTADA

a) Diferentemente da gramática, que busca o bem escrever e, para isso, assume uma postura normativista em relação ao uso da língua, o linguista se ocupa da língua para compreendê-la e explicá-la sem, contudo, fazer, como já vimos na Aula 1, prescrições. Já a questão da gramaticalidade refere-se à organização da língua independentemente de juízo de valor. A gramaticalidade rege os enunciados possíveis em uma língua, o que constitui interesse do linguista.

b) A crítica saussuriana aos estudos filológicos se deve, entre outros fatores, ao fato de eles se aterem ao texto escrito, a fim de perscrutar sentidos arcaicos e estabelecerem a forma primeva do texto. Saussure, na contramão destes estudos, adverte a primazia da língua oral sobre a escrita.

RESUMO

De tudo o que lemos nesta aula, podemos agora, à guisa de resumo, destacar os seguintes aspectos centrais dos estudos da linguagem. Estes passaram, consoante o *Curso de Linguística Geral*, por três fases de estudo:

(a) *Gramática*: inaugurada pelos gregos, trata-se de uma disciplina normativa que visa à formulação de regras que instituem um bem falar e escrever.

(b) *Filologia*: debruça-se sobre textos escritos, em geral arcaicos, para decifrá-los e explicá-los.

(c) *Gramática comparada*: com a descoberta do sistema de conjugação do sânscrito (BOPP, 1816), observou-se que as línguas podiam ser comparadas entre si.

Nesta aula, você aprendeu ainda que a Linguística desconsidera a abordagem normativa dos estudos da linguagem, substitui a questão da normatividade pela da gramaticalidade (regras implícitas do funcionamento da língua). Por fim, a Linguística, diferentemente da Filologia, considera em seu estudo a língua falada. Conforme Saussure, estas três fases antes apontadas abriram campo fecundo para a investigação da linguagem, mas, por outro lado, não se preocuparam em determinar a natureza do seu objeto de estudo, como arduamente buscou o projeto saussuriano de uma ciência da linguagem.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Para a próxima aula, vamos estudar ainda o capítulo “Visão geral da história da Linguística”, de Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, [20--?], p. 7-12), o trabalho dos neogramáticos a fim de compreender seu lugar no advento da Linguística. Que tal agora que chegou ao final desta aula reler este importante capítulo?

Antigos interesses e uma nova descoberta: a língua

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

6

Meta da aula

Relacionar o trabalho dos neogramáticos com a emergência da Linguística saussuriana.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer o papel dos neogramáticos na assunção da Linguística como ciência no século XX;
2. reconhecer a *langue* como objeto da Linguística.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia o capítulo "Objeto da Linguística", de Ferdinand de Saussure (1989, p. 15-23).

INTRODUÇÃO

Você conhece a famosa música “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa? Que tal acompanhar o trecho a seguir? Você pode ainda assistir ao vídeo no link <http://letras.terra.com.br/adoniran-barbosa/43970/>



De tanto levar “frechada” do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
“táubua” de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar, não tem mais.

Fonte: http://www.cifras.com.br/album/adoniran-barbosa/o-talento-de-adoniran-barbosa_8576

Será que podemos fazer alguma relação entre esta música e o assunto inicial da aula: os neogramáticos? Vamos pensar?

Você reparou em duas palavrinhas entre aspas: “frechada” e “táubua”? O que está acontecendo com elas? Como você já está se tornando um observador atento da língua, já deve ter percebido que elas constituem variações de “flechada” e “tábua”, não é mesmo? Se refletir mais um pouquinho sobre este fenômeno, constatará que há outras palavras na língua portuguesa que permitem movimentos semelhantes.

Vamos considerar “flechada” e “frechada”. Notou que o “l” se transformou em “r”? Isso também acontece com outras palavras; por exemplo, a palavra “bicicleta” aparece em alguns falares como “bicicreta”. Êpa, o “l” virou “r” de novo! E não é só neste ambiente. Repare agora “malvada” e “marvada”. Mais uma vez o “l” se transmudou em “r”, não é mesmo? Mas, se você procurar pela língua portuguesa alguma palavra em que o “l” vire “p” ou “m”, não encontrará nenhuma. Pense, por exemplo, em “flechada”; acrescentando “m” e “p”, teríamos: *fmechada, *fpchada. Percebeu como essas últimas são agramaticais?

Chegamos então a duas observações importantes: em primeiro lugar, as línguas mudam, variam; em segundo lugar, as mudanças não são tão aleatórias assim (o “l” vira “r”, mas não vira “p”). E o que isto tem a ver com os neogramáticos? Ora, essas diferenças linguísticas dizem respeito à possibilidade das alterações fonéticas da língua, e foram os neogramáticos que observaram as regularidades fonéticas entre línguas diferentes. Em outras palavras, e foram eles que formularam as leis fonéticas.

Para entender melhor essas questões – regularidades nas mudanças na língua, leis fonéticas – e a contribuição delas na emergência do objeto da Linguística, que tal acompanhar esta aula?

OS NEOGRAMÁTICOS

Na aula anterior, vimos que os comparativistas observaram as semelhanças entre as línguas e as estudaram. Perceberam que diferentes línguas possuíam parentesco, cabia mapeá-las até chegar à protolíngua. No entanto, consoante Saussure, eles jamais “se preocuparam em determinar a natureza do seu objeto de estudo” (SAUSSURE, 1989, p. 10), isto é, os comparativistas jamais se perguntavam a que levavam as comparações que propunham. Uma outra crítica de Saussure a esse trabalho se deve ao fato de que se considerava “a língua como uma esfera à parte, um quarto reino da Natureza” (SAUSSURE, 1989, p. 10), ou seja, desvinculada da coletividade.

Em rápidas palavras, a segunda metade do século XIX viu surgir do centro dos comparativistas um outro grupo, os neogramáticos. Estes questionaram pressupostos basilares da prática comparativista, como, por exemplo, a concepção naturalista da língua, que assumia a língua como dotada de existência independente. Os neogramáticos, ao contrário, não viam a língua dissociada do falante. Destaca a esse respeito Saussure: “Graças aos neogramáticos, não se viu mais na língua um organismo que desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, 1989, p. 12) .

Ademais, os neogramáticos tinham como objetivo primordial estudar o que consideravam como as “línguas vivas atuais” (FARACO, 2005, p. 140) e não mais buscar uma origem comum. Uma vez constatado que as línguas mudavam, diferentemente de seus antecessores comparativistas, os neogramáticos buscavam entender essas mudanças e não apenas comparar o que mudava de uma língua para outra. Eles observaram as regularidades das mudanças e foram atrás de princípios que as regessem. Como nos explica Faraco:

Interessava-lhes, portanto, investigar os mecanismos da mudança (desvendar os princípios gerais do movimento histórico das línguas) e não apenas reconstruir estágios remotos das línguas. Nesse sentido, temos aqui uma perspectiva diferente para os estudos históricos: trata-se antes de criar uma teoria da mudança do que apenas arrolar correspondências sistemáticas entre línguas e, a partir delas, reconstruir o passado (FARACO, 2005, p. 141).



Chris Chidsey

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/c/ch/chidsey/1139041_poor_eyesight.jpg

Acerca do movimento dos neogramáticos

O movimento dos neogramáticos foi inspirado pelas ideias de Wulhelm Scherer, em seu livro *A respeito da história da língua alemã*, 1868. Scherer (...) advogava leis fixas na mudança fonética. Enfatizava a importância da fonética para o estudo histórico da linguagem (CÂMARA JUNIOR, 1976, p. 90-91).

São vários os estudiosos expoentes desse movimento. Fazendo aqui um breve resumo, eles observaram que:

(...) as mudanças sonoras se davam num processo de regularidade absoluta, isto é, as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, não admitindo exceções.

Em havendo exceções, de duas uma: ou o princípio regular efetivo ainda era desconhecido (vale dizer: princípio existe, o que falta é encontrá-lo), ou a regularidade da mudança havia sido afetada pelo processo de analogia (FARACO, 2005, p. 141-142).

Em outras palavras, os neogramáticos elaboraram uma teoria, na qual se assumiu que as mudanças fonéticas tinham um caráter de absoluta regularidade e, portanto, deveriam ser entendidas como leis e não admitiam exceções (as chamadas *leis fonéticas*) (FARACO, 2005, p. 52).

E o que vêm a ser as leis fonéticas?

As **LEIS FONÉTICAS** mostravam a regularidade fonética-fonológica na passagem de uma língua para outra. Uma das mais importantes leis fonéticas ficou conhecida como *Lei de Grimm* (reformulada mais tarde por outros neogramáticos). Segundo Faraco, “Grimm havia mostrado, em 1822, que as consoantes do indo-europeu original /p/, /t/ e /k/ haviam mudado no ramo germânico desta família para /f/, /θ/ e /h/ respectivamente” (FARACO, 2005, p. 142).

Outros, como Verner, reformulam as leis de Grimm. Por ora, entendamos um pouquinho a posição de Grimm. A ideia central deste estudioso era a de que a mudança sonora subordinava-se a leis sem exceção. Mas como explicar as exceções que se observava? Como lemos anteriormente, isto era possível de duas maneiras: ou procurando outra regularidade, ou trazendo para a teoria a analogia como explicação para a mudança.



Sven Milev

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/sv/svilen001/1147668_question_icon.jpg

“O termo **LEI FONÉTICA** designa o princípio da regularidade de uma mudança fonética dada. Foi empregado na segunda metade do século XIX pelos foneticistas neogramáticos (...). Para esses linguistas, as leis fonéticas são imutáveis: o mesmo fonema, num contexto fonético dado, sofre na mesma língua e durante um certo período a mesma mudança em todas as palavras da língua em questão. (...) Uma das leis fonéticas mais importantes foi formulada por Grimm para explicar a mutação consonântica do germânico” (DUBOIS, 1978, p. 359).

E o que vem a ser mudança por analogia? É ainda Faraco a explicar que:

Quando uma mudança sonora afetasse a quebra dos padrões gramaticais, haveria a possibilidade de “retificar” isso por meio da analogia, isto é, mudando a forma resultante de modo a torná-la coincidente com os padrões gramaticais regulares da língua. (FARACO, 2005, p. 144).

Um bom exemplo encontra-se na palavra “honor” (honra). Vamos acompanhar mais uma vez a explicação de Faraco:

Os estudos comparativistas mostram que o **s* original reconstruído do indo-europeu manteve-se em posição inicial e final de palavras em latim, mas mudou para *r* em posição intervocálica. Assim, numa fase anterior em que só ocorria *s* (*honos* – **honosis* **honossem...*), chegou-se a uma fase em que o *s* só ocorria (...) em posição final de palavra (...) e *r* nas demais formas de declinação (*hons* – *honoris* – *honorem...*) Diante disso como dar conta da ocorrência posterior de *honor*? Ou, em outras palavras, como dar conta dessa irregularidade de *honor* em relação aos processos de mudanças sonoras da história do latim? Os estudiosos, na tradição neogramática, costumam responder a essa questão, dizendo que a forma *honos* resultante de mudança sonora regular e atestada nos escritores mais antigos foi substituída por *honor* por pressão analógica do padrão morfológico das palavras terminadas em *r* como *cultor*, *cultoris*; *amor*, *amoris*; *labor*, *laboris*. Isto é, se a *cultoris* corresponde *cultor*, a *honoris* deve corresponder, por analogia, *honor* (SAUSSURE apud FARACO, 2005, p. 144-145).

É ainda Faraco a fazer a seguinte observação acerca dos neogramáticos:

“Nas palavras de Saussure (cuja formação linguística se deu com os neogramáticos em Leipzig):

Vê-se, pois, que, para contrabalançar a ação diversificante da mudança fonética (*honos* : *honorem*), a analogia unificou novamente as formas e restabeleceu a regularidade (*honor*; *honorem*)” (SAUSSURE apud FARACO, 2005, p. 144-145).

Os estudos feitos pelos neogramáticos foram profícuos no entendimento das mudanças nas línguas. Observem-se alguns exemplos de mudança por analogia:

a)

Foi ainda por analogia com *seja* que proveio *esteja*; com *sive* ou *tive* que resultou *estive*; com *houve* que surgiu *prouve* (arc. proughe); com *estou*, *dou* e *vou*, que promanou *sou* (arcs. *som*, *são* e *sam*); com *colher*, que se originou *tolher* (COUTINHO, 1976, p. 160).

b)

É na regência que ocorrem os casos mais comuns de analogia sintática. Os verbos transitivos diretos são em quantidade muito maior que os indiretos. Isso justifica a tendência que manifesta o povo para considerar transitivos diretos muitos verbos que o não são. Neste rol, estão *presidir*, *assistir*, *perdoar*, *responder*, *mirar* (COUTINHO, 1976, p. 161).

Ou seja, a gramática normativa recomenda que o emprego do verbo “perdoar” seja regido por preposição: perdoar a alguém. Entretanto, muito falantes do português, por analogia, como nos explica Coutinho, deixam de usar a preposição – isto é, transformam o verbo em transitivo direto –, construindo orações como: “perdoou o menino” em lugar de “perdoou ao menino.”

Leia este interessante exemplo de analogia



A palavra portuguesa “campa” (sino), por exemplo, por ser proveniente do latim *campāna* (espécie de balança romana), deveria ser pronunciada como *campã*, seguindo a evolução *campāa* e *campã*. Segundo alguns autores, por analogia com a palavra *campo*, o acento tônico se deslocou para a primeira sílaba, enfraquecendo a nasalidade. Esse é um exemplo de como a analogia pode modificar as tendências ditadas pela mudança fonética (MARTELOTTA, 2008, p. 51).

Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?nitem=22124826&sid=11911512712126354076704060&k5=597B75A&uid=>

Agora que você sabe da relevância dos neogramáticos, está pronto para uma atividade sobre eles.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Leia as observações a seguir. Informe quando se trata de lei fonética, quando se trata de mudança por analogia, e explique.

a. “Os fonemas latinos *p, t, c, f*, quando mediais intervocálicos, sonorizam-se, em português, em *b, d, g, c*, exs.: *lupu > lobo, cito > cedo, acutu > agudo, profectu > proveito*” (COUTINHO, 1976, p. 143).

b. “(...) a palavra portuguesa “estrela” que provém do latim *stēlla* passa a adquirir o /r/ por influência de *astro*, assim como a palavra *floresta*, proveniente do latim tardio *forestis*, que adquiriu o /l/ por influência da palavra *flor*” (MARTELOTTA, 2008, p. 51).

c. “Vocalização é a conversão de uma consoante num fonema vocálico. Vocaliza-se em *i* ou *u* a primeira consoante dos grupos *ct, lt, lc, lp, bs, gn*, exs.: *factu > feito, alteru > outro, falce > fouce, palpare > poupar, absentia > ausência, regna > reino*” (COUTINHO, 1976, p. 143).

d. “Assim, *pancadaria de mouro* aparece modificado em *pancadaria de molho*; *trazer à colação* passou a ser *trazer à coleção*; *baraço* e *cutelo* foi transformado em *braço* e *cutelo*, *insculpido* e *encarnado* alterou-se em *cuspid* e *escarrado*. (...)” (COUTINHO, 1976, p. 155).

RESPOSTA COMENTADA

Nos itens (a) e (c), temos explicações de mudanças decorrentes de leis fonéticas: no caso de (a), são fonemas latinos que se transmutam em outros fonemas na língua portuguesa. No item (c), encontram-se mudanças regulares de consoantes latinas em fonemas vocálicos para a língua portuguesa.

Nos itens (b) e (d), as mudanças decorrem por analogia: *estrela*, em português, apresenta um “r” não existente na palavra que lhe

deu origem em latim, mas existente em outra palavra: “astro”. Novamente, no caso (d), trata-se de mudança por analogia: repare as semelhanças entre colação e coleção; insculpido e esculpido, por exemplo.

Tendo compreendido a tarefa dos neogramáticos, agora você verá a relação desses estudos com o projeto científico da Linguística saussuriana.

O OBJETO DA LINGUÍSTICA



Henk Jan Kwant

Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/s/su/superkwast/743473_tunnel.jpg

O olhar sobre as regularidades das mudanças linguísticas pelos neogramáticos de certa forma iluminou a busca saussuriana, pois a língua passou a ser vista como produto de uma coletividade e não mais um organismo vivo e como tendo regras que lhes são próprias. Em seu capítulo “Objeto da Linguística”, pergunta-se Saussure: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística?” (SAUSSURE, 1989,

p. 15). Para Saussure, é a *langue* (língua). E o que vem a ser a *langue* (língua)? Como fazer perguntas e buscar respostas para elas faz parte da atividade científica. Leiamos a pergunta e a resposta dadas por Saussure:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um produto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 1989, p. 17).

A fim de saber um pouco mais da relação entre Saussure e os neogramáticos, leia o trecho de Mattoso Câmara:

A vida de Saussure foi relativamente curta. Morreu com a idade de 56 anos. Foi professor na Universidade de Paris, onde Meillet foi seu aluno e, depois, na Universidade de Genebra, onde expôs suas ideias revolucionárias sobre linguística geral. Na Universidade de Paris ele se restringiu à gramática comparativa do indo-europeu que estudara, principalmente, na Universidade de Leipzig, pouco antes do movimento neogramático cujas figuras exponenciais eram colegas e amigos seus. (...) o seu [sua tese] *Memoir sobre o Sistema Vocálico do Indo-Europeu* (1879), quando ele era ainda um estudante em Berlim, dera um novo e completo tratamento ao assunto, dissipando as ideias errôneas que, desde os começos da linguística, ainda pairavam sobre a gramática comparativa. Como um indo-europeísta seguiu, em toda a linha, a doutrina dos neogramáticos, embora distinguindo-se como um pensador original no tratar de aspectos críticos da gramática comparativa do indo-europeu (CÂMARA JUNIOR, 1976, p. 128-129).

Como você deve ter percebido neste trecho, uma primeira distinção importante se faz entre língua e linguagem. Na nossa primeira aula, você viu que instaurar um caráter científico aos estudos da linguagem requeria a delimitação de um objeto, e para isso é necessário classificar, separar, distinguir, diferenciar, definir. Delimitar as diferenças entre língua/linguagem serve a este propósito. Entendamos, então, as distinções propostas por Saussure.

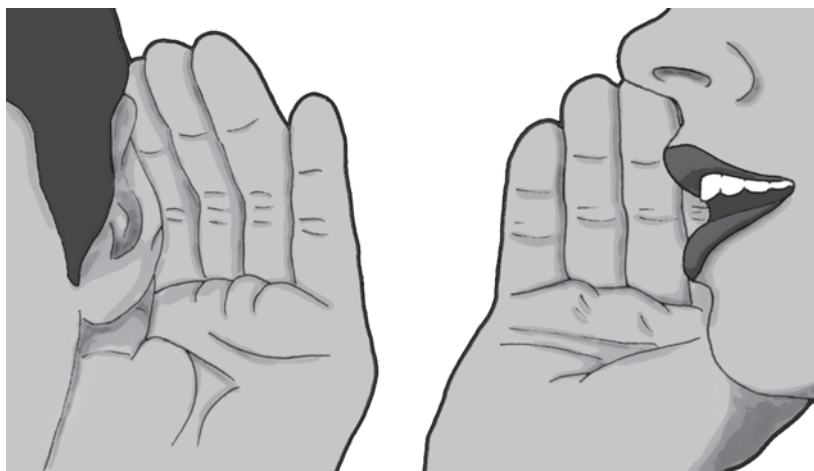
Linguagem, língua e fala

O senso comum costuma empregar indistintamente os termos “língua” e “linguagem”, isto é a, palavra “linguagem” é aplicada ao português, francês, espanhol, alemão, ao que também se concordaria chamar de língua. Para a Linguística, não é bem assim.

A linguagem – a capacidade que os seres humanos possuem para se comunicar – comporta uma variedade de línguas, as chamadas línguas naturais, sendo, portanto, mais abrangente que a língua. Provavelmente, você deve estar percebendo que há uma relação intrínseca entre linguagem e língua. Mas já percebeu também que, cientificamente, é necessário distingui-las!

A linguagem consiste, para Saussure, em “uma faculdade de constituir uma língua”. Já a língua é, vale repetir, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um produto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício desta faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, s/d, p. 17). Além disso, Saussure explica que:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 1989, p. 17).



Para entender a abrangência da linguagem, que segundo Saussure é física, fisiológica e psíquica, basta se lembrar das etapas do circuito da fala, apresentado na Aula 4. Relembrando rapidamente, veremos que: a) um conceito se une a uma imagem acústica no cérebro de um falante (fenômeno psíquico); b) o cérebro transmite essas informações ao aparelho fonador (fenômeno fisiológico); c) as ondas sonoras se propagam da voz de um falante ao ouvido de outro (fenômeno físico). Entretanto, a linguagem não diz respeito apenas à fala (domínio individual), mas também à língua (domínio social). Assim, para que o processo da fala se desencadeie, o falante precisa associar os conceitos e imagens acústicas, já estabelecidos socialmente. Então, Saussure “separa uma parte do todo linguagem, a *língua* – um objeto unificado e suscetível de classificação. A língua é uma parte essencial da linguagem” (PETTER, 2002, p. 14).

Agora que já entendemos a amplitude da linguagem em relação à língua, é hora de nos debruçarmos na primeira **DICOTOMIA** saussuriana, a saber, *langue* (língua)/*parole* (fala), para melhor compreender o conceito saussuriano de língua – e seu estatuto de objeto da Linguística.

São algumas as diferenças que Saussure estabelece entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Uma importante distinção reside no fato de que a língua é social e a fala é individual. Para melhor acompanhar, leia a explicação de Saussure sobre a coletividade da língua:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles embora seja comum a todos e independente da vontade dos depositários (SAUSSURE, 1989, p. 27).

DICOTOMIA

“Chama-se dicotomia um par de termos – pertencentes em geral ao nível epistemológico da metalinguagem – que se propõem simultaneamente, insistindo na relação de oposição que permite reuni-los. O exemplo clássico é o das dicotomias saussurianas: língua/fala; significante/significado; sincronia/diacronia. Tal procedimento é característico da atitude estrutural que prefere propor as diferenças – consideradas como mais esclarecedoras –, antes de passar ao exame e à definição dos conceitos” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 139).

Assim, podemos compreender que a língua pertence a todos os indivíduos, sendo que não é dado a nenhum deles acesso a essa totalidade. Para Saussure, apenas a execução da língua, qual seja, a fala, é individual: “a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor, nós a chamaremos fala (*parole*)” (SAUSSURE, 1989, p. 21).

Saussure também irá dizer que a fala, por ser do domínio individual, é variável e, por conseguinte, não pode ser tomada como um objeto científico. Ao distinguir *langue* e *parole*, Saussure postula a separação entre o que seria essencial – a língua – e o que seria acessório – a fala. Agora já podemos entender, com mais propriedade, a amplitude da linguagem e a supremacia da *langue* como objeto. Leiamos o que nos diz Dubois a seguir a fim de fixar as diferenças entre linguagem, língua e fala em Saussure:

A oposição *língua* vs. *fala* é a oposição fundamental estabelecida por F. de Saussure. A linguagem, que é uma propriedade comum a todos os homens e depende de sua faculdade de simbolizar, apresenta dois componentes: a língua e a fala. A língua é, portanto, uma parte determinada da linguagem, mas uma parte essencial. (...).

Nessa teoria a *língua* é um *produto social*, enquanto que a fala é definida como o “componente individual da linguagem”, como um “ato de vontade e inteligência”. A língua é um produto social no sentido de que o “indivíduo a registra passivamente”; essa parte social da linguagem é “exterior ao indivíduo”, que não pode nem criá-la, nem modificá-la. É um contrato coletivo, ao qual todos os membros da comunidade devem submeter-se em bloco, se quiserem se comunicar (DUBOIS, p. 379).

Foram muitas as informações, não é mesmo? Então, é hora de arrumar em itens aquilo que é preciso, por ora, reter. Veja o quadro a seguir com algumas das diferenças entre língua e fala que você viu nesta aula.

Língua (<i>langue</i>)	Fala (<i>parole</i>)
→ é coletiva → é social → é produto de convenção → é essencial	→ é individual → é variável → é acessória

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2.

1. Faça a correspondência:

- (a) linguagem
- (b) língua
- (c) fala

- () É fruto de convenção.
- () É individual.
- () Constituída de diferentes facetas.
- () Tem um lado individual e outro social.
- () Constitui o objeto da Linguística.
- () Só está completa na coletividade.
- () É variável.

2. Explique a dicotomia saussuriana *langue* (língua) e *parole* (fala).

RESPOSTA COMENTADA

1.

- (b) É fruto de convenção.
- (c) É individual.
- (a) Constituída de diferentes facetas.
- (a) Tem um lado individual e outro social.
- (b) Constitui o objeto da Linguística.
- (b) Só está completa na coletividade.
- (c) É variável.

2. Saussure apresenta seu pensamento, através de dicotomias. Isso significa que os conceitos são operacionalizados em pares opostos. Uma das mais importantes dicotomias saussurianas é langue vs. parole, ou língua vs. fala. A língua resulta de uma convenção, portanto, apresenta um caráter social e coletivo. Não cabe, então, ao falante individualmente modificá-la. Já a parole (fala) é o uso individual que o falante faz da língua. Para Saussure, a langue constitui a parte essencial da linguagem. À fala ele reserva um lugar acessório. Ao demonstrar a primazia da langue, Saussure a elege como objeto científico em detrimento da fala, considerada efêmera, mutável e variável.

CONCLUSÃO

Saussure, ao distinguir a língua da fala, abre a possibilidade de se ter um objeto da Linguística, a língua. A fala é fruto da prática que a faz variar, é móvel, é marcada pelas flutuações de seu uso, pelas idiossincrasias do falante; daí a impossibilidade, ao menos neste momento de emergência da Linguística como ciência, de constituir um objeto de investigação científica. Já a língua é invariável, é algo que o falante sozinho não pode alterar. A língua é proposta como aquela que rege as práticas do falante. Tal distinção aponta para uma noção cara, primordial da língua: a língua é sistema.

O *Curso de Linguística Geral*, ao promover este corte entre língua e fala, está promovendo um corte fundamental nos estudos que vinha se fazendo. Como vimos, tanto os comparativistas como os neogramáticos interessavam-se pelas mudanças que ocorriam entre as línguas (não no sentido saussuriano, já está claro isto, não?); ou seja, propunham abordagens históricas. Com a separação língua e fala, Saussure separa uma abordagem de caráter histórico de uma outra proposta de abordagem: não mais centrada na evolução da língua, mas na sua observação como sistema. O que no curso se irá propor é que a língua seja estudada enquanto sistema. Pense nisto até a próxima aula.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2



Fonte: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/cultura/resenha/resenha.asp?nitem=2964471&sid=11911512712126354076704060&k5=2E31803E&uid=>

– Não sei o que quer dizer com “glória” – disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu, desdenhoso.

– Claro que não sabe... até que eu lhe diga. Quero dizer “é um belo e demolidor argumento para você!”

– Mas “glória” não significa “um belo e demolidor argumento” – Alice objetou.

– Quando *eu* uso uma palavra – disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso – ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos.

(CAROLL, Lewis. *Alice*: edição comentada.

Ilustrações originais: John Tenniel. Introdução e

notas: Martin Gardner. Tradução: Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed., 2002, p. 204).

Relacione o fragmento anterior, do livro de L. Carroll com a afirmação saussuriana de que não é possível ao falante mudar a língua.

RESPOSTA COMENTADA

Segundo Saussure, a língua existe na coletividade de seus falantes. Assim, vê-se que ela se baseia em contratos sociais. Embora o falante faça uso da língua, não lhe é possível modificá-la, como vimos na aula. Tal afirmação pode ser observada no episódio narrado, uma vez que o personagem Humpty Dumpty insiste em modificar, a seu bel-prazer, o significado da palavra “glória”. Esse comportamento, porém, não permite que ele tenha sucesso na sua conversa com Alice, porque não há aí acordo social. A língua muda, mas não de maneira arbitrária, como quer o personagem no referido episódio.

RESUMO

Nesta aula, estudamos um pouco sobre os neogramáticos. Estes questionaram seus antecessores (os comparativistas) e se propuseram não apenas a descrever as mudanças, mas a descobrir suas causas. Quais as regularidades das mudanças, a que se deviam e como explicá-las eram suas questões. Um primeiro tipo de causa apontada foi a de ordem articulatória. Daí resultaram as leis fonéticas, passíveis de explicação *fisiológica*: mudanças entre sons (lembra que o “l” vira “r” em “frechada”, mas não vira “m”?). Eles também propuseram uma outra causa, agora de ordem psicológica: as analogias; essas são baseadas na associação de ideias. Esses estudos abriram caminho, como lemos no próprio Saussure, para a emergência da Linguística do e no século XX, na medida em que se apontava para um funcionamento interno tanto fisiológico quanto psicológico das línguas. Ou ainda, na medida em que mostravam que a língua não era, conforme Todorov e Ducrot (1977, p. 19), somente transformada, mas se transformava também. Por outro lado, a linguística saussuriana rompe com esse estado de observações quando elege a língua – conceito abstrato que não compreende a fala (seu uso, sua prática) – como seu objeto de investigação. Ainda nesta aula vimos a importante distinção entre língua e fala. A primeira como da ordem da invariância e da coletividade; a segunda, como da ordem da variância e da individualidade. Por fim, nesta aula você ainda compreendeu que os termos “linguagem” e “língua” não são equivalentes em Linguística: a língua está contida na linguagem. Em ciência, é preciso definir cada termo e, como verá nas próximas aulas, remeter os conceitos àqueles que o definem; por exemplo, nesta aula você apreendeu o que é língua, linguagem e fala em Saussure.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Você já deve ter percebido que são muitas as questões que cercam o estudo da linguagem. Por que não aproveita para rever tudo que foi estudado até agora para, na próxima aula, aprofundar o conceito de língua?

A língua vista de perto

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

7

Meta da aula

Compreender princípios e conceitos da Linguística saussuriana.

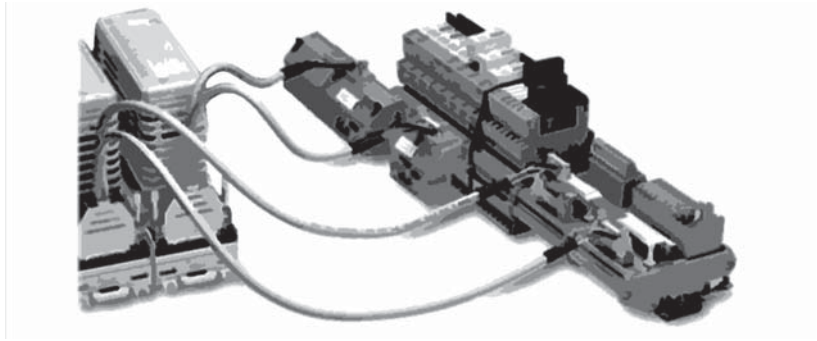
objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender o lugar da Linguística no âmbito dos estudos semiológicos;
2. reconhecer a noção saussuriana de língua como um constructo teórico;
3. compreender a definição de língua como sistema e suas implicações.

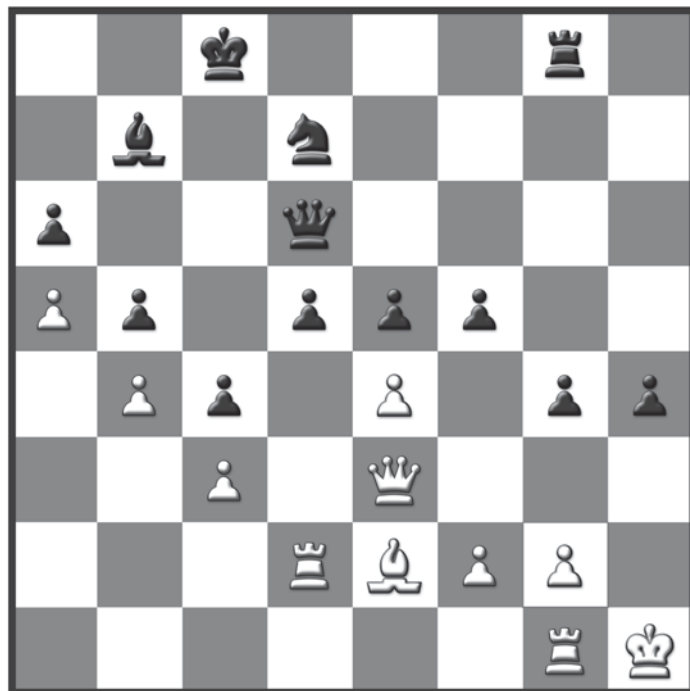
Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você releia o capítulo "Objeto da Linguística", de Ferdinand de Saussure (SAUSSURE, 1995, p. 15-23).



INTRODUÇÃO

Ao pensar na palavra “sistema”, uma imagem de fios e conexões pode vir a nossa mente, não é mesmo? Imagine, por exemplo, o sistema de uma máquina ou os sistemas do corpo humano. Sabemos que suas partes são solidárias, e, para que tudo corra bem, é preciso que cada uma delas exerça corretamente as suas funções. Saussure definiu a língua como um sistema, mais exatamente, como sistema de signos. O que isso quer dizer, a que se deve tal definição e quais as suas implicações são algumas das questões que atravessam esta aula.



Antes de prosseguir, uma pergunta: você já jogou xadrez alguma vez na vida? Já reparou que alguns jornais trazem na seção de jogos a foto de um certo momento de uma partida de xadrez? É interessante pensar sobre esta foto: ela prescinde de sabermos que jogada houve antes. Tudo o que um jogador precisa saber é sobre a disposição das peças no tabuleiro e o que fará diante dela. Você deve estar se perguntando: “Qual a relação disto com a aula?” Se não adivinhou, vai descobrir em breve.

LINGUÍSTICA: UMA PARTE DO TODO

Segundo Saussure, a língua é um sistema de signos. Mas será ela o único? Na Aula 3, ao pensarmos sobre o conceito de signo, tocamos na relação entre expressão e conteúdo. Lembra-se? Dissemos que, no caso da língua, a expressão é verbal. Já se pensarmos, por exemplo, numa pintura, perceberemos que o conteúdo se relaciona a uma expressão visual, ao passo que no cinema a expressão é audiovisual. O cinema e a pintura são também sistemas de signos. Qual será a relação que a Linguística mantém com eles? A esse respeito, afirma Saussure:

A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas (SAUSSURE, 1989, p. 24).

Para o Pai da Linguística, a língua é o sistema principal dentre os sistemas de signos. A que se deve essa certeza de Saussure? Trata-se de excesso de orgulho paterno? Brincadeiras à parte, Saussure tinha argumentos para eleger os signos linguísticos como os mais importantes, como veremos mais adiante. E ao contrário do que possa parecer, ele esboça a existência de uma ciência abrangente, capaz de dar conta de todos os sistemas de signos. Uma pergunta que você provavelmente estará se fazendo é: será possível constituir uma ciência que estude os signos não linguísticos? Veja o que propõe Saussure a esse respeito:

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chama-la-emos de *Semiologia* (do grego *semeíon*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. (...) A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia

descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (SAUSSURE, 1995, p. 24, *itálico do autor*).

Ao instaurar o projeto semiológico, Saussure localiza a língua nos fatos humanos e delimita com maior precisão o objeto da Linguística, assim como a tarefa do linguista: “(...) a tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 1989, p. 24).

Como desempenhar essa tarefa? Sabendo que a Semiologia tem como objeto todos os sistemas de signo, vemos que ela constitui um projeto audacioso:

O signo-objeto da semiologia abrange, pois, as diferentes linguagens que lhe dão forma de expressão: linguagens verbais (oral, escrita), não verbais (visual, plástica, gestual, musical, etc.) ou sincréticas (combinando várias linguagens, como, por exemplo, o teatro (BERTRAND, 2003, p. 13).

Percebe-se, então, que há uma multiplicidade de sistemas sógnicos (semióticos). Nesse contexto, como é possível dar primazia à língua? Veja a explicação de Lopes:

As línguas naturais ocupam a posição hierárquica predominante entre todos os sistemas semióticos porque elas constituem a única *realidade imediata para o pensamento de cada um de nós*, seres humanos (LOPES, 1995, p. 20).

Com a Linguística, com efeito, percebemos que o pensamento ganha forma a partir da língua. É a língua que permite ao homem compreender o mundo que o rodeia. Ainda com Lopes, vemos que: “Assim como a relação entre o homem e o mundo vem mediatizada pelo pensamento, a relação entre um homem e outro homem, dentro de uma sociedade, vem mediatizada pelos *signos*” (LOPES, 1995, p. 16).

Horton Group



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/h/ho/hortongrou/988378_almost_gone.jpg

A atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de pôr do sol. Sabemos que do ponto de vista científico, não existe pôr do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. No entanto, esse conceito criado pela língua determina uma realidade que encanta todos nós. Uma nova

realidade, uma nova invenção, uma nova ideia exigem novas palavras, mas é sua denominação que lhes confere existência (FIORIN, 2002, p. 56).

Outros argumentos se somam ao exposto em Lopes para conferir à Linguística o papel modelar para os estudos de outros sistemas. A este respeito, acompanhe o raciocínio de Culler:

Mas por que deveria a Linguística – o estudo de um sistema signifi-
ficante particular, embora muito importante – ser considerada
como fornecedora do modelo para o estudo de outros sistemas?
Por que deveria a Linguística ser, como Saussure a chamou, “le
patron general” da Semiologia? A resposta leva-nos de volta
ao ponto de partida: a natureza arbitrária do signo. Saussure
argumentou que a Linguística pode servir como modelo para a
Semiologia, porque no caso da linguagem a natureza arbitrária e
convencional do signo torna-se especialmente clara. Os signos não
linguísticos frequentemente podem parecer naturais àqueles que
os usam, e é preciso algum esforço para perceber que a polidez
e a grosseria de uma ação não é uma propriedade que lhe seja
necessária e intrínseca, mas sim um significado convencional. Se
a Linguística for, porém, tomada como modelo, ela compelirá o
analista a atentar para a base convencional dos signos que está
estudando (CULLER, 1979, p. 78).

Você está observando como os conceitos estão relacionados?
Está se lembrando do que viu na Aula 3 sobre signo verbal e não ver-
bal? Lembra-se da distinção entre índice, símbolo e signo? E da Aula 4,
quando tratamos da arbitrariedade do signo? Pois então, de posse desses
conhecimentos, siga um pouco mais a explicação de Culler:

Tomando-se a Linguística como modelo, pode-se evitar o erro comum de supor que os signos que parecem naturais àqueles que os usam têm um significado intrínseco e não envolvem nenhuma convenção. Por que isto é importante? Por que se desejaria acentuar a natureza convencional dos signos não-linguísticos? A resposta é muito simples. Se os signos fossem naturais, então não haveria nada a analisar. Diríamos que abrir uma porta para uma mulher é polido, e apenas isso. Mas se partimos da suposição de que provavelmente os signos são convencionais, então pesquisaremos seriamente as convenções em que se baseiam e descobriremos o sistema subjacente que torna tais signos o que são (CULLER, 1979, p. 79).

Já que você acompanhou até aqui, deve ter percebido que um dos grandes méritos das ideias saussurianas consiste em apresentar e desenvolver a noção de sistema. Com isto, Saussure abre a possibilidade de conceber uma perspectiva científica geral de estudos dos signos, ao que ele chama de Semiologia. Para dar conta do sistema verbal, Saussure propõe a Linguística.

Depois da atividade, continuemos refletindo sobre a Linguística e seu objeto: a língua.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Explique: “o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico” (SAUSSURE, 1989, p. 25).

RESPOSTA COMENTADA

No Curso de Linguística Geral, Saussure lança as bases de uma semiologia, qual seja, a ciência geral dos signos. Segundo o mestre genebrino, dela faria parte a Linguística. O projeto semiológico saussuriano remete à questão do signo, pois segundo esse autor: “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou

social” (SAUSSURE, 1995, p. 25). Com isso, Saussure ressalta a qualidade arbitrária dos signos, que são fruto de um acordo social implícito. Tal qualidade não é exclusiva do signos verbais, na medida em que se estende para todo e qualquer signo. Sendo a Semiologia a ciência dos signos, a problemática do signo linguístico dela faz parte.

“O PONTO DE VISTA É QUE CRIA O OBJETO”

Que o objeto da Linguística saussuriana é a língua e não a linguagem, isto você já sabe muito bem. Mas será que já compreendeu a famosa afirmação de que é “o ponto de vista que cria o objeto”? Ela está no capítulo “Objeto da Linguística”, que você estudou na aula passada e que continua a nos interessar nesta aula. Antes de mais nada, vamos ler o fragmento em que ela se insere:

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar seja anterior ou superior às outras (SAUSSURE, 1989, p. 15).

O que significa o objeto não anteceder o ponto de vista? Por que isto é importante no livro *Curso de Linguística Geral*?



A Linguística, diferentemente da Química, da Astronomia ou da Botânica, não se depara, conforme Saussure, com um objeto já dado. Os fatos da linguagem, explica Paveau, “não são exteriores à experiência humana, mas fazem parte dela, são mesmo o seu produto, porque a linguagem é uma atividade do homem” (PAVEAU, 2006, p. 66). E não há como separar homem de linguagem, não é mesmo? O esforço de Saussure é chegar a este objeto, não dado *a priori*, mas construído teoricamente. Em outras palavras, dado que a linguagem é *heteróclita, um todo multiforme* (termos que já vimos em Saussure), fez-se necessário construir um único objeto, autônomo e homogêneo, para a ciência linguística. Este objeto é a língua.

Além disso, como já vimos, a “linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 1989, p. 16). A linguagem, importa repetir, compreende, então, a língua, seu lado social, e a fala, seu lado individual.

Neste esforço teórico de observação e constituição de um objeto de estudo, Saussure vai observar que: “A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante ela é uma situação atual e um produto do passado” (SAUSSURE, 1989, p. 16).

Mas o que significa dizer que a linguagem implica um sistema e uma evolução? Ou ainda: situação atual e produto do passado? Se você se lembrou do jogo do xadrez, está no caminho certo, esta é uma imagem – a famosa metáfora do jogo do xadrez – usada por Saussure para explicar a língua como sistema: por um lado, toda etapa de um jogo advém de uma etapa anterior; por outro lado, toda etapa é jogada sem levar em conta seu passado.

Leia a seguir a metáfora do jogo de xadrez em Saussure:

A língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria. Uma comparação com o jogo de xadrez fará compreendê-lo melhor. Neste jogo, é relativamente fácil distinguir o interno do externo; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno, ao contrário, é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, esta mudança atingirá profundamente a “gramática” do jogo. Não é menos verdade que certa atenção se faz necessária para estabelecer distinções desta

espécie. Assim, em cada caso, a questão da natureza do fenômeno, e para resolvê-la, observar-se-á esta regra: é interno tudo quanto provoca mudanças no sistema em qualquer grau (SAUSSURE, 1989, p. 31-32).

Como você pode notar, a metáfora do xadrez não serve apenas para nos explicar o fato de que a língua é sistema. Mas, mais adiante retornaremos às outras questões presentes nesta explicação. Fiquemos, por ora, com a noção de sistema que esta metáfora nos fornece.

Se observarmos o tabuleiro de xadrez, poderemos descrever a situação de cada peça independentemente de seu passado. Podemos nem saber, aliás, qual havia sido a jogada anterior. Mas temos clareza de como estão as peças em relação umas às outras, quem está em vantagem ou desvantagem, quem está colocando o rei ou a rainha em perigo, que peças ameaçam outras peças, e por aí vai. Compreendeu? Não precisamos saber do passado; precisamos sim entender aquele momento presente, ou ainda, aquela situação atual. É isto o que Saussure sublinha ao dizer que a língua “implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução” (SAUSSURE, 1989, p. 16): ao mesmo tempo ela é produto do passado, mas é – e isto fará toda a diferença a partir de agora – sistema (momento presente).



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/c/cl/clix/1009690__gear__.jpg

Com efeito, a definição de língua em Saussure: “A língua é um sistema de signos (...)” (SAUSSURE, 1989, p. 24). É ela que cabe ser estudada.

Sistema

Em Linguística, a língua é considerada um *sistema* no sentido de que, num nível dado (fonema, morfema, sintagma) ou numa classe dada, existe, entre os termos, um conjunto de relações que os liga uns aos outros, se bem que, se um dos termos se modificar, o *equilíbrio do sistema* fica afetado (DUBOIS, 1976, p. 560).

Que tal acompanhar o que você acabou de aprender lendo a explicação de Todorov a seguir?

De uma forma positiva, agora, Saussure mostra que a linguagem, a todo momento de sua existência, deve apresentar-se como uma organização. A esta organização inerente a toda língua Saussure denomina SISTEMA (seus sucessores falam amiúde de ESTRUTURA). A nuance especial, que os saussurianos introduzem nestes termos (e que se acrescenta à ideia geral de ordem e regularidade), se deve ao próprio procedimento pelo qual provam esse caráter. Eles partem da ideia de que o conhecimento dos elementos linguísticos não é um dado, e que ninguém saberia diretamente na experiência quais são os elementos postos em jogo por uma língua. A razão disto é que, para Saussure, as operações necessárias à determinação de uma unidade pressupõem que a referida unidade seja relacionada com outras e substituídas no âmbito de uma organização de conjunto. E é isso que os saussurianos entendem quando falam de sistema ou estrutura da língua: os elementos linguísticos não têm nenhuma realidade independentemente de sua relação com o todo (TODOROV; DUBOIS, 1977, p. 27).

“Estrutura”, “estrutural”, “estruturalismo”, constituem palavras-chave no léxico dos pensadores do século XX. (...) A palavra “estruturalismo” designa algumas correntes da Linguística moderna que tomam impulso após o *Cours de Linguistique Générale* de Saussure (...) (LOPES, 1995, p. 38).

É importante lembrar que o termo “estruturalismo” não comparece no *Curso de Linguística Geral*. Foi usado pela primeira vez no I Congresso de Filólogos eslavos (Praga, 1928) por Jakobson, Karcevsky e Trubetzkoy, a partir da noção de sistema em Saussure. O movimento denominado estruturalismo será alvo de nossas aulas mais adiante.



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/i/il/ilco/1078183_successful.jpg

Para fecharmos esta parte e para irmos nela um pouco adiante, vamos registrar que o famoso enunciado “o ponto de vista é que cria o objeto”, aliado ao fato de este objeto ser a língua e esta ser definida como sistema, tem algumas consequências importantes, a saber:

- a) rompe-se com um paradigma de estudos em que se observavam mudanças ao longo do tempo. Tem-se agora um novo paradigma: a língua é estudada no momento presente (o que você verá com mais profundidade na próxima aula);
- b) define-se o que deverá ser observado e estudado: língua (e com isto delimita-se o objeto de estudo excluindo-se a linguagem e a fala);
- c) define-se a língua como sistema, o que significa, conforme Paveau (2006, p. 78), “evitar partir da comunicação”, que é do âmbito da fala e ater-se ao âmbito da língua (sistema).

Por fim, assume-se que, ao contrário de outros campos do saber, na Linguística o objeto não preexiste, mas “é à luz de um ponto de vista que o objeto deve ser construído” (NORMAND, 2009, p. 10). E isto será decisivo doravante para qualquer corrente linguística: não é possível mais fazer ciência sem se definir seu objeto de estudo e delimitar que lugar teórico irá tratá-lo.

Para ampliar um pouco essa questão, leia as palavras de Borges Neto:

Um erro comum é supor que as divisões da ciência correspondem a divisões naturais da realidade. Isto é equivalente a supor que, pelo fato de alguém ter direitos adquiridos sobre certo território, as fronteiras correspondem a alguma divisão natural. As delimitações observacionais não são neutras, ou seja, não é a própria realidade que diz como quer ser seccionada. O “loteamento” do observacional é resultado de um trabalho humano sobre a realidade e, em consequência, já é um primeiro momento de teorização (BORGES NETO, 2004, p. 35-36).

Com efeito, conceber a língua como um sistema de signos é uma construção teórica. Ao elegê-la como objeto de estudo, a Linguística está, na verdade, criando o seu objeto. Conceber a língua como sistema, observar suas regularidades, deixar de lado a fala, não se trata de algo natural, mas é o recorte eleito pela Linguística saussuriana. Vale ressaltar que esse recorte é um dentre vários outros possíveis.

Exercitemos, agora, as questões tratadas nesta seção.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Durante esta aula, você se viu exposto a inúmeras assertivas, que, de modo resumido, encontram-se a seguir. Explique-as.

- a) O objeto da Linguística saussuriana é a língua e não a linguagem.
- b) O ponto de vista é que cria o objeto.
- c) A língua é uma construção teórica.
- d) A língua é um sistema.

RESPOSTA COMENTADA

a) As teses saussurianas deram à Linguística status de ciência. Para tal, foi necessário recortar seu objeto de estudo. A linguagem abrange diferentes faces, relacionadas ao social e ao individual, aos fenômenos físicos, psíquicos e fisiológicos. Esta abrangência e

multiplicidade impedia que a linguagem fosse vista como um objeto científico. Cabe, portanto, à língua (homogênea e sistemática) ocupar o lugar de objeto de estudo da Linguística.

b) A língua se encaixa numa lista de fenômenos que não possuem existência a priori; assim sendo, em função do ponto de vista adotado é que ela passa a ser objeto de estudo. O objeto não tem existência prévia e está na dependência do ponto de vista adotado.

c) Em consonância com a afirmação saussuriana de que é “o ponto de vista que cria o objeto”, conceber a langue como um sistema de signos trata-se de uma construção teórica. Além disso, sabemos que a língua não possui existência concreta, caráter reservado à fala.

d) A língua é um sistema, pois é formada por um conjunto de regras reguladoras de seu funcionamento. Essas regras fazem parte do conhecimento implícito que possuem os falantes sobre a língua. Considerar a língua sistema implica, entre outros fatores, assumir que ela tem uma organização, interna, que segue determinados princípios. Caberia ao linguista descobri-los e descrevê-los. A língua como sistema se opõe à fala – ato individual, portanto, fisiológico, heterogêneo, variável.



Veja o que alguns “blogueiros” têm escrito sobre Saussure:
 ✓ “Saussure e língua como sistema” – Blog do Miguel – <http://blog.cybershark.net/miguel/2009/02/12/saussure-e-a-lingua-como-sistema/>
 ✓ “O gênio genebrino” – Blogs de Ciência – <http://divulgarciencia.com/categoria/saussure/>

CONCLUSÃO

No início desta aula, trouxemos de Saussure sua metáfora do xadrez para compreendermos a língua tornada objeto, doravante, da Ciência Linguística. A língua como sistema é vista em sua organização, não mais tomada em suas mudanças ao longo do tempo, mas fotografada em um determinado momento e observada em suas relações internas. A língua como sistema implicou ainda a exclusão da fala. Vimos nesta aula como Saussure foi delimitando este objeto: primeiramente a Linguística fazendo parte do Semiologia; depois a separação entre língua e fala, o que instaura

o objeto de estudo (fruto de construção teórica). Refletimos ainda sobre a afirmação saussuriana de que o objeto não precede o ponto de vista.

Portanto, o século XX se abre com a Linguística se constituindo, com o livro *Curso de Linguística Geral*, ciência. Conforme Saussure, esse objeto não é dado *a priori*, diferentemente do que poderia acontecer em outros campos do saber. Por outro lado, esta noção de que o olhar antecede o objeto atravessa de forma marcante todos os campos do saber no século XX – é o que o trecho de Borges Neto nos apontou. Fechemos, então, com uma piada que este autor traz para explicar o trabalho do cientista:

Os cientistas em geral agem como aquele bêbado da piada, que procurava a chave do carro embaixo do poste de iluminação porque ali estava mais claro, embora a tivesse perdido em outro lugar. O *objeto teórico* é construído a partir da escolha das entidades básicas do objetivo geral do estudo (“fazer ciência”, por exemplo) e do nível de adequação pretendido; e é com essas “luzes” que o cientista vai olhar a diversidade do observacional, só vendo ali o que as “luzes” lhe permitem ver. Se a “chave” estiver ali, muito bem; se não estiver, paciência (idem, p. 36).

Vamos continuar nossa caminhada seguindo algumas das “luzes” e das “chaves” que vão comparecendo na emergência dos estudos linguísticos no século XX.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Com base no diálogo publicado na coluna de Ancelmo Góis (*O Globo*), 20/4/08 explique a noção de língua como sistema para a Linguística, noção essa que se contrapõe à da Gramática Normativa:

“ – Fica ligado, o carro brindado tá entrando!

– Que carro brindado... é blindado. Não sabe falar, fala ‘caverão’ .”

2. Explique o trecho de Lopes:

As línguas naturais são o único código capaz de traduzir com a máxima eficiência e adequação qualquer outro sistema semiótico; mas o inverso não é verdadeiro: não se vê bem, por exemplo, como um *ballet* poderia traduzir um *Sermão* do Padre Vieira, nem como a pintura traduziria todos os valores significativos do *Quincas Borba*, de Machado de Assis (LOPES, 1995, p. 20).

RESPOSTA COMENTADA

1. Para a Linguística, a língua é definida como um sistema. Isso significa que as partes que a compõem são interligadas e interdependentes. Além disso, esse sistema é regido por um conjunto de regras, partilhadas socialmente. Tais regras em nada se assemelham às regras da Gramática Normativa, visto que não apresentam um caráter prescritivo, embora regulem o uso da língua. No exemplo, a forma “brindado”, variante de “blindado”, é aceitável na língua portuguesa, ou seja, é gramatical. Já as formas “bpindado” e “bfindado” são agramaticais, pois são vetadas pelo sistema da língua. O comportamento do interlocutor do diálogo, ao dizer “Não sabe falar, fala ‘caverão’”, é um comportamento prescritivo e até preconceituoso, que se afasta totalmente da noção de língua como sistema.

2. O trecho de Lopes busca destacar a importância da Linguística – ciência que estuda os signos das línguas naturais – no interior da Semiologia. Esta é a ciência geral do signo, surgida a partir das postulações saussurianas. Segundo Lopes, as línguas naturais fazem a mediação entre o homem e o mundo que o cerca, sendo a primeira realidade cultural que o ser humano aprende a utilizar. Pelos argumentos expostos, vê-se a importância do sistema de signos linguísticos dentro do conjunto de signos e da própria Linguística no quadro das Ciências Humanas.

RESUMO

Começamos esta aula vendo o lugar que a Linguística ocupa no projeto semiológico de Saussure. Segundo esse autor, a Semiologia surgiria da necessidade de estudar o signo dentro da vida social. Assim, a Semiologia seria a ciência dos signos em geral, e a Linguística – que dela faria parte –, a ciência do signos verbais (linguísticos). Além disso, nesta aula, aprofundamos a noção de língua como sistema. Para Saussure, a língua é um sistema de signos, ou seja, é composta por um conjunto de regras interdependentes que regulam o emprego dos sons e das relações morfo-sintáticas que incidem sobre eles. Já vimos em outras aulas que as sequências sonoras “flor” e “fror” são possíveis na língua portuguesa e também vimos que as sequências “fpor” e “fmor” não o são. Tais fenômenos não dependem da livre escolha do falante, pois o sistema tem um fator decisivo nas ocorrências linguísticas, permitindo-as ou vetando-as. A Linguística saussuriana busca investigar e explicar o funcionamento desse sistema. Para isso, elege a língua como seu objeto.

LEITURAS RECOMENDADAS

Há muitos livros que abordam a Linguística saussureana. Basicamente todos que tratam da História da Linguística ou quase todos que tratam de estruturalismo. Se quiser se aprofundar, além da bibliografia referida, há ao menos duas indicações:

CARVALHO, Castelar. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. A visão saussureana da linguagem. In: _____. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Para a próxima aula, vamos nos centrar em duas importantes dicotomias saussurianas, a saber: *langue/parole* e sincronia/diacronia.

Duas dicotomias saussurianas

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

8

Meta da aula

Expor as dicotomias saussurianas: diacronia/ sincronia; *langue*/*parole*.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar a abordagem diacrônica da abordagem sincrônica;
2. distinguir e caracterizar *langue* e *parole*.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia "A contribuição de Ferdinand de Saussure", Lopes, 1995, do tópico 2 até 2.2, p. 72-79.

INTRODUÇÃO

Com certeza você conhece a famosa letra do cancionista brasileiro: “Preciso me encontrar”, de Candeia. Divirta-se um pouco com ela. Se quiser ouvi-la, entre no link <http://www.vagalume.com.br/candeia/preciso-me-encontrar.html>.

Preciso Me Encontrar

(Candeia)

“Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar”

Talvez também conheça esta outra letra da nossa música popular brasileira. Você pode acompanhá-la no link <http://www.vagalume.com.br/marisa-monte/amor-i-love-you.html>.

Amor I Love You

(Carlinhos Brown e Marisa Monte)

“Deixa eu dizer que te amo
Deixa eu pensar em você
Isso me acalma, me acolhe a alma
Isso me ajuda a viver”

Apostamos que deve estar se perguntando qual a relação entre estas letras e a aula de hoje. Você reparou nos versos “Deixe-me ir” de “Preciso me encontrar” e “Deixa eu dizer que te amo” de “Amor I Love you”? Note que o verbo empregado é o mesmo: *deixar*. Mas a construção morfossintática é diferente. De imediato, na primeira letra, temos um imperativo (*deixe*) formado a partir da terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo; no segundo caso, um imperativo (*deixa*) advindo da segunda pessoa do singular do presente do indicativo sem o sufixo -s. Para além desta diferença tocante ao tempo verbal, a construção morfossintática é diferente. Na letra de Candeia, comparece um pronome oblíquo (*me*), ao passo que na letra de Carlinhos Brown e Marisa Monte o pronome é pessoal do caso reto (*eu*). Mudanças significativas e com efeitos outros na estruturação sintática.

Deixemos de lado, ao menos por ora, a estrutura sintática. Pense e responda: para descrevermos a estrutura da letra de “Amor I Love you” precisamos recorrer à da letra de “Preciso me encontrar”? Se você respondeu que não, é porque compreendeu bem da aula passada a afirmação de que a língua é ao mesmo tempo uma situação atual e produto do passado. Estamos, pois, diante de dois momentos da língua portuguesa (bem como diante de duas variações ocorrentes na língua portuguesa). É hora de ir adiante e mergulhar na dicotomia entre sincronia e diacronia: distinção que diz respeito à forma de abordar a língua.

Além disso, nesta aula nos voltaremos também para a distinção: língua e fala. Sincronia x diacronia, *langue* (língua) x *parole* (fala) são importantes dicotomias saussurianas. O conhecimento detalhado delas é fundamental para quem se inicia no estudo da Linguística. Vamos a elas!

O TEMPO NÃO PARA?

Na Linguística saussuriana, o tempo para. Como entender isto? Saussure distingue duas abordagens linguísticas: uma que se volta para a evolução da língua, outra que investiga os estados da língua. Tal distinção, já vimos com a metáfora do xadrez na aula passada. Cabe agora saber que se trata de duas abordagens distintas – a primeira, diacrônica; a segunda, sincrônica –, compreendê-las e entender por que a Linguística saussuriana propõe a abordagem sincrônica.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Wooden_hourglass.jpg

Sincronia e diacronia:

Embora os termos “sincronia” e “diacronia” só tenham penetrado na terminologia linguística usual desde Ferdinand de Saussure, pode-se defini-los independentemente das teses saussurianas. Um fenômeno de linguagem é dito SINCÔNICO quando todos os elementos e fatores que emprega pertencem a um único e mesmo momento de uma única e mesma língua (= a um único ESTADO). É DIACRÔNICO quando faz intervir elementos e fatores que pertencem a estados de desenvolvimento de uma mesma língua (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 141, caixa alta dos autores).

Vamos começar com um exemplo de Mattoso Câmara, que nos expõe Basílio:

A palavra [comer], vinda do latim *comedere*, teria em *com* um prefixo acrescido à base *edere* (já incluída a marca do infinitivo). Na evolução do latim para o português, o *-d-* intervocálico cai e fundem-se os dois *-ee-* que se tornam contíguos. Com isso, desaparece a marca morfológica da raiz. Ora, como a função do prefixo é simplesmente adicionar um significado ao da raiz, o significado de *comedere* como um todo já existia, independentemente das modificações fonéticas que ocorreram posteriormente. Como consequência do desaparecimento da marca morfológica da raiz, o que antes era prefixo passou a ser considerado raiz. Assim, sincronicamente, em comer temos *com-* como raiz. Vemos, portanto, neste caso, uma situação em que, do ponto de vista diacrônico, na mesma palavra, *com-* é prefixo; mas, sincronicamente, *com-* é raiz (BASÍLIO, 1987, p. 16-17).

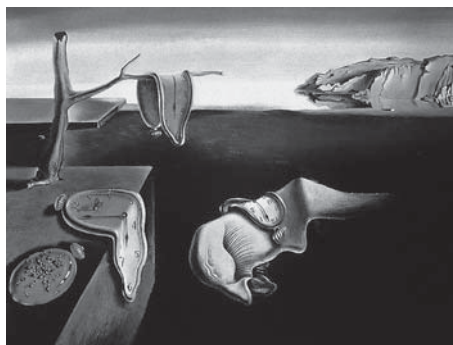


Figura 8.1: *A persistência da memória*, de Salvador Dalí (óleo sobre tela).

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/40192571@N07/3696571kl786/>

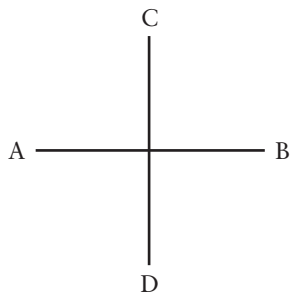
Com efeito, para analisarmos sincronicamente o verbo *comer* não é necessário remetê-lo ao latim, mas a outros verbos existentes na língua para depreendê-los suas partes: *com-* “é a raiz, que se opõe a *-er* (vogal temática e desinência), como sucede com *am-* em *amar*, *ced-* em *ceder* etc. No estado linguístico atual é *com-* que nos dá a significação externa do verbo” (CÂMARA JUNIOR, 1984, p. 220). E temos assim uma abordagem sincrônica: uma abordagem que observa a relação deste verbo num determinado momento no sistema linguístico.

Para você não confundir a nomenclatura sincronia/diacronia, lembre-se de que *cronos* vem do grego e significa “tempo”. O prefixo “*sin-*” significa “juntamente” e “*dia-*” significa “ao longo de”. Assim, temos:
sin- + *-cronia* = ao mesmo tempo
dia- + *-cronia* = ao longo do tempo

Se você leu Lopes, está compreendendo então os dois eixos que ele expõe de Saussure. Vamos primeiramente ler Saussure:

É certo que todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar mais escrupulosamente os eixos sobre os quais estão situadas as coisas de que se ocupam; seria preciso, antes de tudo, distinguir conforme a figura seguinte:

1º. *O eixo das simultaneidades (AB)*, concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e 2º. *O eixo das sucessões (CD)*, sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações (SAUSSURE, 2006, p. 95).



Agora podemos acompanhar a explicação de Lopes:

Para Saussure é muito importante distinguirem-se os eixos sobre os quais se situam os fatos que a ciência estuda. De acordo com dois diferentes tipos de descrição, os fatos científicos podem ser estudados como se estivessem situados num *eixo de simultaneidades* (A – B, na figura) ou, então, como se estivessem situados num *eixo de sucessividades* (C – D, na figura). No primeiro caso, o linguista se interessaria pelas relações entre fatos coexistentes num sistema linguístico, tal como elas se apresentam num momento dado, fazendo abstração de qualquer noção de tempo; no segundo caso, constituiriam objeto de seu estudo as relações que um fenômeno qualquer, localizado ao longo de uma linha evolutiva (de tempo) mantém para com os fenômenos que o precedem ou que o seguem na linha da continuidade histórica. No primeiro caso, far-se-ia um estudo de *descrição sincrônica* (ou estrutural), ao passo que no segundo caso tratar-se-ia de uma *descrição diacrônica* (ou histórica) (LOPES, 1995, p. 74, aspas e itálico do autor).

Em suma, o eixo das simultaneidades diz respeito à abordagem sincrônica, já o eixo das sucessividades refere-se à abordagem diacrônica. E, com isto, Saussure separa dois tipos de abordagens: a diacrônica da sincrônica.

Trata-se, como apontam inúmeros linguistas, de um corte epistemológico: uma ruptura com um modo de ver e de tratar a língua, a saber, em suas mudanças ao longo do tempo. A proposta saussuriana de abordagem sincrônica da língua está, como vimos, relacionada à noção de língua como sistema. Voltemos a Lopes:

Visto que nenhum elemento da língua deve ser considerado como um fato isolado – a sincronia se estabelece como “relação entre coisas existentes” –, aparece a noção de *sistema*, equivalente saussuriano para o termo *estrutura* que nem uma só vez aparece em sua obra (...) Pertence ao sistema, diz Saussure, tudo quanto seja interno, isto é, “tudo quanto faça variar o sistema num grau qualquer” (Saussure) (LOPES, 1995, p. 74, aspas e itálico do autor).

No livro *Curso de Linguística Geral*, encontram-se misturadas propositalmente leis diacrônicas e leis sincrônicas. Leia o fragmento:

Eis alguns exemplos tomados ao grego e nos quais as “leis” das duas ordens estão confundidas de propósito.

1. As sonoras aspiradas do indo-europeu se tornaram surdas aspiradas (...).
2. O acento nunca vai além da antepenúltima sílaba.
3. Todas as palavras terminam por vogal, ou por *s, n, r*, com exclusão de qualquer consoante.
4. O /s/ inicial antes de vogal se transformou em *h* (...).
5. O /m/ final se transformou em *n* (...).
6. As oclusivas finais caíram (SAUSSURE, 2006, p. 107-108).

Saussure vai nos dizer que somente a 2 e 3 são sincrônicas. Todas as demais são diacrônicas.

Para sistematizar as diferenças entre sincronia e diacronia, veja o quadro a seguir:

Abordagem sincrônica	Abordagem diacrônica
Estática	Evolutiva
Descritiva	Prospectiva e retrospectiva
Interessa-se pelo sistema	Interessa-se pelas evoluções
Descreve estados de língua e suas relações	Descreve fenômenos evolutivos individuais
Abstrai o tempo	Leva em conta o tempo
Trata de fenômenos simultâneos	Trata de fenômenos sucessivos
Estuda fatos que formam sistema entre si	Estuda fatos que não formam sistema entre si
Estuda o funcionamento da língua	Preocupa-se com a evolução da língua

Adaptado de Carvalho, 2001, p. 77.

Por fim, Saussure irá, então, dizer que:

A *Linguística sincrônica* se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistema, tais como são percebidos pela consciência coletiva.

A *Linguística diacrônica* estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si (SAUSSURE, p. 108).

É hora de voltarmos às letras das músicas “Preciso me encontrar” e “Amor I Love you”. Na primeira letra, temos um pronome oblíquo (me) que serve de objeto do verbo deixar e, ao mesmo tempo, sujeito do verbo

subsequente *ir* no infinitivo (*deixe-me ir*). Na segunda letra, é o pronome reto que comparece como sujeito do verbo infinitivo (*deixa eu dizer*). A primeira sintaxe é privilegiada pelas gramáticas; já a segunda, embora não contemplada pelas gramáticas, é corrente na língua portuguesa no Brasil – mesmo nos jornais e na literatura –, basta lembrar de: “deixa eu ver.” O que faz um linguista diante destes dois acontecimentos?

Se optar por uma abordagem diacrônica, irá percorrer as mudanças que levaram à forma corrente de “deixa eu dizer”. Há um estudo famoso, entre outros, de Tarallo (1993), sobre o fato de o português do Brasil explicitar o sujeito (daí o pronome reto) e apagar o objeto, processo este que tem a ver também com a prosódia no Brasil (com o fato de pronomes como *me* não funcionarem como átonos no Brasil, ao contrário do que nos dizem gramáticas tradicionais).

Se optar por uma abordagem sincrônica, a explicação não se dará em função das mudanças no tempo. Ele irá descrever tal funcionamento buscando ainda outros fenômenos similares na língua, como é o caso de “basta eu falar...” ou “ela fez ele dizer...”, em que outros verbos têm novamente a presença do pronome reto. Irá também observar que a forma “deixa eu dizer” concorre com a forma “deixe-me dizer” – uma comparece em certos registros sociais e outra comparece em outros – e irá buscar explicações para tais funcionamentos.

Que tal exercitarmos um pouco a noção de sincronia e diacronia, que acabamos de estudar, antes de passar ao próximo tópico?

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Indique quais definições a seguir têm caráter sincrônico e quais têm caráter diacrônico.

a) Só se encontram no português atual orações substantivas reduzidas de infinitivo, nunca de gerúndio ou de particípio (KURY, 1985, p. 74).

b) A presença do infinitivo não caracteriza oração reduzida nos seguintes principais casos, podendo constituir, em alguns exemplos, oração (não

reduzida); (...) quando entra em orações interrogativas (diretas ou indiretas) e adjetivas:

Que fazer?

Não sei que fazer.

Nota: Baseados nesta construção [Que fazer?], muitos romanistas explicam a construção *não sei que fazer* pelo emprego do infinitivo numa interrogação indireta por influência do infinitivo da interrogação direta “que fazer?”. Estudos mais recentes nos mostram que o infinitivo, nesses casos, se explica por contaminação sintática de uma oração de infinitivo (no latim *nihil habeo dicere*) com uma oração de relativo (no latim *nihil habeo quod dicam*) (BECHARA, 1988, p. 170, grifo do autor).

c) Explicando a estrutura flexional do plural do nome em língua portuguesa, Mattoso Câmara afirma, a certa altura:

Em relação à parte final do tema nominal, há por sua vez alterações fonologicamente condicionadas, que acompanham a adição da desinência /s/.

Consideremos, em primeiro lugar, os nomes de singular terminados em consoante final (-r, -l, -s). Esses nomes provêm da 3ª declinação latina, de tema em -e; houve no singular uma mudança de silabação com a integração da consoante na sílaba precedente e a queda do -e final. Nas formas de plural, entretanto, a sibilante de travamento impediu a mudança e permaneceu a vogal e do tema: *mare* > *mar*, *mares* (em vez do neutro *Maria*) > *mares*; *mense* > *mês*, *menses* > *meses*; *male* (advérbio substantivado) > *mal*, *males* > *males* (CÂMARA, 1985b, p. 79).

d) As vogais temáticas, em português, são -a, -e e -o, respectivamente. (...) Existem, também, nomes atemáticos, desprovidos da referida vogal. É o caso dos substantivos terminados em vogal tônica: *cipó*, *café*. O acréscimo de sufixo a esses vocábulos não implica a queda da vogal tônica final – *cipoal*, *cafezinho* –, o que mostra que essa vogal não é descartável e faz parte integrante do radical.

Com relação aos substantivos terminados em consoante, podemos considerá-los como atemáticos ou não. Num quadro descritivo em que *mar* é apresentado como um substantivo cujo plural se obtém através do alomorfe -es – *mar-es* –, podemos afirmar que os nomes terminados em consoante são atemáticos; se, para explicar o plural dos substantivos em questão, postularemos a forma teórica **maré*, somos obrigados a reconhecer no -e a vogal temática (KHEDI, 1990, p. 34-35).

RESPOSTA COMENTADA

Os fatos dos itens de (a) e (d) são apresentados a partir de uma abordagem sincrônica: descrevem sem fazer remissão a um tempo anterior da língua. Já os fatos (b) e (c) são apresentados a partir de uma abordagem diacrônica.

Os exemplos (a) e (b) tratam de orações reduzidas. Em Kury, não há nenhuma remissão ao histórico desses tempos verbais. Em Bechara, a explicação do uso “não sei que fazer” advém do latim. Nos exemplos (c) e (d) podemos notar que ora não se recorre ao latim para explicitar o comparecimento do -e em mares (item d), ora recorre-se ao latim para explicitá-lo (item c): portanto, abordagem sincrônica e diacrônica, respectivamente.

DE OLHO NA FAMOSA DICOTOMIA *LANGUE/PAROLE*



Fonte: http://www.sxc.hu/pic/m/b/br/brybs/1152189_classical_spectacle_on_eye_chart.jpg

Na Aula 6, você viu que uma primeira e importante distinção em Saussure é entre língua e fala. Releia as diferenças apontadas naquela aula para avançar um pouco mais agora. Vamos começar lendo Lopes:

Por *langue*, Saussure designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção dos significados. (...)

Tendo, embora, existência na consciência de cada indivíduo, a língua constitui um sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social, ao qual esse indivíduo pertence: *a língua é um conceito social* (Saussure). Daí que cada língua se distinga das demais, pelos seus sons específicos e pela organização peculiar desses sons em formas funcionais: “-ing”, por exemplo, é uma sequência de sons encontrada no português e no inglês – na forma escrita –, mas no inglês pode aparecer no final de palavras, posição que não ocorre em português (LOPES, 1995, p. 76-77, *itálico do autor*).

Com efeito, a língua é um sistema supraindividual. E o que isto nos interessa? A língua, diferentemente da fala, não é individual. Está para além do indivíduo. Não depende da sua vontade. Já vimos tudo isso na aula passada, não é mesmo? Entretanto há mais a diferenciar entre *langue* e *parole*. Vejamos alguns trechos na leitura recomendada para esta aula:

Por ser um bem social, um contrato coletivo, a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados: cada um de nós já encontra, ao nascer, formada e em pleno funcionamento, a língua que deverá falar. A sociedade nos impõe a sua língua como um código do qual nos devemos servir obrigatoriamente se desejamos que as mensagens que emitimos sejam compreendidas.

Por isso, Saussure compara a língua a um dicionário, cujos exemplares tivessem sido distribuídos entre todos os membros de uma sociedade. Desse dicionário (ao qual deveríamos acrescentar, para sermos mais precisos, uma gramática), que é a *langue*, cada indivíduo escolhe aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação. Essa parcela concreta e individual da *langue*, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure *parole* (LOPES, 1995, p. 77).

Destaquemos ainda um último trecho em Lopes:

A característica essencial da *parole* é a liberdade das combinações (Saussure). A *parole* aparece aí como uma *combinatória* individual que atualiza elementos discriminados dentro do código: assim, a *langue* é a condição para a existência da *parole*, exatamente como a sociedade é a condição para a existência do indivíduo (LOPES, 1995, p. 78).

Então, ao quadro já visto na Aula 6, podemos agora acrescentar novos componentes:

Língua (<i>langue</i>)	Fala (<i>parole</i>)
é coletiva é social é produto de convenção é essencial é supraindividual independe da vontade do indivíduo	é individual é variável é acessória é concreta (advém de situações de comunicação) depende da vontade do indivíduo

Portanto, se língua e fala são interligadas, o que percebemos é a delimitação de suas diferenças. E isto irá permitir que a língua seja estudada independentemente da fala. No momento de configuração da Linguística como ciência, é a língua, por suas características, que ocupará o lugar de objeto. Antes de fazer a atividade, não podemos deixar de registrar que o próprio Saussure apontou para uma linguística da fala, isto é, para a necessidade de estudos sobre a parte referente à fala.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2.a. Saussure irá dizer que existe “interdependência da língua e da fala”, mas isto “não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas” (SAUSSURE, p. 27). Explique tais asserções.

2.b. Conforme lemos em Lopes, “a língua preexiste e subsiste a cada um de seus falantes individualmente considerados”. Explique tal afirmação tendo em vista que a fala antecede a língua.

RESPOSTA COMENTADA

2.a. As asserções de Saussure dizem respeito ao fato de que a língua é a condição de existência da fala, ou seja, é um sistema cujo funcionamento oferece suporte à fala. Por outro lado, onde encontrar os elementos que compõem a língua, senão na fala que a concretiza? Desta relação de pressuposição advém a “interdependência” a que se refere Saussure. Por outro lado, como objetos de estudo teoricamente construídos, é possível “comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada” (SAUSSURE, s/d, p. 26). Assim, a língua equivaleria à sinfonia e a fala à execução. Esta depende do aprimoramento, da vontade, da disposição e da técnica dos músicos que a executam. Podemos dizer que a sinfonia e sua execução, a língua e a fala, são, então, coisas distintas.

2.b. A consideração de Lopes nos leva a refletir sobre o caráter supra-individual da língua, isto é, a língua está acima de seus falantes, no sentido de que dela estes fazem uso, mas não a controlam, nem escolhem suas leis internas. O indivíduo, ao nascer, já encontra a sua língua materna instaurada no seio da sociedade e dela fará uso compulsoriamente. A esse uso Saussure dá o nome de fala. Esta é resultado das combinações e escolhas do falante. Note-se que o falante só pode combinar e escolher dentro dos limites que a língua lhe apresenta. Por isso, é possível afirmar que a língua subsiste aos seus falantes, uma vez que tais escolhas não afetam o sistema da língua, mas, pelo contrário, são previstas por ele.

CONCLUSÃO

A Linguística saussuriana repousa sobre algumas dicotomias. Uma delas diz respeito à forma de abordagem dos estudos: trata-se da dicotomia diacronia/sincronia. Conforme Saussure,

é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do

mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução (SAUSSURE, s/d. p. 96).

Tal distinção separa ainda o que seriam fatores internos do sistema dos fatores externos, isto é, fatores “histórico-culturais que condicionam esse sistema” (LOPES, p. 74). De novo, retornamos à metáfora do xadrez: os elementos externos referindo-se à história do jogo; os elementos internos, à disposição das peças. Os externos apontando para laços da língua com aquilo que vai sendo posto como fora da língua: história, geografia, cultura, etc. Os internos apontando, por sua vez, para aquilo que seria autônomo no sistema linguístico. Com a palavra, Saussure: “No que concerne à Linguística interna, as coisas se passam de modo diferente: ela não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (SAUSSURE, s/d, p. 13). A segunda dicotomia, à primeira relacionada, diz respeito à distinção entre *langue* e *parole*. Tal distinção produz um objeto como uma entidade abstrata a ser estudado – *langue* – excluindo o seu uso – *parole*. Nas palavras de Ilari:

Provavelmente, nenhuma outra escola linguística, até Saussure, tinha afirmado com tanta força a separação entre a dimensão individual e a dimensão social do funcionamento da linguagem. Seguindo Saussure, os estruturalistas não só entenderam que seria preciso tratar separadamente do comportamento linguístico das pessoas e das regras a que obedece esse comportamento, mas ainda entenderam que o uso individual (a *parole*) não poderia ser objeto de estudo realmente científico. Chegou-se assim a uma situação extrema em que toda a atenção foi dedicada às “regras do jogo”, isto é, ao sistema, ao passo que os episódios de seu uso foram relegados a uma disciplina secundária (denominada às vezes “linguística da fala”, outras vezes “estilística”), à qual coube a tarefa “menos nobre” de legislar sobre fatos sujeitos a uma regularidade precária (ILARI, 2004, p. 59).

Em suma, se estas dicotomias – ao lado de outros conceitos que iremos ver em outras aulas – serviram à tessitura da Linguística como ciência, não foi a não ser ao preço de algumas exclusões: da história (os estudos devem ser sincrônicos e não diacrônicos), da fala (o objeto é a *langue* e não a *parole*) e do sujeito (o que importa são as regras, o sistema, e não o uso que delas se faz).

ATIVIDADE FINAL**Atende aos Objetivos 1 e 2**

1. Explique, por meio do trecho a seguir, a dicotomia saussuriana sincronia/diacronia:

Com a difusão das formas de tratamento, contudo, a forma Vossa Mercê, especificamente tornou-se muito comum, não sendo necessário que houvesse nenhuma diferença hierárquica de fato entre quem falava e seu interlocutor. A forma Vossa Mercê passa a indicar apenas respeito pela pessoa a quem nos dirigimos. Com seu uso ficando comum, surgem diversas formas reduzidas dessa expressão, entre elas: vosmecê, vossuncê e, com reduções ainda maiores, suncê e nosso você. Passamos de quatro para três e de três para duas sílabas. Já há algum tempo existe a variante "ce", monossilábica, utilizada, por exemplo, em situações em que não há contraste (CHAGAS, 2002, p. 152).

2. Relacione as duas colunas:

- | | |
|------------|---|
| (a) Língua | () Uso do indivíduo das potencialidades da língua. |
| (b) Fala | () Constitui-se de um sistema de signos. |
| | () É homogênea. |
| | () É heterogênea. |
| | () É um ato de vontade. |
| | () Preexiste ao falante. |
| | () Sua execução não interfere no sistema. |

RESPOSTA COMENTADA

1. A dicotomia sincronia x diacronia diz respeito às duas maneiras de observar e explicar o objeto língua. Na primeira, o linguista considera um estado de língua num determinado ponto do tempo. Com isso, ele abstrai as transformações consideradas

acidentais e se volta para o sistema homogêneo. Tomando o exemplo dado, numa abordagem sincrônica interessa saber que, atualmente, no português brasileiro a forma você e a forma cê convivem harmoniosamente. A diacronia preocupa-se com o processo evolutivo das línguas e suas transformações através do tempo. Assim, explicar a forma você, através de sua história – Vossa Mercê – vosmecê-vossuncê-você-cê –, é uma abordagem diacrônica. Saussure considera que a Linguística deve priorizar a abordagem sincrônica.

2.

- | | |
|------------|---|
| (a) Língua | (b) Uso do indivíduo das potencialidades da Língua. |
| (b) Fala | (a) Constitui-se de um sistema de signos. |
| | (a) É homogênea. |
| | (b) É heterogênea. |
| | (b) É um ato de vontade. |
| | (a) Preexiste ao falante. |
| | (b) Sua execução não interfere no sistema. |

RESUMO

Nesta aula, nos debruçamos sobre duas importantes dicotomias saussureanas: diacronia/sincronia e *langue*/*parole*. Vimos que a primeira diz respeito à abordagem: não mais histórica e evolutiva (diacrônica), como acontecia antes do século XX, mas centrando as relações num determinado estado da língua (sincrônica). Nesse sentido, os fenômenos linguísticos deixam de ser explicados em função de uma mudança ou de uma história: o que entra em cena agora é o sistema. A outra dicotomia visou a constituição de um objeto científico: a *langue*. Nesta aula, caminhou-se no sentido de adensar as diferenças entre a *langue* e a *parole*: esta, variável e heteróclita; àquela, fundamentalmente coletiva, supraindividual: condição de existência da *parole*. À *parole*, posta como do âmbito da produção particular (escrita ou falada) e mesmo idiossincrática do falante, Saussure opõe a *langue*, sistema supraindividual: condição de existência da *parole*. Com isso, Saussure abre caminho para o estudo dos elementos da língua, independentemente de sua externalidade, sem lançar mão de outros campos do saber: agora a língua pode ser focada em suas relações internas. Trata-se de uma Linguística da *langue*.

LEITURAS RECOMENDADAS

Se quiser aprofundar, saber mais sobre uma abordagem diacrônica da língua, leia: ROBERTS, Ian, KATO, Mary A. (Orgs.) *Português brasileiro: uma abordagem diacrônica*, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

Se quiser aprofundar, saber mais sobre uma abordagem sincrônica da língua, leia: MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*, Petrópolis: Vozes, 1970.

Sobre *langue* e *parole* tratam todos os livros que falam de Saussure. Nossa sugestão, além dos livros já indicados na Aula 7 sobre Saussure, é:

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. Cultrix, 1973.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Em Lopes, você deve ter lido, na parte referente à dicotomia *langue/parole*, uma outra afirmação do *Curso de Linguística Geral*: “na língua não há mais do que diferenças”. Que tal pensar em qual relação ela teria com o jogo de xadrez? Para isto, leia para a próxima aula “O valor linguístico”, de Ferdinand de Saussure.

Língua: uma questão de valor

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

9

Meta da aula

Apresentar a noção de valor linguístico.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. articular a noção de valor linguístico à arbitrariedade do signo;
2. articular a noção de valor linguístico à natureza opositiva do signo;
3. articular a noção de valor linguístico à noção de língua como sistema.

Pré-requisito

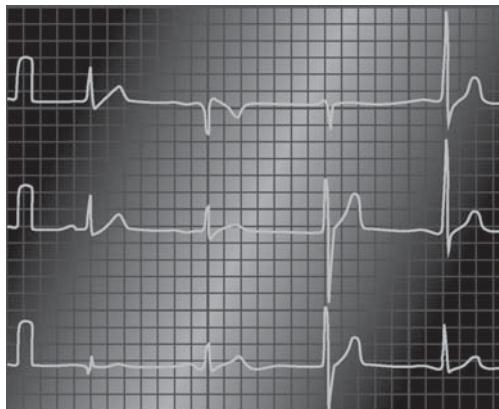
Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia (SAUSSURE, 1970, p. 130-141).

"Na língua só existem diferenças."

(SAUSSURE, 1970, p. 139)

INTRODUÇÃO

A instigante afirmativa de Saussure, tomada como epígrafe desta aula, nos remete a uma anedota. Imagine duas pessoas conversando. Um pergunta "Vamos para o bar?", o outro se espanta e diz "Para o lar?". Essa interlocução pode ter sido interrompida pelo riso, já que "bar" e "lar" são coisas bem diferentes, não é? O que provoca a confusão entre os falantes? Certamente, como você deve estar pensando, a despeito da diferença de significado, as semelhanças e as diferenças entre as palavras "bar" e "lar" são responsáveis pelo não entendimento entre os interlocutores. O mesmo poderá ocorrer entre: bar /par/ mar, ou ainda, mato/moto, lê/li, luva/lava. Por um lado, a semelhança fônica entre lar e bar permitiu o equívoco da anedota; por outro lado, a troca do fonema /b/ por /l/ alterou o significado da palavra. Podemos perceber com a anedota que na língua há semelhanças e diferenças. A que se deve, então, a afirmativa do mestre genebrino de que na língua só existem diferenças?



Fonte: <http://drwerton.site.med.br/index.asp?PageName=Pagina-2005>

Saussure quer demonstrar que o signo linguístico é definido numa rede de relações contrastivas. Diferenças e contrastes são fatores responsáveis pelo valor do signo linguístico. O valor não está, pois, contido no signo mesmo, mas é dado na relação estabelecida com os outros signos. Pense, por exemplo, em palavras que representam ideias próximas, como: bonito e lindo. O valor de ambas constrói-se na relação entre elas, de modo a compreendermos que

se estabelece uma gradação da beleza, que vai, digamos, de uma beleza na justa medida (bonito) à exacerbação da beleza (lindo). Entretanto, seguindo Saussure, se na língua não existisse uma dessas palavras, o valor de uma iria para outra, ou seja, caso a palavra "lindo" não existisse em português, a palavra "bonito" teria de contemplar os dois diferentes graus de beleza. Achou interessante a questão do valor? Semelhanças, diferenças, identidades, relações são questões importantes para compreendermos a noção de valor linguístico, e sobre algumas delas pensaremos ao longo desta aula!

LÍNGUA COMO SISTEMA E A NOÇÃO DE VALOR: METÁFORAS DE SAUSSURE

Uma das noções centrais do *Curso de Linguística Geral* é a noção de valor. Dela deriva, por exemplo, a questão da arbitrariedade do signo, já vista na Aula 4 (que tal relê-la para esta aula?), mas que agora voltaremos a abordar durante a explanação da noção de valor. A ela se relaciona também outra asserção fundamental saussuriana de que a língua é forma. A noção de valor também diz respeito à natureza distintiva e opositiva do signo e à noção da língua como sistema. Muitas informações? Registre, então, essas relações que estamos apontando e vamos, passo a passo, organizando nossos conhecimentos para compreendê-las.

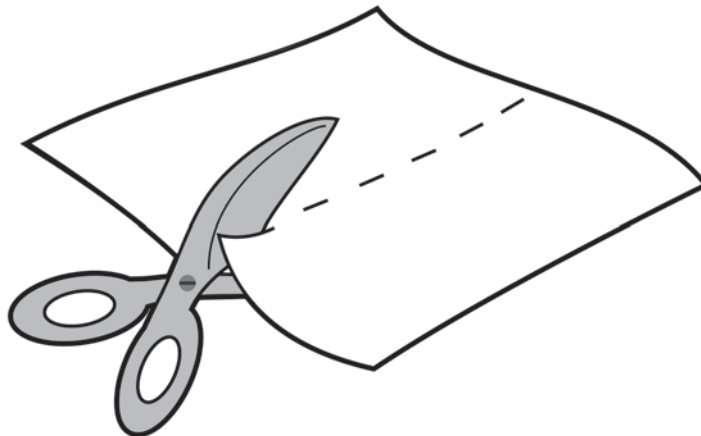
Para entender a noção de valor, iremos caminhar com algumas metáforas saussurianas: a metáfora do papel, a metáfora da moeda e uma já nossa conhecida: a metáfora do xadrez (lembra-se da Aula 7?). Em que elas nos ajudam? Fique atento e verá.

Metáfora

"A metáfora consiste no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata (...) a metáfora é o emprego de todo termo que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação" (DUBOIS et al. 1978, p. 411).

É a figura de linguagem que consiste na transferência de um termo para um âmbito da significação que não é o seu; (...) não se fundamenta numa relação objetiva entre a significação própria e a figurada, mas, sim, numa relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão (CÂMARA JUNIOR. 1984, p. 166).

METÁFORA DO PAPEL: PENSAMENTO, SOM E LÍNGUA



Começemos lendo a metáfora do papel em Saussure:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou pensamento do som (...) (SAUSSURE, 1970, p. 131).

Vamos entender tal metáfora. Para Saussure, “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua.” (idem, p. 130). Se o pensamento é como uma “nebulosa, onde nada está necessariamente delimitado” (ibidem, p. 130), Saussure ainda explica que a substância fônica “não é um molde a cujas formas o pensamento deve acomodar-se” (ibidem, p. 130). Dadas, então, as duas substâncias – psíquica (das ideias) e fônica (dos sons) –, a língua estabelece uma relação entre estes dois planos produzindo uma forma.

Saussure irá dizer que o pensamento, “caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor” (ibidem, p. 131). A língua cumpre essa função de organização de unidades dessa “massa amorfa” em que

consiste o pensamento; ou, ainda, de relação entre dois planos: ideias (pensamento) e fônico (som). Daí a língua ser comparada à folha de papel: não se corta o verso da folha sem se cortar o anverso; ora, a língua integra de forma indissociável esses dois planos: dá-lhes forma. Mais adiante retomaremos o fato de a língua ser forma; o que nos interessa reter a partir da metáfora do papel é que ela remete para a arbitrariedade do signo e nos expõe a noção de valor. Leia Saussure:

Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis por que o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário (SAUSSURE, 1970, p. 132).

Como já vimos na Aula 4, a arbitrariedade se dá tanto internamente – o elo que une significado a significante é arbitrário –, bem como é arbitrária a relação entre o signo e um exterior linguístico (reveja também a Aula 3). Já sabemos também que qualquer língua a cada momento de existência apresenta uma organização linguística. Essa organização, inerente a qualquer língua, Saussure denominou sistema. O sistema, repetindo, é composto de signos arbitrários. Aí entra novamente em cena a relevância da noção de valor. É o que nos explica o *Curso de Linguística Geral*:

“Visto ser a língua um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros (...)” (ibidem, p. 133).

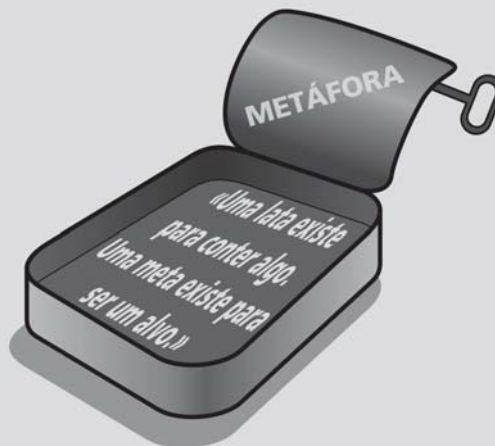
Fixando melhor, os signos, que compõem o sistema, não resultam tão somente de uma cola entre *significado* e *significante*; se assim o fosse, poderíamos considerar o signo independentemente de qualquer sistema. A noção saussuriana de sistema subsume a noção de valor: os signos *valem* na relação entre outros – por oposição, como veremos mais adiante – e não remetem para um exterior. Leia em Saussure:

[...] a ideia de valor [...] nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como união de certo som com certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra (SAUSSURRE, 1970, p. 132).

Para resumir o que vimos até aqui, ouçamos a explicação de Todorov:

Eles [os saussurianos] partem da ideia de que o conhecimento dos elementos linguísticos não é um dado, e que ninguém saberia ler diretamente na experiência quais são os elementos postos em jogo por uma língua. A razão disso é que, para Saussure, as operações necessárias à determinação de uma unidade pressupõem que a referida unidade seja relacionada com outras e substituídas no âmbito de uma organização de conjunto. E é isso que os saussurianos entendem quando falam de sistema ou estrutura da língua: os elementos linguísticos não têm nenhuma realidade independentemente de sua relação com o todo (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 27).

Para refletir um pouco mais sobre o termo "metáfora" e pensar no motivo pelo qual Saussure fez uso de imagens como papel, moeda e xadrez para explicar conceitos abstratos, divirta-se lendo e, se possível, ouça a música "Metáfora", do cantor e compositor Gilberto Gil:



Metáfora

Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo
 Mas quando o poeta diz: "Lata"
 Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
 Mas quando o poeta diz: "Meta"
 Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
 Que determine o conteúdo em sua lata
 Na lata do poeta tudonada cabe
 Pois ao poeta cabe fazer
 Com que na lata venha caber
 O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
 Deixe a sua meta fora da disputa
 Meta dentro e fora, lata absoluta
 Deixe-a simplesmente metáfora

Fonte: http://www.gilbertogil.com.br/sec_musica.php?page=3

Ouçã a música em: <http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/487564/>

Trocando em miúdos, o signo saussuriano é relacional, isto é, um signo pressupõe sua relação com outros, já que seu valor não é dado por uma realidade que lhe seja independente, ou por uma exterioridade, mas pela relação. Eis, para encerrar esta etapa, um exemplo dado por Saussure, que você deve ter lido no capítulo denominado “O valor linguístico”:

Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim. O francês diz indiferentemente *louer* (*une maison*) e o português *alugar*, para significar dar ou tomar em aluguel, enquanto o alemão emprega dois termos *mieten* e *vermieten*; não há, pois, correspondência exata de valores (SAUSSURE, 1970, p. 135).

Assim, podemos compreender que a palavra "alugar" da língua portuguesa não possui um correspondente exato na língua alemã, pois o valor que damos a ela (dar ou tomar aluguel) compreende os dois termos em alemão (*mieten/ vermieten*). Conforme nos esclarece Fiorin:

"O valor provém da situação recíproca das peças na língua, pois importa menos o que existe de conceito e de matéria fônica num signo do que o que há ao seu redor" (FIORIN, 2002, p. 58).

Em outras palavras, o valor linguístico não está apenas na dependência do laço arbitrário entre significante e significado, antes depende da relação entre um signo e outro signo. Isso torna possível que, numa dada língua, uma mesma palavra possa exprimir ideias bastante diferentes, sem que os falantes passem a considerá-la como duas palavras distintas. Em: "adotar uma moda" e "adotar uma criança", embora o significante e o significado de "adotar" sejam os mesmos, o valor da palavra não está nela mesma, mas depende da relação contraída com as outras palavras em cada uma das frases.

Antes de nos debruçarmos sobre a segunda metáfora, vamos exercitar um pouco.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1 e 3

1. Relacione as duas colunas:

- | | |
|--------------------|---|
| (a) Sistema | () é atribuído em função da relação que estabelece com o todo. |
| (b) Arbitrariedade | () marca o laço que une significante e significado. |
| (c) Valor | () é composto por signos arbitrários. |
| | () é estabelecido na relação entre os signos. |
| | () organização inerente a todas as línguas. |
| | () só pode ser atribuído no seio de um sistema. |

2. Com base no trecho a seguir, explique por que se pode dizer que as palavras não possuem de língua para língua correspondentes exatos.

A ideia de "mar" não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa *boeuf* ["boi"] tem por significante *b-ö-f* de um lado da fronteira franco-germânica, e *o-k-s* (*Ochs*) do outro (MARCONDES, 2010, p. 94).

RESPOSTA COMENTADA

1.

(c) é atribuído em função da relação que estabelece com o todo.

(b) marca o laço que une significante e significado.

(a) é composto por signos arbitrários.

(c) é estabelecido na relação entre os signos.

(a) organização inerente a todas as línguas.

(c) só pode ser atribuído no seio de um sistema.

2. As palavras de uma língua não possuem um exato correspondente em outra língua, já que o laço que une o significante ao significado é arbitrário. Isso significa dizer que não há nada na sequência de sons "mar" que aponte para o significado "parte da superfície do planeta Terra que é formada por água salgada". Esse mesmo significado poderia ter recebido qualquer outro significante, como ocorre nas diversas línguas naturais: mer (francês), meer (alemão), havet (dinamarquês). Além do aspecto relacionado à arbitrariedade do signo, a questão da não correspondência entre as diferentes línguas se relaciona à definição saussuriana de valor linguístico. Segundo essa noção, o valor de um termo não se restringe apenas ao problema da significação, tampouco à arbitrariedade que une significante ao significado, mas diz respeito também ao fato de a língua ser forma e ter como função organizar o pensamento humano. Deste modo, cada sistema linguístico vai construir, a partir de relações internas, valores para os signos. Assim, a palavra da língua portuguesa "alugar" possui um valor que não é recoberto por nenhuma palavra do alemão. Esta última língua recorta as experiências – tomar em aluguel e dar em aluguel – através de dois termos distintos: mieten/ vermieten.

METÁFORA DA MOEDA: DAS SEMELHANÇAS E DAS DESSEMELHANÇAS



Um bom exercício para entender um autor é, antes de mais nada, lê-lo. Em seguida, vale sempre à pena recorrer a outros para que se possa iluminar pontos que nos fiquem obscuros. É o que faremos agora lendo a metáfora da moeda em Saussure. Conforme este autor, todos os valores são sempre constituídos:

1º. por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser trocada por outra cujo valor resta determinar;

2º. por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa (SAUSSURE, 1970, p. 134).

Note que nessas duas características apontadas por Saussure ele reconhece que o valor se dá não exclusivamente nas diferenças, mas num tipo de jogo de contrastes. Semelhanças e dessemelhanças, ou igualdades e diferenças, geram o valor dos signos. Continuemos lendo Saussure:

Esses dois fatores são necessários para a existência de um valor. Desarte, para determinar o que vale a moeda de cinco francos, cumpre saber: 1º. que se pode trocá-la por uma quantidade determinada de uma coisa diferente, por exemplo, pão; 2º. que se pode compará-la com um valor semelhante do mesmo sistema, por exemplo, uma moeda de um franco ou uma moeda de um outro sistema (um dólar etc.). Do mesmo modo uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia, além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra (SAUSSURE, 1970, p. 134).

Dessas duas observações, podemos depreender que Saussure nos chama atenção para dois fatores do valor: um ligado à arbitrariedade do signo e o outro ao sistema da língua. E assim ele irá continuar dizendo que:

Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (SAUSSURE, 1970, p. 134).

Da leitura desses trechos de Saussure, pudemos perceber que o valor é, então, fixado pelas relações sistemáticas estabelecidas entre os signos. A metáfora da moeda ajudou muito na compreensão da noção de valor? Vamos reforçar lendo, agora, Todorov explicando Saussure:

Afirmando-se que um objeto, uma moeda por exemplo, é um valor, na verdade declara-se: (a) que ele pode ser cambiado por outro objeto de natureza diferente (uma mercadoria), e, sobretudo, (b) que seu poder de troca está condicionado pelas relações fixas existentes entre ele e outros objetos da mesma natureza (a taxa de câmbio entre a moeda e as outras moedas do mesmo país e dos países estrangeiros). O mesmo sucede com o elemento linguístico. Este elemento, para Saussure, é o signo, ou seja, a associação de uma imagem acústica (significante) com um conceito (significado), o que lhe permite responder à condição (a): seu poder de troca é servir para designação de uma realidade linguística que lhe é estranha (...). Mas o signo responde também à condição (b), pois este poder significativo, que o constitui, é estritamente condicionado pelas relações que o unem a outros significados da língua, de modo que não se pode aprendê-lo sem o reinserir em uma rede de relações intralinguísticas (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 27).

Por tudo que vimos até aqui, já podemos compreender que:

O valor do signo:
não advém de fora do sistema linguístico;
decorre da relação com os outros signos do sistema;
pode ser transferido para outro signo.

Vejamos, agora, os exemplos de Saussure para tais afirmações:

Alguns exemplos mostrarão que é de fato assim. O português *carneiro* ou o francês *mouton* podem ter a mesma significação que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, isso por várias razões, em particular porque, ao falar de uma porção de carne preparada e

servida à mesa, o inglês diz *mutton* e não *sheep*. A diferença de valor entre *sheep* e *mouton* ou carneiro se deve a que o primeiro tem a seu lado um segundo termo, o que não ocorre com a palavra francesa ou portuguesa (SAUSSURE, 1970, p. 134).

Em outras palavras, *sheep*, *mouton* e *carneiro* têm valor no sistema linguístico no qual se inserem. O mesmo podemos pensar em relação ao verbo *ser*, que em português se opõe a *estar*, o que não é o caso do verbo *to be* no inglês, por exemplo. Em português, é possível opormos as frases:

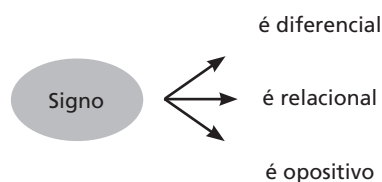
- a) Eu sou feliz.
- b) Eu estou feliz.

A oposição se faz entre um estado permanente na frase *a* um estado transitório em *b*. As noções de permanência e transitoriedade são, em inglês, ambas abarcadas pelo verbo *to be*: *I'm happy*.

Os verbos *ser* e *estar* são exemplos na língua de que os signos valem na relação – têm valores distintos na medida em que fazem parte do sistema linguístico do português – e por oposição: um é o que o outro não é, isto é, o verbo *ser* vale o que o verbo *estar* não vale; é o que o verbo *estar* não é. Caso não houvesse os dois verbos, o conteúdo iria para outros que com ele concorrem. Lembra-se da relação entre *bonito* e *lindo* feita na introdução desta aula? Conecte-a à explicação de Saussure, a seguir:

No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse todo seu conteúdo iria para seus concorrentes. (...) o valor que qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa “sol” se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer “sentar-se ao sol” (SAUSSURE, 1970, p. 134-135).

Ao longo desta aula, fizemos algumas afirmações acerca do signo a partir da reflexão sobre a noção de valor. Visualize-as no esquema:



Como entendê-las? Como vimos, o signo não tem valor em si, não é em si, ou ainda, não é uma entidade positiva. Seu valor advém da relação no sistema. Daí a afirmação saussuriana de que um signo é o que outro não é. Em outras palavras, o verbo *ser*, para repetirmos com nosso exemplo, é o que o verbo *estar* não é. Daí ser relacional – estar na relação com outros –, daí ser opositivo – não ter valor imanente, mas diferencial, como se pode ler em Saussure:

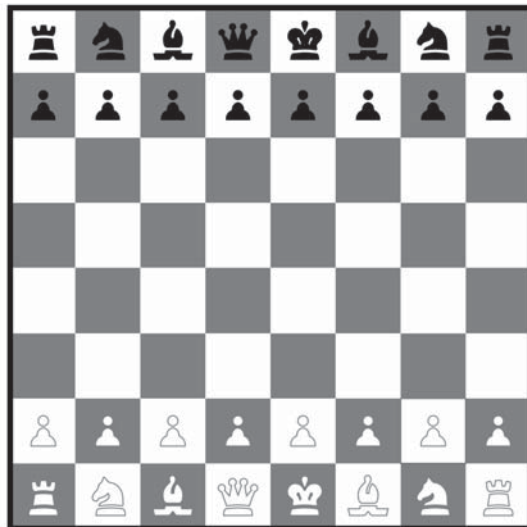
(...) em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (SAUSSURE, 1970, p. 136).

O que isto significa? Vamos encerrar esta parte com Saussure: “Tudo o que precede equivale a dizer que na *língua só existem diferenças*” (SAUSSURE, 1970, 139). A epígrafe desta aula, lembra? Leia o que a esta afirmação se segue:

E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*. Quer se considere o significado, ou o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação (SAUSSURE, 1970, p. 139).

Depois de termos visto que a metáfora da moeda nos mostra que os valores podem ser compreendidos pelas possibilidades de substituição (trocas) entre elementos semelhantes e dessemelhantes e, além disso, ter nos ajudado a compreender melhor características fundamentais do signo linguístico, tais como a arbitrariedade do signo, o seu valor negativo e a sua convivência no interior do sistema, passemos agora à metáfora do xadrez.

METÁFORA DO XADREZ



Na Aula 7, você leu a metáfora do xadrez em Saussure e refletiu sobre alguns aspectos da teoria. Observou, por exemplo, que poderíamos descrever a situação de cada peça independentemente do seu passado, e entendeu, com isso, a noção de sistema e a proposta de uma abordagem sincrônica. Novamente esta metáfora nos é importante; no caso desta aula, para compreender a noção de valor. Pense: cada momento do jogo pode ser tomado como um estado da língua a ser descrito, não é mesmo? E cada peça tem seu valor na relação com as outras peças: um cavalo não vale o que vale um peão; um bispo não vale o que vale uma rainha, e assim sucessivamente. Cada peça tem, pois, seu funcionamento regido pela relação com as outras, valem na oposição às outras e não valem fora do tabuleiro. Compreendeu agora a noção de valor? Não perca esta metáfora de vista porque, mais adiante, quando voltarmos à questão da forma, ela lhe ajudará mais uma vez.

ATIVIDADES



Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

3. Complete corretamente as sentenças a seguir:

- a) A língua não comporta nem sons nem ideias _____ ao sistema.
- b) Assim como uma moeda, uma palavra pode ser trocada por algo _____ (uma ideia) e pode ser _____ com outra palavra.
- c) O valor de um signo só pode ser determinado pelo que existe _____ dele.
- d) O valor é fixado pelas _____ sistemáticas estabelecidas entre os _____.
- e) A língua comporta _____ conceituais e _____ resultantes desse sistema.
- f) Na língua, tal qual no jogo de xadrez, cada peça tem seu _____ regido pela _____ com as outras.
- g) O _____ do signo não advém de fora do sistema linguístico.
- h) Um signo é o que o _____ não _____.

4. Indique F (falso) ou V (verdadeiro) para as afirmações a seguir. Corrija e comente apenas o que considerar falso:

() A metáfora do papel nos faz compreender que o signo é indissociável.

() A metáfora da moeda nos permite afirmar que o signo é relacional.

() A metáfora do xadrez serve tão somente para entendermos a noção de valor.

RESPOSTA COMENTADA

3.

- a) preexistentes;
- b) dessemelhante/comparada;
- c) fora;
- d) relações/signos;
- e) diferenças/diferenças;
- f) funcionamento/relação;
- g) valor;
- h) outro/é.

4.

(V) A metáfora do papel nos faz compreender que o signo é indissociável.

(V) A metáfora da moeda nos permite afirmar que o signo é relacional.

(F) A metáfora do xadrez serve tão somente para entendermos a noção de valor.

A metáfora do xadrez serve para entendermos também a diferença entre a possibilidade de uma abordagem sincrônica e, com isso, a noção de língua como sistema.

CONCLUSÃO

Conforme Ilari:

falar em *valor linguístico* a propósito de Saussure é, antes de mais nada, ressaltar a natureza opositiva do signo. O que fundamenta a especificidade de cada signo linguístico não é (como na história de Adão) o fato de que ele se aplica a certos objetos do mundo, e não a outros; é a maneira como a língua coloca esse signo em contraste com todos os demais (ILARI, 2004, p. 643).

Em outras palavras, está se afirmando que as relações que se estabelecem entre os signos são fundamentais: eles valem nessas relações; não são unidades tomadas *a priori*. A metáfora do papel nos expõe a radicalidade dessa tomada de posição: toda língua relaciona substâncias psíquicas (ideias) e fônicas (sons); esta articulação é arbitrária e inseparável – metáfora da folha de papel. E, portanto, é própria de cada língua. Indo mais adiante, tal posição nos leva à impossibilidade da sinonímia. Se um signo vale o que outro não vale, isto diz respeito a sua indissociabilidade, isto é, à impossibilidade de se separar significante e significado (mais uma vez a analogia com a folha do papel nos expõe esta afirmação: não se corta um lado sem cortar o outro). Ora, como considerar que uma palavra como *careca* possa ser sinônimo de *calvo*? Temos aí duas formas distintas: uma composta de seis letras e três sílabas, outra composta de cinco letras e duas sílabas, além de fonemas diferentes: formas, portanto, linguísticas completamente diversas e, que, por conseguinte, não poderiam ser intercambiáveis em todos os ambientes, ou seja, formas distintas com valores distintos.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Considere a citação a seguir para dissertar a noção de valor e o princípio da arbitrariedade em Saussure: “o valor [de um termo] resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 1970, p. 133).

RESPOSTA COMENTADA

Retomando a metáfora da moeda, podemos dizer que seu valor não advém do fato de a moeda ser de ouro, cobre ou prata; seu valor não lhe é inerente, mas advém da relação que estabelece no interior do sistema. Em outras palavras, e lançando mão da metáfora do xadrez, seu valor advém do jogo, isto é, do sistema. Fora do sistema, um signo não existe, não há valor. O valor do signo linguístico não está nele mesmo; ao contrário, é relacional. Essas relações podem ser de oposição, e isso remete à definição negativa do signo, através da qual podemos compreender que um signo é o que os outros não são. A noção de valor está ainda intimamente ligada ao princípio da arbitrariedade do signo. De um lado, a arbitrariedade revela que a união entre significante e significado é arbitrária e, de outro, que a relação entre os signos e os referentes do mundo natural também o é. Assim, os valores só podem ser definidos dentro de um sistema, já que não há nada nos objetos que apontem para este ou aquele signo. A arbitrariedade do signo revela também por que os valores linguísticos mudam de língua para língua, sendo, portanto, impossível haver uma tradução perfeita entre as diferentes línguas.

RESUMO

Nesta aula, compreendemos que a *langue* saussuriana se define, conforme Dubois (1978), como “um sistema de valores: (1) como um sistema de equivalências entre coisas de ordens diferentes; (2) como um sistema em que cada termo tem seu valor, por oposição com todos os outros termos e em virtude de uma convenção” (DUBOIS, 1978, p. 281). Em outras palavras, aprendemos que um signo não tem significação em si mesmo – não é, portanto, uma entidade positiva –, mas na relação que estabelece com outros do sistema – daí ser opositivo e distintivo –; tampouco sua significação advém de fora do sistema. Ele vale na relação. Aí se inscreve a noção de valor: os signos são relativos e não podem ser isolados do sistema. Com isso vimos que a noção de valor é fundamental na Linguística saussuriana: dela, como foi dito, decorre a arbitrariedade do signo, sua natureza opositiva e a própria noção de língua como sistema. Por fim, nesta aula, começamos a ver também que o signo é constituído de diferenças conceituais e fônicas. O exemplo do início da aula – lar/bar – nos mostrou isso. *Lar* e *bar* encontram-se em ambientes semelhantes fonicamente: seguidos de *ar*. Mas é exatamente a presença do /b/ ou do /l/ que irá indicar diferenças conceituais, ou seja, temos um par opositivo – lar/bar – cujo valor advém da diferença que há na nossa língua entre *b* e *l*; afinal, *bar* não é *lar*. Esta aula pretendeu mostrar, então, a centralidade da questão do valor linguístico na obra de Ferdinand de Saussure. Esgotar tão complexa questão é de fato um desafio, não acha? A ela voltaremos na próxima aula!

LEITURAS RECOMENDADAS

Sobre valor tratam todos os livros que falam de Saussure. Sugerimos os livros já indicados em aulas anteriores sobre Saussure:

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*, São Paulo: Cultrix, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1973.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

No início da aula, trouxemos de Saussure a afirmação de que a língua é forma. Tal assertiva se completa da seguinte maneira: “a língua é forma e não substância.” Que tal pensar, continuando o que começamos na Aula 8, em qual relação ela teria com o jogo de xadrez? Para isto, leia novamente “O valor linguístico”, de Ferdinand de Saussure.

Língua: uma questão de valor – parte II

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

10

Meta da aula

Adensar a noção de valor linguístico.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. articular a noção de valor linguístico à noção de forma e substância;
2. adensar a noção de forma e substância na abordagem saussuriana;
3. compreender o que é pertinente para a análise linguística.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você releia "O valor linguístico" (SAUSSURE, 2006, p. 130-141).

INTRODUÇÃO

イパネマの娘

To koritsi apo Ipanema

La fille d'Ipanema

Em uma rápida pesquisa no Google de vários países, a partir do título da famosa canção brasileira "Garota de Ipanema", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, foi possível encontrar os exemplos destacados, respectivamente em: japonês, grego e francês. A canção, de 1962, chegou a ser considerada o hino da Bossa Nova e uma das canções mais traduzidas e executadas do mundo. Caso fique curioso sobre essa história, leia mais no endereço: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1287495>.



Em que esse episódio pode interessar a uma aula de Linguística? Os exemplos destacados na epígrafe estão no código escrito dessas línguas; pense, contudo, no som que esses sinais gráficos buscam representar. Qual seria a sensação de um falante do português diante de um grupo de japoneses ou gregos cantando "Garota de Ipanema" em suas respectivas línguas maternas? Seria possível saber onde começam e terminam as palavras? Ou ainda o que elas querem dizer? Por certo, esse falante lusófono perceberia que se tratava da substância sonora dessas línguas, e, como já conhecia a música, teria também uma ideia do conteúdo associado a esses sons. Entretanto, você acha que tal conhecimento seria suficiente para que o falante do português apreendesse a forma das línguas grega, japonesa, francesa? Pense, ainda: como você se sente ao ouvir uma língua estrangeira desconhecida? A substância sonora

não parece uma cadeia de sons misturados e disformes? Você consegue depreender do que ouve as formas linguísticas?

Nesta aula, visamos a aprofundar a noção de valor e a compreender a relação entre tal noção e as noções de forma e substância; para isso, será imprescindível compreendermos as noções de forma e substância linguística. Ao final desta aula, você saberá explicar a afirmação saussuriana de que “a língua é forma e não uma substância” (SAUSSURE, 2006, p. 141).

Antes de começar a aula, procure ouvir a canção “Garota de Ipanema” em português e em outros idiomas e reflita um pouco sobre as substâncias sonoras dessas línguas. Eis algumas sugestões:

Em italiano: <http://www.youtube.com/watch?v=vwFNpxYVWWw&feature=related>

Em francês: <http://www.youtube.com/watch?v=Ws5ekl5NvQ4&feature=related>

Em português: <http://www.youtube.com/watch?v=KJzBxJ8ExRk>

A LÍNGUA É FORMA E NÃO SUBSTÂNCIA

Na Aula 9, observamos que o signo não vale por si, ou seja, não vale fora do sistema. Aprendemos que seu valor se deve à presença simultânea de outros signos. Isto nos levou a compreender que na língua só existem diferenças, ou seja, que o signo é relacional e que seu valor reside no fato de o outro signo não portar aquele mesmo valor (um é o que o outro não é, lembra?). Agora vamos nos debruçar sobre a distinção entre forma e substância.

Um aviso importante: as noções de forma e substância são deveras importantes não somente para a proposta de Saussure como também para várias outras teorias. Fique atento, pois vamos precisar delas mais adiante!

Na proposta saussuriana, a distinção entre forma e substância tem, assim como outras noções que já vimos trabalhando, relação com a noção de **VALOR**.

Para começar a aula (e retomar tudo que você já sabe), leia uma definição da noção de valor no verbete destacado.

A definição de valor dada pelo *Dicionário de Linguística* é bastante elucidativa. Nela, o autor retoma a metáfora da moeda que vimos na aula passada para explicar valor (que tal reler a Aula 9?) e traz a metáfora do xadrez (também vista na aula anterior), que, agora, nos servirá para compreendermos a relação entre valor e a noção de forma bem como a relevância da forma na descrição linguística.

VALOR

Chama-se *valor linguístico* o sentido de uma unidade definida pelas posições relativas dessa unidade no sistema linguístico. O valor se opõe à significação definida pela referência ao mundo material (a substância). Assim, as moedas, as “notas” e os cheques são manifestações diferentes de um só e mesmo valor; da mesma forma, as unidades linguísticas permanecem as mesmas, sejam quais forem os sons que as representem; eles conservam o mesmo valor, quer sejam realizados foneticamente, quer graficamente. F. de Saussure utilizou a imagem do jogo de xadrez para fazer compreender a noção de valor linguístico; uma peça do jogo, a rainha, por exemplo, é definida essencialmente pela sua posição nas regras do jogo; esse “valor” pode ser assumido por formas materiais diversas (DUBOIS, 1978, p. 609).

Começemos a discutir a noção de valor linguístico a partir da reflexão apresentada por Lopes a seguir. Nela você verá a retomada da nossa já conhecida metáfora do xadrez (como ela nos serve, não?):

O problema da dicotomia *langue/parole* está intimamente relacionado com o problema do *valor*: a língua é um sistema de valores, onde cada elemento se define em relação com outros elementos.

O exemplo do jogo de xadrez, já mencionado, esclarece a posição de Saussure relativamente ao assunto. As peças do jogo se definem unicamente pelas funções que lhe são conferidas pela legislação do jogo. Suas propriedades puramente físicas são acidentais: as dimensões do cavalo ou da torre, suas cores, o material de que as peças são feitas, tudo isso pode variar; se se perde uma peça, ela pode ser substituída por um outro objeto qualquer, conservando intocadas a sua função e a sua identidade. Basta, para tanto, que os parceiros convençam atribuir a esse objeto substituinte o *mesmo valor* atribuído à peça perdida (LOPES, 1995, p. 79, grifos do autor).



A noção de forma e substância é bastante abstrata; para que possamos compreendê-la melhor, pensemos nos elementos do mundo natural, mais especificamente nas substâncias sonoras. Para darmos sentido ao mundo, e apreendê-lo, precisamos organizar essas substâncias, dar a elas uma forma. Os sons da língua, por exemplo, são enformados pelos fonemas. Assim, conseguimos distinguir o barulho do vento do fonema /a/. Embora ambos os sons (fonema e barulho do vento) sejam formados por substâncias sonoras que podemos aproximar na nossa língua, a forma que cada um recebe é diferente.



Lopes associa a noção de forma à função. No caso de um jogo de xadrez, importa menos a substância de que são formadas as peças (se são de barro, de mármore ou de pedra, por exemplo), isto é, importa menos seu aspecto material do que a função que a elas é atribuída na partida. Note que a função e a identidade da peça não estão nelas mesmas; ao contrário, dependem das relações contraídas no jogo. Se perdermos uma peça, como nos expõe Saussure, podemos substituí-la por um objeto outro que funcione como a tal peça perdida. Transpondo essa metáfora para a questão da língua, não é difícil identificarmos o jogo com o sistema linguístico e, com isso, poder afirmar que:

- o valor dos signos que compõem o sistema não está neles mesmos;
- o valor não reside nas suas substâncias (no mármore ou na pedra que conforma a peça);
- o valor reside na forma (função) dada no interior do sistema.

Para dirimir qualquer dúvida, lembre-se de que substância diz respeito, em Saussure, à “massa disforme”. A forma, valendo-nos da metáfora do xadrez, é a peça em sua função, conforme Lopes. Em outras palavras, a forma é a função “cavalo”, “peão”, “rainha”, etc. A forma assume, na metáfora do jogo, concretude com a madeira, o mármore ou a pedra, por exemplo. Se este material – madeira, mármore ou pedra – diz respeito à substância, não tome esta concretude como algo imanente à forma, isto é, que lhe seja intrínseco por sua natureza. E lembre-se, sobretudo, de que se trata de uma analogia para compreender a noção de valor como decorrente da relação entre as peças.

Para aprofundarmos ainda mais essas questões, continuemos acompanhando Lopes:

Transpondo o raciocínio [da metáfora do xadrez] para o âmbito linguístico, um elemento qualquer da língua, um fonema, por exemplo, ou um morfema, deve definir-se do ponto de vista das suas relações para com os outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema (primeira noção de *forma*), e nunca à base de suas propriedades físicas (modo de

formação, estrutura acústica, etc.; primeira noção de *substância*).
Eis por que a língua constitui, no parecer de Saussure, uma forma
e não *uma substância* (LOPES, 1995, p. 79).

Assim, a língua não é definida por suas propriedades físicas e materiais: os sons de seus fonemas, o modo de formação dos seus morfemas, mas sim pelos valores desses elementos no interior do sistema que constituem. Pensemos, por exemplo, no português do Brasil. A pronúncia do /t/ na palavra “tia” varia de um /tʃ/, tipicamente usado no Rio de Janeiro, para o /t/ de outras regiões. Essa distinção, entretanto, não constitui uma função na língua, visto que não altera o sistema da língua. Já o fechamento e a abertura da vogal “o” nas palavras “escova” (com “ô”, substantivo feminino) e “escova” (com “ó”, 3ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo escovar) são distinções que possuem uma função na língua, visto que servem para diferenciar dois termos.

Apesar de o aparelho fonador poder produzir, em princípio, inúmeros sons, os sistemas fônicos são específicos a cada língua, isto é, as línguas não dispõem dos mesmos fonemas. Em outras palavras, aquilo que é traço distintivo numa língua não o é em outra. Em espanhol, o timbre da vogal o, por exemplo, é sempre fechado, o que dificulta para um hispânico aprendiz de português notar a distinção entre “escova” (“ó”) e “escova” (“ô”), como já vimos que ocorre em português, ou entre avô e avó. Enfim, em espanhol, diferentemente do português, não há este traço opositivo entre “ô” (fechado) e “ó” (aberto).



Por fim, ainda na citação destacada, Lopes nos faz ver que os valores das peças do tabuleiro são resultados de convenções, isto é, de acordos feitos pelos jogadores; por exemplo, a substituição de um cavalo quebrado por um cone que funcione em seu lugar depende de um acordo entre os jogadores. O mesmo acontece com as línguas. Cada uma, a sua maneira, enforma (dá forma) as substâncias sonoras, criando signos que funcionam, ou seja, recebem valores no interior – e não no exterior – dos diferentes sistemas. Estes valores decorrem de convenções arbitrárias a partir de uma coletividade (que tal recuperar a Aula 4, quando tratamos da arbitrariedade?). Da explicação dada por Lopes, da leitura de Saussure e das reflexões feitas até agora, podemos, então, afirmar que:

✓	o valor é definido a partir das relações no interior do sistema;
✓	os valores dependem das funções (da forma) e não da substância;
✓	as substâncias materiais dos signos são acidentais e não fundamentais;
✓	o valor dos signos é fruto de convenções.

Na primeira parte desta aula, exploramos essa primeira noção de forma e substância e pudemos relacioná-la à noção de valor. Exercitemo-nos um pouco, antes de continuar!

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Na Aula 9, afirmamos que a noção de valor está relacionada à questão da arbitrariedade do signo, a sua natureza distintiva, opositiva e relacional e à noção de língua como sistema. Agora, mostramos que a noção de valor também se relaciona ao fato de que a língua é forma. Explique tal relação.

RESPOSTA COMENTADA

Na primeira parte desta aula, vimos que a língua não é definida por suas propriedades físicas e materiais, mas pelos valores de seus elementos no interior do sistema. Para compreendermos a noção de valor, é preciso, portanto, voltarmos-nos para a relação entre forma e substância. Segundo Saussure, a língua é forma e não substância, ou seja, o sistema linguístico é um conjunto de formas, que possuem valores relacionais. Assim como notas, moedas e folhas de cheque possuem valores fixados em função de acordos sociais, o mesmo ocorre com os elementos linguísticos. Pensemos, por exemplo, em notas e moedas antigas que perdem seu valor; a substância de que são formadas continua a mesma: papel, aço ou bronze. Entretanto, os valores atribuídos a esse pedaço de papel e a essa porção de metal, ou seja, a função que desempenham no interior de determinado sistema financeiro, foi alterada. Notemos que o dinheiro perde

o valor, a despeito de suas propriedades físicas e materiais continuarem as mesmas. Do mesmo modo acontece com a língua, pois os valores atribuídos aos elementos linguísticos estão na dependência da função (forma) desses mesmos elementos no interior do sistema e não de suas propriedades materiais (substância).

FORMA E SUBSTÂNCIA

Será que você já compreendeu o que é forma e o que é substância? Começamos a aula trazendo substâncias sonoras de diferentes línguas para que você refletisse sobre a distinção entre forma e substância. Depois, com a metáfora do xadrez, dissemos que a matéria, isto é, as propriedades físicas e materiais (substância) de que são feitas as peças, importa menos do que a forma. Para que você entenda que a empiria da matéria é substância, e que é a forma que interessa ao linguista, lançamos mão de Lopes, que articula forma à função – um cavalo, se estiver quebrado, pode ser substituído por um cone que passa a ter seu valor, ou seja, o cone passa a funcionar como a peça do jogo.

Então, se você já entendeu a diferença entre forma e substância, o que lerá a seguir ratificará seus conhecimentos. Se ainda não compreendeu completamente, aproveite para tirar suas dúvidas lendo, agora, Borba. Vamos sair desta aula tendo firmeza na distinção entre forma e substância.

Quando os linguistas dizem que a língua é forma e não substância, querem dizer que ela é (ou tem) uma estrutura, e não é simplesmente um amontoado de elementos perceptíveis. A noção de forma (...), em que se opõe a substância, ela é entendida como aquele princípio básico responsável pela organização da realidade material utilizada como matéria-prima para compor a língua, ou seja, a substância (...). Delimitando a substância no tempo e no espaço, a forma atribui valores e funções específicas a seus diversos recortes. Para haver língua, por conseguinte, não basta dispor de um conglomerado de sons produzido pelo aparelho fonador e de uma massa de pensamentos, sentimentos, desejos, emoções a serem comunicados. É preciso que esse material se organize, vale dizer, tome uma forma (BORBA, 2008, p. 32-33).

Já tínhamos visto isso anteriormente quando trouxemos o exemplo do vento, não é mesmo? Mas cabe repetir com outra explicação, no caso de Borba:

Para tanto [para tomar forma], haverá recortes e desbastes, permitindo-se às unidades que se relacionem de algum modo. Por exemplo, o som [a] só funciona em português na medida em que, juntamente com [e], com [i], com [u] etc., forma pares opositivos que servem para distinguir unidades num nível mais elevado, o do vocábulo, por exemplo (cf. para/pêra/pira/pura). A escolha e a disposição dessas unidades num sistema é típica. Por isso, embora o aparelho fonador possa produzir qualquer som, é muito difícil que duas línguas tenham o mesmo sistema fônico (BORBA, 2008, p. 33).

O que se apontou para o sistema fônico também pode ser pensado no plano semântico:

(...) a substância semântica pode ser a mesma para todos, mas a forma lhe dá valores que só funcionam em um sistema (linguístico). Como os recortes semânticos não são idênticos, a transposição do vocabulário de uma língua para outra nunca se faz na base do uma para um. Por exemplo, a palavra terra não pode ser traduzida para o inglês simplesmente por *land* porque esta língua distingue *land* – terra cultivável; *ground*, terra ou chão, e *Earth* – terra astro. Pelo visto, cada língua conta com expedientes próprios para organizar a substância (...) (BORBA, 2008, p. 33).

Sigamos o que vai concluindo Borba com sua exposição:

Pelo que disse, compreende-se que a forma é alguma coisa abstrata e subjacente, mas que deve estar sempre presente para tornar possível a utilização da substância, que é matéria concreta, mas, por si, difusa e indiferenciada (BORBA, 2008, p. 33).

Agora que você já compreendeu que forma é abstrata, que consiste num recorte de uma massa indistinta (substância) e que sabe que é a forma que interessa à Linguística saussuriana, pode fixar a noção de forma com a definição por Dubois:

Na acepção saussuriana, o termo *forma* é sinônimo de *estrutura* e opõe-se à *substância*: a substância é a realidade semântica ou fônica (massa não estruturada), a forma é o recorte específico operado sobre essa massa amorfa e oriundo de sistema de signos. A forma da língua vai, portanto, exprimir-se pelas relações que as unidades linguísticas mantêm entre si (DUBOIS, 1978, p. 288).

Com esta segunda parte, você já sabe que:

- | |
|-------------------------------|
| ✓ substância é matéria difusa |
| ✓ forma é abstrata |

E, com a leitura de outros autores, seu quadro se ampliou para:

- | |
|---------------------|
| ✓ forma é função |
| ✓ forma é estrutura |

Você já domina bem as distinções entre forma e substância, não é mesmo? Vamos exercitar.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. Indique se as afirmações a seguir são falsas ou verdadeiras. As afirmações falsas devem ser corrigidas e explicadas no espaço ao final da atividade:

- a. () Sendo o signo arbitrário e diferencial, seu valor é dado relativamente a outros signos do sistema linguístico.
- b. () A substância é matéria difusa.
- c. () A forma é matéria concreta.
- d. () Os valores dados pelas diferentes línguas às substâncias semânticas são sempre idênticos.
- e. () Os sistemas fônicos das línguas são diferentes; por exemplo, o fonema inicial da palavra *three* (três) em inglês inexistente em português.

RESPOSTA COMENTADA

(V)

(V)

(F)

(F)

(V)

*Corrigindo e comentando as respostas falsas:**As afirmações dos itens (c) e (d) são falsas.**Em relação à afirmação do item (c), como vimos na aula, a forma é uma abstração que recorta uma substância. A forma não é concreta. A materialidade encontra-se na substância. Quando alguém fala uma palavra como “diurno”, por exemplo, há uma gama de sons para o fonema /d/ incluindo uma variação regional – no Rio de Janeiro se diz /dZ / ao passo que em várias outras regiões se diz /d/. Neste caso, a forma é o fonema /d/ (abstração), que compreende uma flutuação em seu espectro material (substância), isto é, na forma de pronunciá-lo.**Em relação à afirmação do item (d), o correto é “os valores dados pelas diferentes línguas às substâncias semânticas NÃO são sempre idênticos”, se o fossem, poderíamos traduzir palavra por palavra em qualquer língua, por exemplo. Recuperando o que vimos durante a aula, “a palavra terra não pode ser traduzida para o inglês simplesmente por land porque esta língua distingue land – terra cultivável; ground, terra ou chão, e Earth – terra astro.” Em outras palavras, cada língua possui seu próprio recorte de mundo. Pense na tão cantada e comentada palavra saudade. Será que podemos traduzi-la sem problemas para toda e qualquer língua?***ATANDO A PONTA DOS NÓS: UMA QUESTÃO DE PERTINÊNCIA**

Desde a aula passada, estamos enfrentando a complexa questão do valor linguístico. Para finalizarmos esse estudo, faz-se necessário ainda incorporar a noção de pertinência. Acompanhemos, então, a explicação de Rodolfo Ilari:

Voltemos, porém, à metáfora do jogo e ao conceito de valor. Todos nós sabemos que é possível substituir uma peça perdida (por exemplo, no jogo de xadrez, uma torre que se extraviou) por um objeto qualquer, e jogar o jogo sem problemas, desde que convencionemos

que a peça improvisada (seja ela um botão ou uma pedra) representará a que se extraviou. Essa experiência banal, além de reforçar a importância do “regulamento do jogo”, revela uma propriedade desse regulamento que poderia passar despercebida: a matéria de que são feitas as peças conta menos do que a função que lhes é atribuída convencionalmente (ILARI, 2004, p. 59).

Antes de prosseguir, a afirmação de Ilari – “a matéria de que são feitas as peças conta menos do que a função que lhes é atribuída convencionalmente” – serve para relacionarmos a outras já feitas ao longo da aula. Vale a pena recuperá-las:

→ a substância material dos signos é acidental e não fundamental (afinal, como você já sabe, não importa se as peças são de madeira ou mármore);
→ os valores das peças do tabuleiro são resultados de convenções (as peças não têm valor em si, mas na relação. E tal valor decorre de convenções. Não são produto de uma imanência da peça).

Continuando a ler Ilari:

Transferida para a língua, essa “descoberta” [a matéria de que são feitas as peças conta menos do que a função que lhes é atribuída convencionalmente] leva diretamente a outra tese saussuriana: que a descrição de um sistema linguístico não é a descrição física de seus elementos, e sim a descrição de sua funcionalidade e pertinência (ILARI, 2004, p. 59).

Quanto à questão da funcionalidade, já tínhamos visto em Lopes a relação entre valor e função. Ilari, para explicá-la, nos aponta para o uso que os estruturalistas fizeram de tal noção. Vejamos:

Os fonólogos estruturalistas fizeram um uso exemplar desse princípio. Ensinarão que, para levantar o inventário das unidades fonológicas de uma língua, é preciso distinguir as diferenças de pronúncia que são apenas físicas (articulatórias e sonoras) daquelas que permitem significar uma diferença de função. (...) É o caso das diferentes maneiras como é pronunciada em português do Brasil a primeira letra de palavras como *rato* ou *romance*: na pronúncia típica de um gaúcho, a consoante inicial é uma vibrante apicoalveolar, produzida pela vibração da ponta da língua junto à parte interna dos dentes; na fala de um paulista ou de um carioca, o *r* é, ao contrário, uma consoante velar. (...) do ponto de vista da fonologia, essa diferença não interessa, porque as duas pronúncias levam às mesmas unidades linguísticas – no caso, às mesmas palavras (ILARI, 2004, p. 59-60).

Em outras palavras, o que importa para os fonólogos é a função do “r” no início das palavras e não a variação na pronúncia.

A citação de Ilari nos traz de novidade o papel da descoberta da relação entre forma e substância para o entendimento que os linguistas passaram a ter da tarefa de descrever as línguas. Assim, para a Linguística a **PERTINÊNCIA** dos elementos da língua está relacionada à sua função. O que importa, então, na descrição das línguas é a forma e não a substância linguística.

Em resumo, uma das lições de Saussure é atentar para aquilo que é pertinente (relevante) à Linguística: a forma e não a substância. Daí a famosa asserção saussuriana: “A língua é forma e não substância” (SAUSSURE, 2001, p. 141).

PERTINÊNCIA

A pertinência é a propriedade que permite a um fonema, a um traço fonológico etc., assegurar uma função distintiva numa dada língua, opondo-se às outras unidades do mesmo nível. Não existe pertinência quando a unidade considerada perde esta função distintiva (DUBOIS, 1978, p. 466).

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

3. Responda às questões:

a) Em japonês, “l” pode ser substituído por “r”. Isto não ocorre, no entanto, em língua portuguesa, já que a substituição do “l” pelo “r” resulta em diferentes signos, por exemplo, “vara” e “vala”. Isto nos permite dizer que em japonês a diferença entre “l” e “r” não é pertinente?

b) Em português, “o” e “u” são opositivos, isto é, distinguem signos, por exemplo, “modo” e “mudo”. No entanto, em outros ambientes, esta diferença não comparece na fala. Por exemplo, a palavra “boneca” é pronunciada em certos lugares com “o” (“boneca”) e em outros com “u” (“buneca”). Isso significa que em “boneca” o par “o” e “u” deixa de ser pertinente?

RESPOSTA COMENTADA

a) Exatamente, em japonês não há pertinência na distinção entre “l” e “r”, uma vez que não indicam funções distintas. A noção de pertinência indica que a presença ou ausência de um traço fônico resulta em mudança de sentido da unidade significativa: em por-

tuguês, a mudança de “l” para “r” em certos ambientes como o do exemplo (vala e vara) resulta em termos significativos distintos. Dubois nos lembra que esta mudança, comum em várias línguas românicas (caso do espanhol também, que distingue pelo de pero), não ocorre em japonês.

b) Como vimos, o princípio da pertinência nos serve para conferir o que tem função distintiva em uma língua. No caso, “o” e “u” em português são distintivos em diversos ambientes, caso de “modo” e “mudo” ou, por exemplo, de “pôs” e “pus”. Neste caso, a distinção entre “o” e “u” é pertinente. No entanto, esta diferença se anula com a palavra boneca, em que dizer “boneca” ou “buneca” não altera seu significado. Quando a diferença deixa de existir, isto é, quando deixa de ocorrer uma função distintiva, dizemos que não há mais pertinência. Foi isto que lemos no verbete pertinência: “Não existe pertinência quando a unidade considerada perde esta função distintiva” (DUBOIS, 1978, p. 466).



Para ouvir o som dos fonemas usados nesta aula como exemplo, acesse o site http://www.editoracontexto.com.br/material_extra.asp e baixe as faixas do CD Fonética, que acompanha o livro *Fonética e Fonologia do Português do Brasil*, de Thaís Cristófaró Silva. Para a diferença entre os sons de /t/ e /tʃ/, ouça a faixa 6.

CONCLUSÃO

O conceito de valor em Saussure é articulador de todos os demais conceitos. Com ele está em jogo a dependência interna dos signos no sistema. O valor de um signo, como vimos, implica a presença de outros signos; daí o signo ser relativo e diferencial. Isto significa que o signo linguístico não porta uma identidade em si mesmo; ao contrário, sua identidade decorre da relação e da diferença, isto é, sua identidade é diferencial e relativa e não um atributo intrínseco ao signo. É por isso que Saussure irá dizer que “O que distingue um signo é tudo o que o constitui” (SAUSSURE, 2001, p. 141). A distinção entre forma e substância, bem como a eleição da forma como interesse do linguista, também se articula à noção de valor. E para entender isto é preciso ter clareza de

que as propriedades físicas da língua – e retomando a analogia com o jogo do xadrez, as propriedades materiais das peças (substância) – não importam, mas sim as diferenças que significam. A concepção de língua como forma – e não substância – se imbrica, portanto, à noção de que na língua não há senão diferenças.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Considere a citação para expor a noção de valor e a noção de forma em Saussure:

“Em português, temos o verbo perder, que aparece em frases como ela perdeu o passaporte e ela perdeu o trem. Em italiano, essas frases se traduzem, respectivamente, como *lei ha smarrito Il passaporto* e *lei ha perduto Il treno*. Como se vê, o verbo perder do português corresponde, em italiano, a *smarrire* na primeira frase e *perdere* na segunda. Acontece que o italiano diferencia entre “perder” alguma coisa que você poderia, em princípio, reencontrar (como um passaporte) e “perder” algo que não pode ser recuperado (PERINI, 1997, p. 97).”

RESPOSTA COMENTADA

Segundo Saussure, a língua é um sistema de valores. Esses valores são inteiramente relativos, já que “o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário” (SAUSSURE, 2001, p. 132). Assim, os valores atribuídos aos elementos linguísticos variam de língua para língua, sendo impossível, portanto, haver uma perfeita tradução entre palavras ou mesmo sons. No exemplo dado, podemos notar que a forma dada à ideia de “perder” é diferente entre as línguas portuguesa e italiana: “perder”, “perdere”, “smarrire”. Observando as palavras “perder” e “smarrire”, vemos que elas podem até ter a mesma significação, mas não o mesmo valor. A substância do conteúdo, ou seja, os diferentes conceitos que uma língua precisa abarcar, é a mesma, porém a forma dada a essas substâncias varia de língua para língua. Além disso, os valores atribuídos a essas formas também são diferentes. Cada língua, cada cultura

recorta a realidade de uma maneira. Ainda retomando Perini: “cada língua reflete uma organização própria imposta pela nossa mente às coisas do mundo. Assim, o que temos que dizer não é que o português (ou o italiano) é a língua que exprime mais adequadamente o conceito de perder, mas antes que esse conceito é definido diferentemente por falantes do italiano e do português” (PERINI, 1997, p. 98).

RESUMO

Nesta aula, estudamos a associação entre a noção de valor e as noções de forma e substância. A importância dessa tarefa está na busca pelo entendimento da afirmação feita por Saussure de que “a língua é forma e não substância” (SAUSSURE, 2001, p. 141). A partir da relação entre forma e substância, pudemos entender que o sistema linguístico pode ser definido como um conjunto de formas, isto é, de funções atribuídas às suas partes. Voltando à profícua metáfora do jogo de xadrez, vimos que as propriedades físicas de suas peças são apenas acidentais e que para os jogadores, o que importa é o valor dado a elas. Num jogo, mesmo tendo de substituir uma peça perdida por um cone, por exemplo, o valor “peão” ou “rainha” pode ser preservado. Com isso, vemos que a identidade da peça não é intrínseca a ela, mas depende de um acordo, uma combinação entre os jogadores. Do mesmo modo, o sistema linguístico com seus fonemas, morfemas e vocábulos depende dos valores atribuídos pelos falantes a cada uma dessas partes. Tais valores variam de língua para língua, de tal modo que entre as diferentes línguas existem diferentes sistemas fônicos, diferentes significados, diferentes combinações silábicas. Assim, enquanto a substância é matéria difusa, a forma é função e estrutura. Por fim, nesta aula, chegamos à noção de pertinência, que une todas as questões tratadas até então, pois nos mostra que só é pertinente numa língua, ou seja, só importa numa língua, aquilo que serve para distinguir. A língua é, então, um conjunto de traços distintivos. Na proposta saussuriana será pertinente aquilo que numa dada língua contrai uma função no sistema, através de oposições. Cabe ao linguista descrever esse conjunto de traços distintivos.

LEITURAS RECOMENDADAS

Sobre valor, forma e substância tratam todos os livros que falam de Saussure. Sugerimos os livros já indicados em aulas anteriores sobre Saussure:

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1973.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Se já sabemos em que consiste o signo saussuriano, que tal pensar sobre as relações entre os signos? É o que veremos na próxima aula, quando nos determos nos dois tipos de relações que os signos mantêm entre si, a saber, relações sintagmáticas e associativas. Destas relações decorre uma importante dicotomia advinda da proposta saussuriana: paradigma e sintagma. Para isto, iremos novamente ler um capítulo do nosso já conhecido Saussure: “Relações sintagmáticas e relações associativas” (SAUSSURE, 2006, p. 142-147).

Os dois eixos da linguagem: sintagma e paradigma

Silvia Maria de Sousa

Vanise Medeiros

AULA

11

Meta da aula

Apresentar os eixos sintagmático e paradigmático da linguagem.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. compreender os dois tipos de relação entre signos propostos por Saussure: relações sintagmáticas e relações associativas;
2. diferenciar sintagma e paradigma.

Pré-requisito

Para aproveitar melhor esta aula, é recomendado que você leia "Relações sintagmáticas e relações associativas" (SAUSSURE, 1997, p. 142-147).



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moda>

INTRODUÇÃO

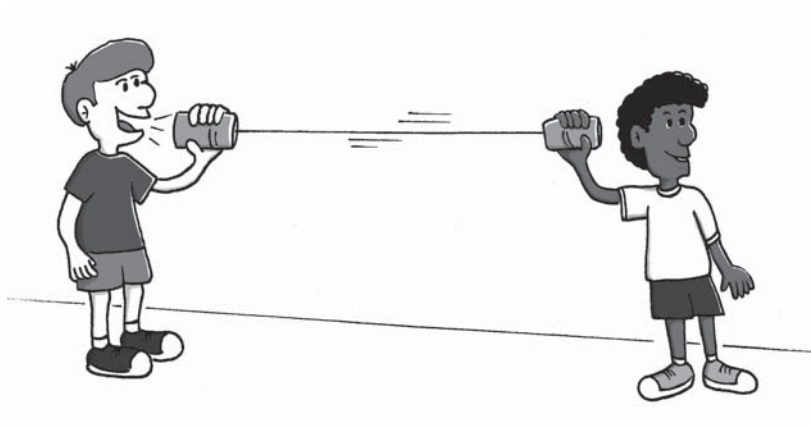
No vocabulário da moda, está muito em voga o uso da palavra inglesa "look" para indicar a combinação das peças do vestuário. Todo mundo já deve ter ouvido falar nas diferenças entre um "look de verão", um "look de inverno", um "look sofisticado", um "look descolado", etc. Em qualquer das possíveis combinações de roupas, existem diferentes peças que podem aparecer no mesmo ponto do corpo. Na cabeça, por exemplo, usam-se: chapéus, gorros, toucas, lenços, bonés, entre outros. Continuando, ainda, este raciocínio, pensemos: na troca de uma peça por outra, de um boné por um chapéu, muda-se também o sentido da indumentária? Certamente que sim, não é? Podemos, então, dizer que por trás de qualquer combinação, de qualquer conjunto de elementos diferentes que formam um "look" – calça-camisa-terno-chapéu –, existem diferentes elementos que poderiam ser escolhidos para formar outros conjuntos. A calça pode ser substituída pela saia, pela bermuda, pelo short... Essa discussão acerca de um determinado "sistema do vestuário", para a qual nos inspiramos em Barthes (1964), nos serve aqui como reflexão, pois em seu *Elementos de Semiologia*, Barthes, ao explicar a noção de sistema e sintagma advindas de Saussure, analisa os sistemas

do vestuário, da comida, do mobiliário, entre outros (cf. BARTHES, 1964, p. 67). Tal como na moda, ao usarmos a linguagem, também selecionamos e combinamos elementos. Acompanhe esta aula para descobrir como a Linguística explica isso!

RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS

Em nossas aulas, vimos, há algum tempo, tratando do signo linguístico e de suas características. Já sabemos que o laço que une o significante ao significado é arbitrário, isto é, imotivado. Examinemos, agora, mais atentamente o significante. Saussure nos adverte, como vimos na Aula 4, que:

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão*: é uma linha (SAUSSURE, s/d, p. 84, *itálico do autor*).



Em outras palavras, como estudado na Aula 4 (que tal relê-la?), Saussure aponta para o caráter linear do significante. Ao chamar atenção para o caráter linear do significante, Saussure nos mostra que:

Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia (SAUSSURE, 1997, p. 84, *itálico do autor*).

Retomando essas duas observações de Saussure e integrando a elas todos os conceitos estudados até aqui, podemos perceber que as unidades da língua recebem um tipo de distribuição e estão sempre em relação de dependência umas com as outras (lembra da noção de valor?). Veja a seguir o exemplo dado por Lopes:

Dentro de uma frase as palavras não se dispõem ao acaso, mas em posições determinadas: o artigo, por exemplo, tem em rumeno e em português a propriedade de se colocar sempre junto do substantivo com o qual forma sintagmas nominais; mas dentro do SN (sintagma nominal) o artigo português vem *anteposto* ao substantivo (cf. "o lobo"), ao passo que o artigo rumeno se *pospõe* ao nome ao qual se refere (cf. lupul, "o lobo"). Diz-se, por isso, que os elementos possuem uma *distribuição característica* (LOPES, 1995, p. 86, *itálico do autor*).

Nota-se que as palavras ocupam posições determinadas (distribuição). Tais posições não são aleatórias, mas dependem das relações entre as partes da cadeia, isto é, das relações dadas entre os elementos na linearidade da língua. À relação de dependência entre elementos numa determinada sequência dá-se o nome de relação sintagmática. Podemos, ainda, dizer que relações sintagmáticas e relações associativas são os dois tipos de relações entre os signos. Em que elas consistem é o que aprenderemos lendo Saussure. Começemos pelas relações sintagmáticas:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo, re-ler; contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos (SAUSSURE, 1997, p. 142).

Neste trecho, Saussure enfatiza a natureza opositiva dos elementos linguísticos e nos mostra que o sintagma é composto de duas ou mais unidades. Com isso, vê-se que as relações sintagmáticas ocorrem entre os termos postos numa cadeia, isto é, numa série onde os elementos se dispõem um após o outro, linearmente. Nas palavras de Saussure:

“A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva” (SAUSSURE, 1997, p. 143).

Essa “série efetiva” consiste na atualização que o falante faz do sistema da língua no momento em que constrói um sintagma. Para isso, ele precisa combinar elementos. Essa combinação se concretiza numa dimensão temporal, numa linha, já que pronunciamos um fonema após o outro. Ao dizer, por exemplo: a) “A escola”; b) “O menino correu no parque”; c) “O pai dela”, estamos nos valendo de relações sintagmáticas. Saussure nos mostra que esse caráter linear da fala “aparece imediatamente quando os representamos [os elementos da língua] pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos” (SAUSSURE, 1997, p. 84).

Você já havia parado para pensar que ao escrever formamos linhas? Continuemos refletindo sobre as relações sintagmáticas. De que modo as unidades contrastam? Acompanhe a explicação e parte da exemplificação de Lopes:

Esse contraste se dá entre *elementos do mesmo nível*: fonema contrasta com fonemas, morfema contrasta com morfemas, etc., instaurando *relações distribucionais*. Num sintagma como

O vizinho morreu de velho

temos as seguintes *relações sintagmáticas*, marcadas por *contrastos*:

(a) *no nível fonológico*:

contraste entre consoantes (C) e vogais, instaurando o *sintagma silábico*:

u- vi -zi -ñu -mo - rew -di - vε - ʁu

(b) *no nível morfológico*: (...)

O vizinh - o morr- eu de velh- o

(c) *no nível sintático*: (...)

O vizinho + morreu de velho

sujeito predicado (LOPES, 1995, p. 89-90, *itálicos do autor*).

Compreendeu melhor agora? Como vimos, as relações sintagmáticas são formadas por combinações entre elementos contrastantes; no nível fonológico, as consoantes contrastam com vogais. A partir desse contraste é possível definir a sílaba. Já no nível morfológico, podemos, por ora, pensar nas flexões e derivações das palavras. No caso dos verbos,

por exemplo, há um contraste entre o radical e as desinências (cant-ar; cant-ei). No nível sintático, o contraste ocorre entre os termos da oração (sujeito/predicado).

Sobre sintagmas, sabemos, então, que:

- decorrem do encadeamento linear;
- são combinações em presença (na fala ou na escrita);
- são compostos de duas ou mais unidades;



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_Syntagma

A palavra *sintagma* advém do grego *syntagma*, que significa “coisa ordenada, arrumada”. Na Grécia existe a praça Syntagma, considerada o coração de Atenas. Ela é escolhida pelo gregos como palco para suas manifestações.

Fonte: <http://pt.wiktionary.org/wiki/sintagma>

Antes de passar ao exame das relações associativas, que, segundo Saussure, são o outro tipo de relações entre os signos, vamos exercitar um pouco o eixo sintagmático que acabamos de estudar.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Indique em qual dos pares de enunciados a seguir está em jogo uma mudança ocorrida em função do eixo sintagmático.

(a) Um aluno se esqueceu da pasta na sala.

Um aluno esqueceu-se da pasta na sala.

(b) O aluno se esqueceu de que tinha deixado a pasta na sala.

O aluno não se lembrava de que tinha deixado a pasta na sala.

RESPOSTA COMENTADA

Apenas no item (a) ocorre uma mudança de ordem sintagmática, que reside, no caso, na colocação do pronome: no primeiro caso, anteposto ao verbo (*se esqueceu*); no segundo caso, posposto ao verbo (*esqueceu-se*). Essa é uma mudança que diz respeito à ordenação.

No item (b), a mudança é de outra natureza. Como veremos no desenvolvimento da aula, trata-se do eixo da substituição (em que “*se esqueceu*” é substituído por outra possibilidade a ele relacionado semanticamente: “*não se lembrava*”). É este eixo que iremos abordar em relações associativas.

RELAÇÕES ASSOCIATIVAS

As relações associativas, segundo Saussure, consistem em outro tipo de relação entre os signos. Para começar a entendê-las, retomemos mais um trecho de Lopes:

Nenhuma mensagem tem sentido em si mesma. Os elementos componentes de uma mensagem só têm sentido completo quando os correlacionamos, em nossa memória da língua, com os demais elementos linguísticos com os quais ele forma sistema. Os elementos da língua jamais aparecem isolados em nossa memória; pelo contrário, eles participam de classes, isto é, de conjuntos de elementos (LOPES, 1995, p. 90, *itálico do autor*).

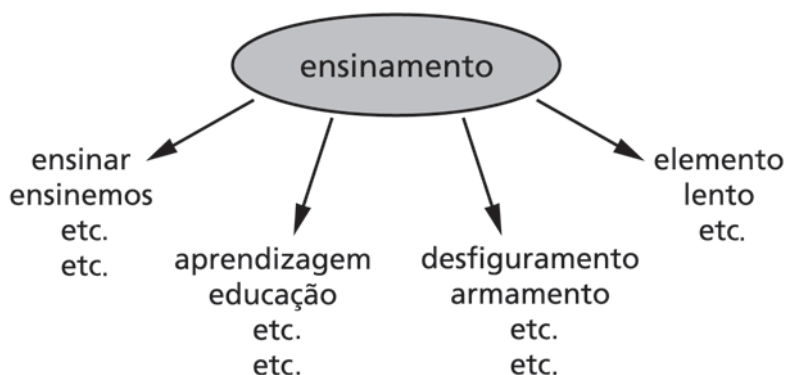
O que Lopes está nos expondo é que as palavras não são blocos estanques e isolados em nossa memória. Palavras se relacionam com outras palavras, suscitam outras, como veremos, de diferentes maneiras. Leia, então, Saussure:

(...) fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignemet* ou a portuguesa ensino fará surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner*, *reseigner* etc. ou então *armement*, *changement*, ou ainda *éducation*, *apprendissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si (SAUSSURE, 1997, p. 143).

O que está em jogo nesta explicação são as *relações associativas*, isto é, relações que não dizem mais respeito à linearidade da cadeia falada, à combinação, à ordenação, como é o caso das relações sintagmáticas. Agora, o que está em destaque é a associação: se tomarmos a palavra “ensinamento” em português, o que Saussure nos mostra é que a ela podem ser feitas associações diversas: pelo som (ensinamento/elemento); pela cadeia morfológica (ensinamento/armamento); pelo sentido (ensinamento/aprendizagem).

É o que nos explica Saussure seguido de seu já célebre esquema:

Enquanto um sintagma suscita em seguida a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos desej -oso, calor-oso, medr-oso, etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem os outros termos coordenados cuja soma é indefinida (ver a figura a seguir) (SAUSSURE, 1997, p. 146).



Fonte: Adaptado de Saussure (s/d, p. 146).

Trocando em miúdos, enquanto a relação sintagmática compõe o eixo horizontal (eixo de combinação entre as palavras), a relação associativa, que mais tarde será nomeada como “paradigma” por Hjelmslev, compõe o eixo da verticalidade (eixo da seleção entre palavras). Se recuperarmos o exemplo de Lopes já visto – “O vizinho morreu de velho” –, em lugar de “morreu” poderíamos, por exemplo, ter “faleceu”; em lugar de “o vizinho”, o pronome “ele”, e assim por diante. As possibilidades morrer/falecer e vizinho/ele fazem parte do eixo associativo (ou **PARADIGMÁTICO**, como ficou conhecido após Hjelmslev).

Com isso, percebemos que o sistema comporta todos os elementos que estão em nossa memória, digamos, virtual. E isto nos aponta para uma outra diferença capital entre os dois eixos: enquanto a relação sintagmática une os termos atuais em presença (*in praesentia*), a associativa une em ausência. Leia Saussure:



PARADIGMÁTICO

“Relações paradigmáticas são as relações virtuais existentes entre as diversas unidades da língua que pertencem a uma mesma classe morfossintática e/ou semântica.

A consideração, por F. de Saussure, das relações virtuais, percebidas pelo espírito, entre os diversos termos, é tomada de empréstimo da teoria psicológica então dominante, o associacionismo; assim, ele fala antes, em *relações associativas*. É a linguística, oriunda de seu ensino, que generaliza a denominação de relações paradigmáticas. Cada termo assinalado num ponto do enunciado mantém com os demais termos da língua uma relação diferente daquela que mantém com os outros termos do enunciado.

Esta relação é a das associações que ele provoca (...)” (DUBOIS, 1975, p. 453, *itálico do autor*).

MNEMÔNICO

Relativo à memória.

“Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série **MNEMÔNICA** virtual” (SAUSSURE, 1997, p. 143).

Sobre as relações associativas, sabemos, então, que:

→ são associações;

→ não se fazem presentes na cadeia linear;

Para compreender melhor o que propõe Saussure e resumir os conceitos apresentados nesta aula, leiamos Lepschy:

As relações que os signos mantêm entre si são de dois tipos: relações sintagmáticas e relações associativas. Na ordem sintagmática o valor de um termo é devido ao seu contraste com aquele que o precede e com aquele que o segue (visto que, pelo caráter linear do significante, um termo não pode ser simultâneo ao outro). Ao contrário, na ordem associativa, um termo se opõe aos outros com os quais “tem qualquer coisa em comum” (por semelhança ou por diferença), e que não surgem no discurso justamente porque aparece o termo, ele próprio: trata-se de uma relação *in absentia* (na ausência dos termos com os quais o termo em questão entra em relação associativa), e não *in praesentia* (em presença dos termos precedentes e subsequentes). Os termos da relação associativa constituem uma “série mnemônica virtual”, cuja sede “está no cérebro”; o termo que aparece é “como o centro de uma constelação, o ponto para o qual convergem os outros termos coordenados”, em ordem indeterminada e em número que pode ser indefinido (LEPSCHY, 1975, p. 32).

A fim de sistematizar melhor o que estudou até aqui, observe atentamente o esquema a seguir:

		(Eixo sintagmático ou das escolhas realizadas)		
(Eixo paradigmático ou das escolhas possíveis)				
	O	professor	ensinou	a lição.
	ele	explicou	exercício	
	mestre	esclareceu	matéria	

Você já sabe em que consiste cada eixo. Antes de adensarmos as noções de sintagma e paradigma, vamos exercitar.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

2.1. Relacione as colunas:

- (a) Relação sintagmática
- (b) Relação associativa

- () No nível fonológico, as unidades se combinam para formar sílabas, por exemplo, bo- lo.
- () São relações *in praesentia*.
- () As palavras leite e leiteiro se relacionam.
- () O falante pode associar na memória: carinhoso e caloroso.
- () São relações *in absentia*.
- () Na palavra "infelizmente", relacionam-se o prefixo in-, o radical -feliz- e o sufixo- mente.
- () Relaciona-se ao caráter linear do significante.
- () Ocorre quando combinamos dois ou mais elementos (por exemplo: "os alunos"; "os alunos leram"; "os alunos leram o livro de Saussure").

2.2. Explique no que consiste a "linearidade do significante" e qual é a relação entre essa característica do signo linguístico e as associações paradigmáticas. Exemplifique.

RESPOSTA COMENTADA

2.1. (a) No nível fonológico, as unidades se combinam para formar sílabas, por exemplo, bo- lo.

(a) São relações *in praesentia*.

(b) As palavras leite e leiteiro se relacionam.

(b) O falante pode associar na memória: carinhoso e caloroso.

(b) São relações *in absentia*.

(a) Na palavra "infelizmente", relacionam-se o prefixo in-, o radical -feliz- e o sufixo -mente.

(a) Relaciona-se ao caráter linear do significante.

(a) Ocorre quando combinamos dois ou mais elementos (por exemplo: "os alunos"; "os alunos leram"; "os alunos leram o livro de Saussure").

2.2. O signo linguístico apresenta também como característica o fato de que seu significante representa uma extensão, tal qual uma linha. Isso significa dizer que os elementos linguísticos são postos um após o outro. É fácil notarmos que é impossível pronunciar dois fonemas ao mesmo tempo. A linearidade do significante implica o modo como os signos são

distribuídos. Essa distribuição não ocorre de maneira aleatória, mas dentro de determinadas regras ditadas pelo sistema da língua. Em português, por exemplo, uma frase como “*De gosta estudar aluno o” não é admitida, já que fere o arranjo sintagmático esperado SN (sintagma nominal) “O aluno”+ SV (sintagma verbal) “gosta de estudar”. No nível morfológico, os prefixos e sufixos também possuem uma distribuição característica, sendo agramaticais construções como: *smeninino, *legai (menino + s = meninos; legal + i = ilegal).

SINTAGMA E PARADIGMA

Vimos falando de eixo sintagmático e eixo associativo. Depois explicamos que o eixo associativo é tomado na Linguística pós-saussuriana como paradigma. Vamos, então, trabalhar um pouco mais estes dois eixos, que, aliás, não se excluem; antes se somam no funcionamento da linguagem.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1105360>

Para ilustrar as duas relações, pense numa página da internet. Nela existem links que permitem entrar em milhares de outras páginas. Essas outras páginas se relacionam com a página que temos aberta diante de nossos olhos, mas que por não estarem sendo usadas são apenas virtuais. Ao selecionarmos um link e clicarmos sobre ele, a página será atualizada, não é? O mesmo acontece com a língua. Em nossa memória, guardamos uma série de cadeias virtuais (relações associativas, que, agora, já estamos tratando como paradigmáticas). Delas fazemos uso para montar palavras, sentenças e frases (relações sintagmáticas). Agora que você já deve ter compreendido os dois tipos de relação entre signos propostos por Saussure, vamos fixar lendo Dubois:

Em linguística moderna, o *paradigma* é constituído pelo conjunto de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de substituíbilidade. F. de Saussure ressalta, sobretudo, o caráter virtual desses paradigmas. Com efeito, a realização de um termo (= sua formulação no enunciado) exclui a realização concomitante dos outros termos. Ao lado das relações *in praesentia*, os fenômenos da linguística implicam igualmente relações *in absentia*, virtuais. Dir-se-á, então, que as unidades a, b, c, ...n pertencem ao mesmo paradigma se elas são susceptíveis de substituir umas às outras, no mesmo quadro típico (sintagma, frase, morfema) (DUBOIS, 1975, p. 453).

Tomemos de nosso poeta Manoel de Barros dois enunciados poéticos para compreender o funcionamento do eixo paradigmático na língua:

- (a) “O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito” (BARROS, http://www.releituras.com/manoeldebarros_nada.asp).
- (b) “Por pudor sou impuro” (BARROS, 2004, p. 71).

No primeiro, “O artista é um erro da natureza. Beethoven foi um erro perfeito”, há uma relação entre “o artista” e “Beethoven” que se dá pela substituição. Um dos aspectos provocadores do inusitado no poema reside em trazer Beethoven como “um erro perfeito”. Isto foi possível pela sua posição como sujeito da oração que retoma o sujeito da oração anterior: “O artista”. Um outro aspecto é a antítese que se dá no sintagma “erro perfeito”.

No segundo enunciado poético “Por pudor sou impuro”, novamente vemos a força do eixo da associação, agora na associação entre as palavras puro/impuro: acréscimo de sufixo im- ao adjetivo puro. Lembrou do esquema de Saussure que acabou de ver na aula? A poesia lida de maneira exemplar com a sonoridade da língua, não é mesmo?

Por outro lado, não podemos deixar de observar que, neste item “impuro”, há uma relação sintagmática entre o sufixo “im” e o adjetivo “puro”: trata-se, pois, de uma combinação entre duas formas.

Não podemos também nos esquecer do fato de que toda a disposição dos dois poemas se dá no eixo sintagmático, isto é, no eixo horizontal de combinação. Lancemos mão da primeira parte do primeiro poema – “O artista é um erro da natureza” – para expor algumas das relações sintagmáticas.

De imediato, podemos segmentá-lo em duas partes: “O artista” e “é um erro da natureza”, em que temos, no primeiro caso, um sintagma nominal (o artista), e, no segundo caso (é um erro da natureza), um sintagma verbal. Podemos depois dividir cada uma dessas partes em outras duas – no primeiro caso em “o” e “artista”; no segundo caso, em “é” e “um erro da natureza” – e assim podemos proceder sucessivamente até chegarmos à divisão dos fonemas, como vimos anteriormente em Lopes. Fazendo isso, estaremos efetuando uma análise linguística. Em aulas próximas voltaremos a tal análise. Vamos fechando esta aula com uma das definições do sintagma em Dubois: “Em linguística estrutural, chama-se *sintagma* um grupo de elementos linguísticos que formam uma unidade numa organização hierarquizada” (DUBOIS, 1975, p. 558).

Por que hierarquizada? Porque há dentro do sintagma uma relação de dependência em que um elemento é superior ao outro, daí a noção de hierarquia. E, assim, tais elementos se combinam na cadeia linear do discurso, conforme nos explica Saussure.

Agora que você já sabe em que consiste cada eixo, é hora de organizar em um quadro o que você precisa reter sobre os dois eixos:

Eixo sintagmático	Eixo associativo
→ eixo da linearidade → eixo da combinação → relação em presença → eixo horizontal → eixo das escolhas realizadas	→ eixo paradigmático → eixo da substituição → relação em ausência → eixo vertical → eixo das escolhas possíveis

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Considere o poema de Adélia Prado (2007) e faça o que se pede a seguir:

Aura

Em maio a tarde não arde

Em maio a tarde não dura

Em maio a tarde fulgura.

- (a) Explique relações sintagmáticas e relações associativas.
(b) Retire-os do poema de Adélia Prado para expor cada uma das relações.

RESPOSTA COMENTADA

(a) As relações sintagmáticas dizem respeito, primordialmente, ao encadeamento linear e sucessivo do significante. Esta observação de Saussure advém da impossibilidade de se falar ao mesmo tempo dois elementos da língua. Nesse sentido, as relações sintagmáticas referem-se às combinações entre os elementos efetivamente dispostos na cadeia linear e se estende para a formulação que comparece na escrita. Já as relações associativas apontam para as vastas possibilidades virtuais de ocupação de um espaço na cadeia linear. Em outras palavras, apontam para a verticalidade potencial que poderia ocorrer mas que no entanto não comparece, daí pensá-la como relação em ausência.

(b) No caso do poema de Adélia, cada verso do poema está disposto em cadeia linear (eixo sintagmático). Temos três versos cuja estrutura sintagmática (em maio a tarde) se repete mudando, no entanto, seu final: o termo “arde” para “dura” e, em seguida, para “fulgura”. Tais mudanças indicam substituições distintas (eixo paradigmático): tanto pela sonoridade (dura e fulgura) quanto pela substituição de termos de mesma classe gramatical (arde e dura) que completem seu sintagma (não arde / não dura). É a substituição – potencialidade do eixo paradigmático – no eixo sintagmático que permite o jogo de palavras que aponta para o título: “Aura”, também em relação associativa com o verbo fulgurar que fecha o poema.

CONCLUSÃO

Foi enorme o impacto da proposta saussuriana a ponto de o *Curso de Linguística Geral* ter sido colocado como fundador da Linguística no século XX. Várias são as dicotomias que se apresentam na obra saussuriana – *langue/parole*; diacronia/sincronia; significante/significado; paradigma/sintagma – e as noções que a elas se interligam – valor, significação, identidade. Nesta aula, focalizamos a dicotomia sintagma/paradigma, que consiste na forma de relação entre elementos linguísticos. Tal dicotomia se tornou bastante produtiva para vários outros campos, mesmo aqueles que não os linguísticos (na Antropologia, por exemplo). E, na própria Linguística, ela foi repensada e ampliada por vários autores. A pretexto de instigá-lo para outros estudos, leia a definição de sintagma de Mattoso e veja o quanto esta noção pode ser ainda mais ampla:

Termo estabelecido por Saussure para designar a combinação de formas mínimas numa unidade linguística superior. De acordo com o espírito da definição, implícita em Saussure, entende-se hoje apenas por sintagma um conjunto binário (duas formas combinadas), em que um elemento DETERMINANTE cria um elo de subordinação com outro elemento, que é DETERMINADO. Quando a combinação cria uma mera coordenação entre os elementos, tem-se, ao contrário, sequência (CÂMARA JUNIOR, 1984, p. 223).

Em suma, da leitura da definição de Mattoso Câmara, podemos observar que a combinação pode ser de relação subordinativa, em que há uma hierarquia entre os termos (um é determinante e outro é determinado) e aí se tem o sintagma. Neste caso, encontram-se todos os exemplos da aula, desde aqueles de Saussure (re-ler etc.). No segundo caso, em que não há uma relação hierárquica, isso é, em que dois elementos estão no mesmo patamar, temos sequência e não mais sintagma. É o caso de “prosa” e “poesia” no enunciado que se segue: “Gosto de prosa e poesia.” E, assim, você já começa a perceber o quanto tais conceitos irão nos servir para descrever as línguas. Vale dizer também que essas questões serão ainda mais exploradas futuramente em nossas aulas!

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

Explique as citações seguintes com base nos trava-línguas:

- (a) O discurso sintagmático dispõe-se sobre o eixo cujo suporte segmental é a extensão linear dos significantes e cuja propriedade básica é a [de] construir-se através da combinação de unidades contrastantes (LOPES, 1995, p. 89, *itálicos do autor*).
- (b) Paradigma é uma classe de elementos que podem ocupar um mesmo lugar na cadeia sintagmática ou, o que vem a dar no mesmo, um conjunto de elementos que podem substituir-se uns aos outros no mesmo contexto (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 358).

Atrás da pia

Atrás da pia tem um prato

Um pinto e um gato

Pinga a pia, apara o prato

Pia o pinto e mia o gato.

Sapo no saco

Olha o sapo dentro do saco

O saco com o sapo dentro

O sapo batendo papo

E o papo soltando vento.

(Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/verfolclore.php?codigo=22>)

RESPOSTA COMENTADA

O discurso sintagmático diz respeito às combinações realizadas para formar uma cadeia de signos. Na citação de Lopes, vemos que essa combinação ocorre entre elementos que contrastam entre si. Os trava-línguas são tipos de textos muito usados para brincadeiras infantis. Eles são construídos, justamente, em função dos contrastes

de fonemas, de tal modo que se torna difícil pronunciá-los, daí o nome trava-línguas. Entre: “sapo”, “saco” e “papo”, por exemplo, ficam evidentes não só os contrastes entre “p” e “c”, mas também as semelhanças entre sequências repetidas como “sa” e “po”. Os trava-línguas operam também com redes associativas, acionando aquilo que a Linguística vai denominar de “paradigma”. O paradigma é definido como o conjunto de unidades comutáveis, isto é, que podem ser substituídas entre si. Tais unidades podem ocupar o mesmo lugar na cadeia sintagmática. Isso ocorre, por exemplo, entre “s” e “p” nas palavras “sapo” e “papo”.

RESUMO

Nesta aula, debruçamo-nos sobre as relações sintagmáticas e as relações associativas, que podem ser entendidas como os dois tipos de relações entre os signos. As relações sintagmáticas se relacionam ao caráter linear do significante, isto é, ao fato de o significante ser construído como uma espécie de linha, na qual os elementos linguísticos são postos lado a lado. Tais relações, então, apontam para a distribuição contrastante dos elementos da língua, de modo que fonema se opõe a fonema, morfema a morfema, e assim sucessivamente. Desses contrastes, dessas relações opositivas, é formado o sintagma. Na palavra “lar” (“l” e “a” e “r”/ “l”+ “a”+ “r”), por exemplo, há um contraste entre uma consoante, uma vogal e uma consoante (CVC). Já na oração: “Maria foi embora”, o sujeito “Maria” contrasta com o predicado “foi embora”. O sintagma, portanto, é o eixo da combinação. Nele os elementos contraem relações em presença.

As relações associativas, mais tarde chamadas de paradigma, compõem o eixo da verticalidade, isto é, o eixo das escolhas possíveis. Segundo Saussure, o falante armazena em seu cérebro cadeias de elementos linguísticos e ao falar realiza uma seleção entre eles. Voltando à palavra “lar”, podemos dizer que a consoante “l” contrai uma relação paradigmática com “b”, já que ao substituir “l” por “b” formaríamos a palavra “bar”. Retornando à Introdução desta aula, poderíamos fazer uma aproximação entre as noções de sintagma e paradigma e a moda e dizer que, num traje montado, saia, meia, sapato e blusa formam um sintagma. Já a sandália, o tênis e a sapatilha formam o paradigma de sapato. Os eixos sintagmáticos e paradigmáticos dizem respeito, respectivamente, à combinação e à seleção.

LEITURAS RECOMENDADAS

Sobre paradigma e sintagma tratam todos os livros que falam de Saussure. Além das sugestões que viemos fazendo nas outras aulas, indicamos os respectivos verbetes nos seguintes dicionários:

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso, *Dicionário de Linguística e gramática*, Petrópolis: Vozes, 1984.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, vamos nos debruçar sobre as heranças, com suas transformações, evidentemente, do pensamento saussuriano. Mais especificamente, vamos começar a estudar o que vem a ser chamado de Linguística estruturalista. Nosso primeiro ponto de parada são os estudos fonológicos.

Linguística I

Referências

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MANUAL da redação: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

MIRANDA, José Renato de. O mundo sem gerúndio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 jan. 2006.

MORAES, Vinicius de. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1968.

_____. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1968, p. 374-376.

PERINI, Mário. *Princípios de gramática descritiva*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

POSSENTI, Sirio. Estudo científico das línguas. In _____. *A cor da língua*.

Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2001. p. 33.

RODRIGUES, Artyon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

ANGELO, Cláudio. Cientista de Harvard vê limitações em linguagem animal. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19 fev. 2008.

BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1995.

CHIMPANZÉ. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chimpanz%C3%A9>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

DUBOIS, J. et. al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 153.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert. *Introdução à linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

HENRIQUES, Claudio Cesar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 17.

QUINTANA, Mário. Disponível em: <http://www.releituras.com/mquintana_bio.asp>. Acesso em: 17 fev. 2011.

ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 1990.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso, *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MARQUEZAN (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial: São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2004.

PLATÃO. *Os diálogos de Platão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFP, 1973. v. 9.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1983.

TEIXEIRA, Lucia. Station Bourse: o que os olhos não viram. In: CORTINA; MARQUEZAN (Org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Laboratório Editorial: São Paulo: Cultura Acadêmica Editorial, 2004.

Aula 4

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 51. v. 2.

CAMARA JUNIOR, J. Mattoso, *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 182.

CUNHA, C. F. de *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

ROCHA, Ruth. *Marcelo, Marmelo, martelo e outras histórias*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, [20--?].

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1955.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Unicamp, 1992.
- CAMARA JUNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- CUNHA; A. F.; COSTA; M.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARACO, Carlo Alberto. *Linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2005.
- KRISTEVA, J. *História da linguagem*. São Paulo: Livraria Martins Fontes: Edições 70, 1983.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ORLANDI, Eni P. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PERINI, M. *Sofrendo a gramática*, São Paulo: Ática, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, [20-?].

- CAMARA JUNIOR, J. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. *História da lingüística*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CAROLL, Lewis. *Alice*. Tradução: Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 204.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARACO, Carlo Alberto. *Lingüística histórica*, São Paulo: Parábola, 2005.
- GREIMAS; COURTÉS. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) Conceitos de gramática. In: _____. (Org.) *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Aula 7

- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: São Paulo: EDUSC, 2003.
- BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.
- CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: _____. *Introdução à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- NORMAND, Claudine. *Convite à lingüística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- PAVEAU, Marie-Anne. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- TODOROV, T.; DUCROT, O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BECHARA, Evanildo. *Lições de análise sintática*. Rio de Janeiro: Livraria Padrão editora, 1988.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 1984.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 141-162.
- ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- KHEDI. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1990.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Org.) *Português brasileiro: uma abordagem diacrônica*. Campinas: Unicamp, 1993.
- TODOROV, T.; DUCROT O. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Aula 9

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*, 1984.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de linguagem: de Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SAUSSURE, F. O valor lingüístico In: _____. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 130-141.

TODOROV, T.; DUCROT. *O dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Aula 10

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 16. ed. Campinas: Pontes, 2008.

BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1973.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PERINI, Mario. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto, 2001.

Aula 11

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1964. Disponível em: <<http://armario.cl/Filosofia/Semiotica/ELEMENTOS%20DE%20SEMIOLOGIA%20-%20ROLAND%20BARTHES.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2011.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1984.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

GREIMAS, A. J. COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEPSCHY, Giulio C. *A lingüística estrutural*. São Paulo: Perspectiva. 1975.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PRADO, Adélia. *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

